



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

CLAUDIO MARCELO RAPOSO DE ALMEIDA

**Educação de Jovens e Adultos: a Escola como espaço de  
inserção social e sua contribuição para o processo de  
socialização e consolidação da autonomia de alunos  
idosos**

Brasília/DF  
2017

CLAUDIO MARCELO RAPOSO DE ALMEIDA

**Educação de Jovens e Adultos: a Escola como espaço de inserção social e sua contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia de alunos idosos**

Trabalho Final de Curso (TFC) apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

**Orientadora:** Professora Doutora Maria Clarisse Vieira.

**Brasília/DF  
2017**

***Este trabalho é especialmente dedicado...***

*A*

*todos que se interessam e/ou estão envolvidos pelo apaixonante tema da Educação de Jovens e Adultos;*

*Aos*

*estudantes da Educação de Jovens e Adultos, espalhados pelo imenso Brasil;*

*A*

*minha esposa Keila e nossas filhas, Ana Luiza e Laura, pelos anos de apoio, dedicação, esforço e sacrifício “em família”.*

Ao Povo do Brasil que, ao custear o sistema federal de educação e ensino superior, me proporcionou a oportunidade de estudar nesta renomada Universidade...

Aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá, exemplo de seres humanos: vocês inspiraram e motivaram a realização deste Trabalho...

À Escola Classe 03 do Paranoá, sua equipe gestora, corpo docente noturno e demais funcionários, pela acolhida e pela oportunidade de estar entre vocês...

A minha professora orientadora, Profa. Dra. Maria Clarisse Vieira, que pacientemente me orientou neste trabalho e aqui tão bem representa todos os professores que tive ao longo de minha trajetória...

Aos colegas e amigos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, na pessoa de minha parceira, a educadora Ana Rosária Borges de Faria...

A todos os companheiros de GENPEX, especialmente aos integrantes e participantes das frentes Paranoá e Taguatinga, que compartilharam este ano de estudo e pesquisa...

Aos mui queridos Thaís Daros Carneiro e Daniel Pátaro, fieis amigos e companheiros da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (FE/Unicamp), onde iniciei o curso de pedagogia...

A meus estimados sogros, Antonio Carlos da Cruz e Clenir Trindade da Cruz, pelo apoio, incentivo e auxílio durante minha passagem por Campinas e pela Unicamp...

Aos nobres amigos que, de tão leais, dedicados e especiais, se transformaram em verdadeiros irmãos de coração: Antonio Gonçalves Domingo, André Luiz Vilarinho e Adaor Marcos de Oliveira...

A minha amada tia e madrinha, Ana Maria Luiza de Barros, grande incentivadora, por acreditar em mim e com seu amor maternal, tão bem representar meus pais e minha família de origem...

A minhas amadas Keila (esposa), Ana Luiza e Laura (filhas), que me acompanharam ao longo desta jornada, vocês são minha fonte de inspiração e a razão para eu continuar...

**... MUITO OBRIGADO!**

***“Não posso desfazer a história e tampouco APAGAR os erros. A única coisa possível é CONTINUAR apontando o lápis para escrever o restante que ainda falta”***

**(Ita Portugal)**

## RESUMO

RAPOSO DE ALMEIDA, C. M.. **Educação de Jovens e Adultos: a Escola como espaço de inserção social e sua contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia de alunos idosos.** Trabalho Final de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

Este Trabalho Final de Curso buscou investigar os significados de Educação e de Escola para alunos idosos da EJA, bem como, a contribuição da escola para o processo de socialização e de consolidação da autonomia desses sujeitos, com reflexos em seu cotidiano. Foi analisada a presença de alunos idosos na escola, caracterizando o aluno idoso da Educação de Jovens e Adultos, especialmente os alunos idosos da Escola Classe 03 do Paranoá, com ênfase na relação que esse grupo mantém com a educação e com a escola que, por sua vez, é descrita como um espaço de inserção social. A construção do referencial teórico se deu a partir da exposição do panorama do idoso no Brasil e na Educação, destacando o aumento da população idosa, o idoso no contexto educacional, suas lembranças de uma infância sem escola, sem estudo, o que os atrai para a escola, para a EJA, além de suas impressões quanto às contribuições da EJA para suas vidas. Em relação à metodologia utilizada e ao desenvolvimento do presente trabalho, inicialmente caracterizou-se o campo de pesquisa e, na sequência, classificada como uma pesquisa qualitativa e especialmente participante, com a aplicação de entrevistas não diretivas como instrumento para coleta de dados e a realização de um levantamento bibliográfico acerca do tema, somando-se a isso as experiências vivenciadas ao longo do ano de 2016, como membro participante do GENPEX/UnB (Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais). Em conclusão, foi constatado que o atual quadro demográfico brasileiro aponta o aumento no número da parcela idosa da população, configurando uma nova realidade, o que gera a necessidade de repensar, reelaborar e reestruturar a sociedade a partir da observação e da percepção dessa nova configuração social, da vivência, da inserção e da interação com todos os sujeitos desse novo mundo, com destaque para os idosos, compreendendo novos conceitos e as atuais concepções de velhice, de velho, de idoso e do próprio processo de envelhecimento.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Idosos; Inclusão social; Socialização; Autonomia.

## ABSTRACT

RAPOSO DE ALMEIDA, C. M. Youth and Adult Education: a School as a place of social insertion and its contribution to the process of socialization and consolidation of the autonomy of elderly students. Final Paper - Undergraduate - Faculty of Education, University of Brasília, Brasília, 2017.

This Final Course Work sought to investigate the meanings of Education and School for elderly students of Youth and Adult Education, as well as the contribution of the school to the process of socialization and the consolidation of the autonomy of these subjects, with reflexes in their daily lives. It was analyzed the presence of elderly students in the school, characterizing the elderly student of Youth and Adult Education, especially the elderly students of the Paranoá Class 03 School, with emphasis on the relation that this group maintains with education and with the school that, for in turn, is described as a space for social insertion. The construction of the theoretical referential was based on the panorama of the elderly in Brazil and Education, highlighting the increase of the elderly population, the elderly in the educational context, their memories of a childhood without school, without study, which attracts them to school, for Youth and Adult Education, as well as their impressions of the contributions of Youth and Adult Education to their lives. In relation to the methodology used and the development of the current work, the field of research was initially characterized and, subsequently, classified as a qualitative and special participant research, with the application of non-directive interviews as a tool for data collection and a bibliographical survey on the theme, adding to it the experiences lived throughout the year 2016, as a participant member of the Teaching-Research-Extension group in Popular Education And Philosophical and Historical-Cultural Studies (GENPEX / UnB). In conclusion, it was verified that the current Brazilian demographic picture shows the increase of the elderly population, which demonstrates a new reality, generates the need to rethink, re-elaborate and restructure society based on observation and perception of this new social configuration, experience, insertion and interaction with all the subjects of the new world, with emphasis on the elderly, understanding new concepts and the current conceptions of old age, old age and the aging process itself.

Keywords: Youth and Adult Education; Elderly; Social inclusion; Socialization; Autonomy.

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>CE</b>	Estado do Ceará
<b>CEDEP</b>	Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá-Itapoã
<b>CRE</b>	Coordenação Regional de Ensino
<b>DF</b>	Distrito Federal
<b>DP's</b>	Dependências
<b>EDUCS</b>	Editores da Universidade de Caxias do Sul
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>EMC</b>	Educação Moral e Cívica
<b>FE</b>	Faculdade de Educação
<b>FGF</b>	Faculdade Integrada da Grande Fortaleza
<b>GENPEX</b>	Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais
<b>HC</b>	Hospital de Clínicas
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IPEA</b>	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
<b>ITCP</b>	Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
<b>MG</b>	Estado Minas Gerais
<b>MTC</b>	Departamento de Métodos e Técnicas
<b>OAB</b>	Ordem dos Advogados do Brasil
<b>OAB/SP</b>	Seção de São Paulo da Ordem dos Advogados do Brasil,



<b>OSPB</b>	Organização Social e Política Brasileira
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
<b>PR</b>	Estado do Paraná
<b>QV</b>	Qualidade de vida
<b>RJ</b>	Estado do Rio de Janeiro
<b>RS</b>	Estado do Rio Grande do Sul
<b>SciELO</b>	<i>Scientific Electronic Library Online</i> (Biblioteca eletrônica de periódicos científicos)
<b>SC</b>	Estado de Santa Catarina
<b>SP</b>	Estado de São Paulo
<b>TFC</b>	Trabalho Final de Curso
<b>UFRS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília
<b>Unicamp</b>	Universidade Estadual de Campinas
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	12
PARTE I .....	15
MEMORIAL .....	15
. Eu e a Educação: minha origem, nosso encontro e os caminhos que já percorri.....	15
PARTE II .....	30
MONOGRAFIA .....	30
CAPÍTULO 1 .....	30
1. INTRODUÇÃO .....	30
1.1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: a presença de alunos idosos na escola.....	30
1.2. OBJETIVOS .....	33
1.2.1. OBJETIVO GERAL.....	33
1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	33
CAPÍTULO 2 .....	34
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
2.1. Caracterização do campo de pesquisa: minha chegada, como fui acolhido e minha atuação junto à comunidade escolar.....	34
2.2. Uma pesquisa qualitativa e especialmente participante. ....	36
2.3. Entrevistas não diretivas: um registro das impressões de alunos.....	37
2.4. Levantamento “bibliográfico” acerca da produção acadêmica relacionada ao tema objeto desta pesquisa.....	39
CAPÍTULO 3 .....	48
3. Panorama do Idoso no Brasil e na Educação.....	48
3.1. O aumento da população idosa no Brasil.....	48
3.2. O idoso no contexto educacional brasileiro.....	49
3.3. O idoso na Educação de Jovens e Adultos.....	51
3.4. Os alunos idosos presentes na Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá.....	52
CAPÍTULO 4 .....	54
4. 0. Relação entre as contribuições dos trabalhos de pesquisa analisados e as informações prestadas pelas pessoas entrevistadas.....	54

4.1.	Caracterização dos alunos entrevistados.....	54
4.2.	Uma nova realidade social e novas concepções de velhice, de velho, de idoso e um novo olhar sobre o processo de envelhecimento. ....	55
4.3.	A necessidade de implementar ações e políticas públicas que consolidem o direito do idoso à educação.....	57
4.4.	Educação, Escola e a inserção social do idoso.....	59
4.5.	O que atrai os idosos para a escola e para a EJA. ....	62
4.6.	Memórias de uma infância sem escola, sem estudo. ....	64
4.7.	Impressões dos alunos idosos sobre as contribuições da EJA. ....	66
4.8.	O futuro do idoso e da EJA sob uma perspectiva interdisciplinar. ....	68
5.0.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	71
	PARTE III.....	74
	PROJETOS PARA O FUTURO .....	74
	REFERÊNCIAS .....	77
	ANEXO A: Carta de Encaminhamento de Estudante expedida pela Coordenação Regional de Ensino do Paranoá-Itapoã.....	80
	APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Direção da Escola Classe 03 do Paranoá	
	81	
	APÊNDICE B: Roteiro da entrevista .....	82
	APÊNDICE C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos alunos entrevistados .....	84
	APÊNDICE D: Transcrições das entrevistas.....	89

## APRESENTAÇÃO

O presente estudo corresponde ao Trabalho Final de Curso, um requisito obrigatório para a obtenção do título de Graduação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Este trabalho está estruturado em três partes: memorial, monografia e projetos para o futuro.

A primeira parte apresenta o Memorial e ali eu discorro sobre minha origem, meu encontro e minha relação com a educação, desde o mais tenro tempo, os caminhos e a trajetória que percorri, como estudante e profissional da educação, meu início na pedagogia, a mudança com a família para Brasília, o ingresso na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e, ainda, exponho minha relação com o tema da Educação de Jovens e Adultos, como conheci minha professora orientadora e me integrei ao GENPEX, o que me levou até a Escola Classe 03 do Paranoá, onde fui acolhido e, finalmente, em um ano letivo de convivência e vivência, pude desenvolver esta pesquisa.

A segunda parte apresenta a monografia propriamente dita, e tendo como tema - “Educação de Jovens e Adultos: a Escola como espaço de inserção social e sua contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia de alunos idosos” - analisa a presença de alunos idosos na escola, caracterizando o aluno idoso da Educação de Jovens e Adultos, a relação que esse sujeito mantém com a educação e com a escola que, por sua vez, é descrita como um espaço de inserção social que contribui para o processo de socialização e consolidação da autonomia desse grupo populacional.

Este estudo é composto por 4 capítulos: 1) na introdução, o “capítulo um” expõe a presença de alunos idosos inseridos na educação e na escola, e na sequência apresenta quais são os objetivos desta pesquisa; 2) o “capítulo dois” aborda os procedimentos metodológicos, caracterizando o campo de pesquisa, classificando a pesquisa desenvolvida como qualitativa e especialmente participante, indicando a utilização de entrevistas não diretivas como instrumento para coleta de dados, mas também, a realização de um levantamento bibliográfico

acerca do tema; 3) o “capítulo três” discorre sobre o panorama do idoso no Brasil e na Educação, destacando o aumento da população idosa, o idoso no contexto educacional, especialmente na EJA e, ao final, caracteriza os alunos idosos da Escola Classe 03 do Paranoá; por fim, o “capítulo quatro”, apresenta uma discussão acerca dos resultados obtidos a partir da relação que foi estabelecida entre as contribuições dos trabalhos de pesquisas analisados em decorrência do levantamento bibliográfico e os depoimentos dos alunos entrevistados.

Ainda em relação ao “capítulo quatro”, é importante salientar que ele está dividido de acordo com os assuntos assim categorizados: 1) as características dos alunos entrevistados; 2) a nova realidade social, as novas concepções de velhice, velho, idoso e um novo olhar sobre o envelhecimento; 3) a necessidade de implementar ações e políticas públicas que consolidem o direito do idoso à educação; 4) a relação educação-escola-idoso e sua inserção social; 5) o que atrai os idosos para a escola e para a EJA; 6) as memórias de uma infância sem escola, sem estudo; 7) impressões dos alunos idosos sobre as contribuições da EJA e; 8) o futuro do idoso e da EJA sob uma perspectiva interdisciplinar.

Após a exposição das considerações finais, advém a terceira e última parte deste trabalho, que apresenta meus “Projetos para o Futuro”, numa perspectiva sobre minhas aspirações para continuar a estudar e a pesquisar o tema da Educação de Jovens e Adultos e, se possível, continuar minha caminhada em um curso de pós-graduação.

*“No culto do passado vamos buscar forças para o presente e  
inspiração para o futuro”*

**(Autor desconhecido)**

## PARTE I

### MEMORIAL

**. Eu e a Educação: minha origem, nosso encontro e os caminhos que já percorri.**

“Todos os dias de nossas vidas, independentemente de nossas vontades, do lugar em que estamos, de com quem convivemos, de nossas idades, mesmo sem perceber, sempre estamos estudando e aprendendo algo novo, reformulando nossos conhecimentos, nossas ideias, nossos pensamentos”.

Diante do enorme dilema sobre como iniciar este memorial, após muito refletir, trago pela memória a frase acima destacada, que ouvi de meu pai – Francisco Manoel Raposo de Almeida – então com quase 95 anos de idade, mas, ainda assim, extremamente lúcido e consciente, em meio às idas e vindas a algumas internações hospitalares, pouco tempo antes de seu falecimento.

A citada frase indica, consideravelmente, o ambiente em que fui criado e alguns dos valores e princípios, contidos no seio familiar, em que estão fundadas minha educação e minha formação enquanto pessoa-cidadã, especialmente na busca pelo saber eclético, pelo conhecimento geral, no valoroso respeito à educação, à cultura e às suas diversidades, independentemente de seus formalismos e de suas formalidades, mas também, na possibilidade de, humildemente, rever, corrigir, reconsiderar e reformular conhecimentos, ideias e pensamentos.

Nasci na cidade de São Paulo, no estado de mesmo nome, em 30 de dezembro de 1970, em uma família de classe média, 4º filho de um médico e professor universitário, desquitado, que já contava com 57 anos e de sua terceira esposa, minha mãe – Maria Cecília de Barros - uma jovem de 28 anos, solteira, dona de casa, de quem sou o primeiro filho, que “apenas” havia completado o antigo curso primário e se profissionalizado em secretariado.

Na família de meu pai, que nasceu em 1913, a educação, inclusive a superior, já era algo comum há quatro gerações.

Em sua geração, entre meu pai e seus primos, já eram muitos os médicos, os advogados e os engenheiros diplomados, filhos de outros médicos e advogados, netos de um advogado, professor e jornalista, bisnetos de outro advogado, professor, jornalista e ainda escritor, um português formado em Coimbra, que migrou para o Brasil em meados do século XIX, para atuar como professor em colégios jesuítas.

Além disso, ele fundou diversos jornais, sediados em várias pequenas cidades do interior paulista e mineiro, escreveu livros e claro, é o patriarca de vasta família, cujos descendentes, ao longo do tempo e das gerações, na típica miscigenação à brasileira, foram se misturando com filhas e filhos de várias origens, de muitos povos, das mais diversas etnias.

A família de minha mãe (nascida em 1942) descende de imigrantes europeus, sobretudo alemães e italianos que chegaram ao Brasil em meados do século XIX e concentraram-se no interior do estado de São Paulo, onde foram trabalhar na lavoura e se misturaram, inclusive por casamentos, com outros camponeses, caboclos da terra e filhos de decadentes famílias luso-brasileiras, anteriormente tradicionais.

Seguindo a rota historicamente conhecida, a família abandonou o campo, a atividade rural e migrou para a cidade de São Paulo, passando a trabalhar no comércio, em serviços domésticos e em fábricas, substituindo o modo campesino de viver, pelo operariado urbano.

Até a geração de minha mãe, com algumas exceções fora da linha direta, a formação educacional de meus familiares não tinha ido muito além do antigo curso primário, ou até o ano de admissão, porém, a não aprovação e o não ingresso no curso ginasial, estabelecia uma barreira e impedia as pessoas de continuarem a estudar formal e regularmente.

Como opção, restava o ingresso em cursos profissionalizantes e alguns cursos complementares, razão pela qual, alguns se tornaram técnicos, algumas



secretárias, alguns funcionários públicos, outros operários, comerciários e muitas donas de casa.

Fui criado em meio a essa grande diversidade social, econômica e cultural, em que, para um lado da família, continuar a estudar era algo comum, encarado com normalidade, pois eu seria apenas mais um a quem sabe chegar ao curso superior, enquanto que para o outro lado, isso seria uma novidade, uma grande conquista familiar, a garantia certa da estabilidade econômica, da possibilidade de ascender socialmente, a chancela do domínio de um saber educacional e cultural.

Foi nesse contexto familiar e social que, aos dois anos de idade, em 1973, fui matriculado em uma escola particular de educação infantil do bairro em que morávamos em São Paulo, denominada “Pinte o Sete”, que depois de uma reestruturação e uma mudança de endereço, passou a se chamar “Escola da Tia Marisa”, onde permaneci até 1976.

Lembro-me com carinho de boa parte desse tempo, da caminhada prazerosa que fazia entre minha casa e a escolinha, principalmente quando as árvores floriam-se, o que por si só já era motivo de alegria e para muitas brincadeiras, quer com minha mãe, quer com a Anísia, que chegou para trabalhar em casa quando minha mãe engravidou de minha irmã e dentre suas tarefas, uma delas era tomar conta de mim, o que sempre fez com muita dedicação, carinho, atenção e amor.

Quanta saudade!

Quando a escolinha mudou de nome e de endereço, ficou mais longe de casa e passou a ser habitual, após eu almoçar, esperar a chegada de meu pai sentado à porta de casa, comendo uma saborosa barra de “chokito”, para ele me levar para a escola.

Ali, em meio a um enorme pátio ajardinado, em meio a gira-giras, gangorras, trepa-trepas, escorregadores e um chamativo forte-apache, nós, as crianças, brincávamos divertidamente.

Sobre aquele momento de espera, fecho os olhos e uma imagem me vem à mente, nela, em plena cidade de São Paulo, vejo as hortênsias que davam nome à rua em que morávamos e até sinto o perfume delas exalado no ar.

De volta à escolhinha, foi naquela época que, a partir de atividades manuais, das produções “artísticas” e “artesanais”, aos poucos as letras e os números me foram apresentados, passaram a fazer parte de minha vida, de meu cotidiano.

Com cerca de seis anos já conhecia boa parte das letras e dos números, escrevia meu nome e mais algumas palavras, praticamente estava alfabetizado.

Nesse período, mudamos de uma casa para um apartamento, em outro bairro e, por causa da distância, meus pais resolveram nos transferir – eu e minha irmã – de escola.

Foi, então, quando nos matricularam no “Jardim Escola Varinha Mágica”, onde concluí a educação infantil em 1977.

Entre os colegas de classe, um deles era meu sobrinho Serginho, que é um pouco mais velho do que eu.

Geralmente, sentávamos próximos e é desse tempo que eu guardo as primeiras lembranças de estar sentado em uma carteira escolar e ficar atento a uma lousa, àquilo que a professora passava e escrevia, a giz, naquele quadro que se destacava na sala de aula.

Lembro, também, que por alguma razão ainda inexplicável, mas que atribuo aos anos anteriores de “aluno” vindo de outra “escolhinha”, eu apresentava certa facilidade para acompanhar as “aulas”, para ler e interpretar o que a professora escrevia na lousa e para realizar o que era proposto, concluindo as atividades antes que boa parte dos colegas de turma.

Dessa forma, já solícito e participativo, me recordo de ter começado a auxiliar meu sobrinho e outros colegas que nos cercavam, inclusive com o aval e o incentivo da professora, o que, quem sabe, pode representar o primeiro dos muitos

passos e gestos de um futuro educador/professor, cuja formação estou certo, nunca se concluirá.

Bem, mas foi assim que finalizei a educação infantil e fui preparado para, no ano seguinte, iniciar o “primeiro grau”, na época ainda chamado e conhecido pela antiga denominação, qual seja, “primário”.

Completei sete anos em dezembro de 1977, o que possibilitou meu ingresso na primeira série do primeiro grau no ano seguinte, no Colégio Nossa Senhora Aparecida, mantido por uma ordem religiosa de freiras.

Desse ano, 1978, inicialmente me lembro da expectativa e toda a ansiedade para começar a frequentar uma escola de grande porte, com vários prédios, alguns bem altos, muitos corredores, muitas salas, um enorme pátio, quadras poliesportivas, anfiteatro e repleto de pessoas.

Sobre meu primeiro dia de aula, cabe destacar que recordo bem de minha professora, Sra. Marlene, que conheci à porta da sala de aula, até onde minha mãe pôde me acompanhar e aproveitou para cumprimentá-la.

Depois que todos os alunos entraram na sala e se sentaram, a professora se apresentou, pediu para um a um os alunos se apresentarem, informando seus nomes para os colegas e em seguida solicitou que abrissemos os cadernos e escrevêssemos o cabeçalho e nossos nomes.

Ufa! Eu consegui. Foi uma grande vitória, uma conquista. Mal sabia, eu, quantas mais estavam por vir.

O tempo passou e tranquilamente, sem qualquer tipo de dificuldade, trauma ou mágoa, ao final do período letivo fui aprovado para a segunda série.

Permaneci no mesmo colégio, mas com uma nova professora, Sra. Marli, que trabalhava apenas com meninos, razão pela qual não havia meninas em minha turma.

Entre as tantas lembranças desse ano, 1979, vale mencionar uma nova mudança de endereço e de bairro, porém, a de escola ficou para o ano seguinte.

Sobre o colégio e minha relação com a educação, resumo minha recordação sobre o fato de ficar em recuperação de matemática porque eu não sabia escrever o número oito de modo cursivo/corrente (já que escrevia o número “desenhando” dois círculos, um sobre o outro) e também não sabia ler as horas em relógio analógico, apenas nos digitais, entretanto, me empenhei bastante e ao final do ano obtive a aprovação necessária para a terceira série.

Como uma rica e agradável lembrança dos anos naquela escola, entre tantos acontecimentos especiais ocorridos em tão pouco tempo, destaco a confecção artesanal das lembranças (presentinhos) comemorativas ao dia das mães e ao dia dos pais, além das suntuosas festas de fim de ano, quando os alunos se apresentavam diante de seus pais e familiares – até hoje guardo algumas das fantasias daquela época, carinhosamente cuidadas e deixadas por minha mãe.

Em 1980, motivado pela acima citada mudança de endereço e de bairro, fui matriculado em uma nova instituição educacional, “Colégio Nossa Senhora do Morumbi”.

Nesse ano, como aluno da turma da Professora Julita, fui aprovado na terceira série do primeiro grau e no ano seguinte, 1981, aluno da Professora Lilian, fui aprovado na quarta série do primeiro grau e habilitei-me para ingressar na quinta série, ou seja, no antigo “ginásio”.

Daquela época, me lembro das primeiras aulas de reforço, ou recuperação, que eu tinha que frequentar no contraturno, ou em horários anteriores (da entrada) ou posteriores (da saída) ao horário regular das aulas.

Nessa escola, permaneci até a metade de 1982, ou seja, até o término do primeiro semestre, período correspondente à metade da quinta série e, meus pais foram obrigados a me mudar para outro colégio em razão de problemas econômicos decorrentes de crise financeira da ocasião.

No dia 11 de agosto de 1982, dia do estudante, um menino então com 11 anos de idade, entrei pela primeira vez naquela que viria a ser minha última escola, onde concluí o primeiro grau e de onde sairia, anos depois, aos 20 de idade, após concluir o segundo grau, o “colegial”, para ingressar na universidade.

Foi ali, no “Colégio Jesus Maria José”, também mantido por uma ordem religiosa de freiras, que nos dez anos que permaneci, mesmo em meio a algumas reprovações, foi reforçado meu interesse e o prazer pela educação.

Naquele tempo, também, consolidou-se meu respeito, carinho e admiração pelos profissionais da educação, especialmente por meus professores, e são muitos aqueles que me servem de exemplo e inspiração, entre os quais destaco o Prof. Atílio, o Prof. Maurício, o Prof. Aser Luís, a Profa. Leda, a Profa. Irmã Kimiko.

Fora da escola e da educação formal, com aproximadamente 16 anos passei pela experiência de atuar, voluntariamente, como auxiliar de professor de judô, esporte que eu havia praticado há alguns anos, desde os sete.

Esse fato marcou profundamente minha vida e a partir dele concluí que realmente poderia vir a atuar como professor, mesmo em outra área, desvinculada do esporte.

Isso foi possível porque eu interagía e me relacionava muito bem com os professores, com os alunos e também com seus familiares, pais e mães que diversas vezes requisitaram minha contratação e efetivação na função.

De volta à rotina escolar, por causa de dependências (DP's) - ou seriam pendências? - nas disciplinas de física e matemática, sem ter idade para me matricular em um curso supletivo (de acordo com a legislação da época), em 1991 permaneci no colégio para concluir as DP's e complementava meu tempo de estudo frequentando um curso pré-vestibular preparatório para concursos de ingresso em academias militares, onde estudava as disciplinas de português, literatura, matemática geral, geometria, história geral e do Brasil, geografia geral e do Brasil.

Foi quando, a convite de pais de alguns vizinhos, ainda adolescentes, comecei a dar aulas particulares, acompanhando-os no estudo e na preparação para avaliações das mais diversas disciplinas, quer de humanas, exatas ou biológicas.

Embora tenha me destacado entre os alunos durante o período de preparação para as avaliações, eu não fui aprovado para ingressar na academia militar.

Então, como já havia perdido o prazo para me inscrever nos vestibulares das universidades públicas, depois de muito pensar e conversar com meus pais, resolvi prestar vestibular para Direito em três universidades particulares.

Quando os resultados começaram a ser divulgados, eu não fui aprovado no vestibular da primeira das universidades, mas obtive aprovação para ingressar na segunda e antes mesmo de saber o resultado da última, me matriculei e comecei a frequentar o curso, ao mesmo tempo em que aguardava o resultado do último vestibular prestado.

Contudo, o início foi tão satisfatório, que optei por permanecer no curso e abri mão de saber o aguardado resultado, sendo que frequentei o curso entre os anos de 1992 e 1996, quando me formei bacharel em Direito pela Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo.

Ocorre que, no início de 1992, quando ainda estava começando o curso universitário, uma vez que havia me destacado, desde o tempo de “colegial”, como aluno nas disciplinas das ciências humanas, sobretudo em geografia e história, mas também, em filosofia, sociologia, organização social e política brasileira (OSPB), educação moral e cívica (EMC), além do ensino religioso, fui convidado para participar de uma seleção que resultaria na escolha de um professor para atuar em uma escola de primeiro e segundo graus da rede pública estadual de ensino, localizada na periferia da zona sul de São Paulo.

A seleção era feita diretamente pela equipe gestora que, em caráter emergencial, podia indicar a contratação do professor.

Escolhido, em março de 1992, aos 21 anos, cursando o primeiro ano de Direito, iniciei minha trajetória na docência.

Desde 1992 até 1994, minha rotina passou a ser circular pela capital paulista, quer de ônibus, metrô, a pé, de carona, ou em veículo familiar, sendo que pela manhã frequentava as aulas na universidade, à tarde – a partir de 1993 – estagiava em escritório de advocacia e à noite lecionava as disciplinas de história, geografia, educação moral e cívica (EMC) e organização social e política brasileira (OSPB).

Nesse período, lecionei na “Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus - Vicente Leporace” e, ao final de 1994, após uma cirurgia de coluna, convidado para estagiar no escritório de advocacia de um professor, resolvi me dedicar mais ao estudo acadêmico, à formação em Direito e para tanto, tentei abandonar o magistério.

Mas, na sequência, mal o ano letivo de 1995 foi iniciado, a diretora de outra escola estadual, com quem eu havia trabalhado anteriormente, me convidou para uma visita e após muito insistir, me convenceu a continuar a atuar como professor, agora na “Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus – Dom Duarte Leopoldo e Silva”.

Era meu quarto ano no magistério e lamentavelmente minha mãe adoeceu, acometida de recidiva de um câncer, o que me obrigou a solicitar meu afastamento da função de professor, pois não conseguia manter um bom desempenho como estudante universitário.

Além de ter que estagiar, agora tinha que estar mais presente em casa, acompanhar minha mãe, minha família e auxiliar nos serviços domésticos.

Infelizmente, antes de concretizar meu afastamento do magistério, minha mãe faleceu.

A diretora tentou me convencer a rever minha decisão, mas optei por deixar temporariamente a atividade docente para poder concluir o curso que estudava com qualidade, ao mesmo tempo em que poderia me dedicar um pouco mais a meu pai e a nossa casa, nos adaptando à nova realidade, com a ausência materna.

O ano de 1996 foi o último de faculdade e formado, no início do ano seguinte coleí grau de bacharel em Direito pela Universidade São Judas Tadeu. Nesse período, continuava a estagiar no mesmo escritório, com um professor e acompanhava o noticiário, inclusive o advento da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), datada de dezembro daquele ano.

Já 1997, foi outro ano chave em minha vida. Continuei a trabalhar no mesmo escritório e me preparava para o exame da Ordem dos Advogados do Brasil

(OAB). Um namoro foi rompido e eu me vi em meio a uma rotina extremamente monótona, de casa para o trabalho, do trabalho para casa.

Então, mesmo ciente de que eu poderia optar por apenas cursar um curso de capacitação e complementação pedagógica para poder voltar a lecionar, decidi prestar vestibular para ingressar na Universidade de São Paulo (USP) e cursar tanto o bacharelado quanto a licenciatura em história.

Aprovado em primeira chamada, me matriculei e ali permaneci entre 1998 e 2002, frequentando as aulas, realizando os estágios e apenas deixei de frequentar as aulas de uma única disciplina optativa, dentre todas as que foram oferecidas no transcorrer do curso.

Durante esse período, uma vez que era aluno da graduação da universidade, mas também advogado habilitado junto à OAB/SP, fui convidado para integrar um grupo de alunos participantes e atuantes em um projeto interdisciplinar desenvolvido pela USP, em parceria com movimentos populares e uma rede de incubadoras de cooperativas, denominado “Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares” (ITCP), com foco na constituição de cooperativas populares, na formação de cooperados, gestores e especialmente na capacitação de jovens e adultos no âmbito da economia solidária.

Assim, me reaproximei da atividade docente, pois entre minhas atribuições, fiquei responsável pela área jurídica e tudo o que estava relacionado ao direito, incluindo a preparação, a organização e a apresentação de aulas e palestras, notadamente com foco em Cooperativismo, ministradas em cursos de formação e capacitação e em outras situações de exposição.

Encerrada minha segunda passagem pela universidade, agora formado bacharel em História, e com licenciatura plena na área, finalmente galguei a sonhada habilitação para, diplomado, retornar para o magistério e, no ano seguinte participei e fui aprovado em concurso público promovido pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Todavia, enquanto eu não era convocado para tomar posse no cargo de professor da rede pública estadual de ensino, entre 2004 e início de 2005 trabalhei



como professor em uma escola particular, “Colégio Cristóvão Colombo”, ainda na Capital, onde além de lecionar história, igualmente fui professor de ensino religioso, sociologia e filosofia, disciplinas dos currículos da então quinta série do ensino fundamental II à terceira série do ensino médio.

Antes, porém, em 2003 comecei a namorar a Keila – minha esposa – enfermeira que trabalhava na Universidade de Campinas (Unicamp), em Campinas, mestranda de enfermagem, na área de gerontologia, que estava sendo transferida de uma enfermaria do Hospital de Clínicas (HC-Unicamp) para o Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas daquela universidade, passando a exercer as funções de professora universitária.

Enquanto ela morava e trabalhava em Campinas, onde cada vez mais se estabilizava, eu ainda vivia em São Paulo, cidades distantes cerca de 100 quilômetros.

Com pouco tempo de namoro, conjuntamente decidimos que o ideal era encurtar a distância, percebemos que deveríamos nos unir e resolvi mudar para Campinas.

Por isso, eu comecei a prestar concursos para a região, a enviar meu currículo em busca de emprego, a procurar um imóvel para morarmos.

Inscrito no processo seletivo de contratação de professor temporário para o ano letivo de 2005, tão logo interrompi meu vínculo com a escola particular em que trabalhava em São Paulo, iniciei minhas atividades em escolas públicas estaduais de Campinas, trabalhando em dois e até três períodos.

Quão proveitoso e repleto de conquistas, de bênçãos, foi o ano de 2005. Cheguei a Campinas para iniciar a trabalhar em 10 de março, em junho comprei minha primeira casa e em 1º de agosto, quanta alegria, minha estreia como pai, nasceu minha primogênita, Ana Luiza.

Ao final daquele ano, depois de esperar muito tempo, fui convocado para assumir o cargo de professor efetivo e tive a sorte de poder escolher uma vaga em uma escola estadual localizada em Campinas.

Portanto, em 2006, já empossado, reiniciei a atividade docente e o ano letivo em uma nova escola, ocasião em que, pela primeira vez, tive a oportunidade de trabalhar na educação de jovens e adultos, lecionando história para turmas dos ensinos fundamental II e médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Desde então, mesmo tendo atuado em outras escolas públicas estaduais, quer “emprestado”, quer transferido, até 2011 continuei a trabalhar na educação de jovens e adultos.

Radicado em Campinas, tendo como principal atividade profissional o magistério público, pai de uma menina – Ana Luiza – e a espera de outra – Laura - em 2007, juntamente com minha esposa, resolvemos que havia chegado a hora de eu concretizar um sonho antigo, qual seja, cursar pedagogia.

Desejava retornar para a universidade, para a rotina acadêmica, a fim de acompanhar os avanços da área educacional, verificar o que estava sendo estudado e discutido em uma faculdade de educação, em um curso de pedagogia, me atualizar, rever conceitos, adquirir novos conhecimentos e poder melhorar enquanto professor, enquanto pessoa.

Além disso, vislumbrava a oportunidade de poder, também, me preparar melhor como pai de futuras estudantes, de forma a acompanhá-las e aconselhá-las com mais segurança e conhecimento de causa, bem como, estabelecer contato com professores, seus grupos de pesquisa e, quem sabe, futuramente ingressar em um programa de pós-graduação.

Então, prestei o vestibular e aprovado, ingressei no curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e ali estudei como aluno regularmente matriculado entre 2008 e 2012.

Nesse período, minha esposa concluiu o mestrado, iniciou o doutorado e resolvemos que ela prestaria concursos para ingressar como professora efetiva em alguma universidade pública, inclusive entre quaisquer das muitas universidades federais espalhadas por todo o Brasil.

O primeiro edital a ser publicado foi aqui da Universidade de Brasília – UnB.

Logo em sua estreia ela foi aprovada e na sequência, convocada para assumir o cargo e as funções no segundo semestre de 2011.

Eis o motivo pelo qual nos mudamos para Brasília, o que me impossibilitou concluir o curso de pedagogia na Unicamp, embora restassem três ou quatro disciplinas e dentre elas, o trabalho final de conclusão de curso.

Incomodado e inconformado com isso, com a possibilidade de não acabar o curso depois de tantos anos de dedicação, esforço e sacrifícios, inclusive por parte de minha família, me inscrevi no vestibular destinado a portadores de diploma de curso superior, sendo aprovado e convocado para me matricular e iniciar o curso no segundo semestre de 2013.

Inspirado no exemplo da trajetória acadêmica de minha esposa, especialmente como pesquisadora na área de gerontologia, passei a pensar na possibilidade de me aproximar dessa temática, mas voltando o foco para a educação de adultos e idosos.

Assim, no primeiro semestre de 2015, matriculei-me para cursar a disciplina “Educação de Adultos”, ministrada pela Profa. Dra. Maria Clarisse Vieira, de quem voltei a ser aluno no primeiro semestre de 2016, em “projeto 4 - fase 1”, no segundo semestre de 2016, matriculado em “projeto 4 - fase 2” e em “projeto 5”, correspondente ao trabalho final de curso, tendo a referida professora como Orientadora.

Em conformidade com as ementas das disciplinas, disponíveis livremente para consulta pública no “site” da Universidade de Brasília – [www.unb.br](http://www.unb.br) - para “projeto 4 – fase 1” e “projeto 4 - fase 2” é previsto propiciar ao aluno de pedagogia um momento de cumprimento de estágio vivenciado em instituição de ensino formal (escolar), independentemente da idade dos educandos. Para essas disciplinas, o foco é a vivência concreta das "situações educativas", entendidas como espaço/tempo da atuação interativa com o ambiente e com a comunidade escolar, especialmente com os alunos, inclusive em sala de aula. Portanto, esse estágio é o momento do planejamento, da execução e da avaliação do trabalho formativo didaticamente “experenciado” num "grupo-classe", em sintonia com o "projeto

político pedagógico" de cada estabelecimento ou instituição onde venha a exercer sua prática.

Para tanto, ao matricular-se nessas disciplinas, o aluno de pedagogia deve integrar-se e passar a participar das atividades promovidas e desenvolvidas por algum grupo de pesquisa existente na Faculdade de Educação, sob a orientação de algum professor responsável por ofertar e ministrar cada uma das disciplinas de projeto.

No meu caso, como parte das atividades das disciplinas de projeto, me integrei e passei a participar do Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (GENPEX).

Dessa forma, passei a ir a campo, na frente que esse grupo mantém em parceria com a Coordenação Regional de Ensino do Paranoá-Itapoã e com o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá-Itapoã (CEDEP), na Escola Classe 03 do Paranoá.

O projeto visa propiciar, aos alunos, "estudantes-estagiários" e futuros educadores, uma formação na perspectiva da educação popular e da educação de jovens e adultos (EJA), a partir da vivência teórica-prática em uma escola da rede pública.

Tal como prevê o projeto, os estudantes participam ativamente das atividades desenvolvidas nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá, principalmente estimulando e contribuindo para o uso da sala de informática e para o processo de alfabetização digital dos estudantes da EJA.

Dessa mesma forma, os "estudantes-estagiários" atuam junto às turmas dos projetos e programas de alfabetização, como o DF Alfabetizado, fruto da parceria com o CEDEP, onde também participam de encontros, reuniões e fóruns.

Além disso, os "estudantes-estagiários" têm a possibilidade de, a partir de sua presença e participação na escola, do convívio e da vivência com a realidade da comunidade escolar, mas, sobretudo da oportunidade de interagir e compartilhar o

cotidiano dos alunos, desenvolverem atividades de pesquisa que resultem em trabalhos acadêmicos, como este trabalho final de curso.

Nesse sentido, a partir das atividades desenvolvidas durante a participação no projeto/estágio, além de contribuir ativamente na realização das atividades de ensino, pude construir e desenvolver objetos de pesquisa-ação e de pesquisa participante que me levaram e me motivaram a realizar este trabalho, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Clarisse Vieira.

## **PARTE II**

### **MONOGRAFIA**

#### **CAPÍTULO 1**

##### **1. INTRODUÇÃO**

###### **1.1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: a presença de alunos idosos na escola.**

Embora já tivesse atuado profissionalmente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante muitos anos, tanto ministrando aulas na modalidade da educação formal, como participando de projetos sociais em educação não-formal, eu nunca havia tido uma formação específica ou alguma orientação profissional que realmente auxiliasse no preparo e na capacitação para melhor trabalhar com os alunos que frequentam a EJA.

A primeira vez em que, efetivamente, eu mantive contato teórico com a Educação de Jovens e Adultos, realmente estudando esse tema, ocorreu no primeiro semestre de 2015, quando matriculei-me e cursei a disciplina “Educação de Adultos”, ministrada pela Profa. Dra. Maria Clarisse Vieira.

Naquela oportunidade, por mero acaso, tive como colegas de classe três alunas do curso de enfermagem que, coincidentemente, haviam sido alunas de minha esposa naquele curso e, na faculdade de educação, na disciplina “Educação de Adultos”, se destacaram pela demonstração de interesse, respeito e dedicação pelo tema da educação, além da participação e desempenho exemplares, indicando a possibilidade de estudar, pesquisar e analisar a EJA de forma interdisciplinar, onde cada área pode contribuir com as demais, mesmo partindo de diferentes olhares e tendo objetos distintos.

Ocorre que, há muitos anos observo a carreira acadêmica de minha esposa e sua atuação como pesquisadora na área da gerontologia, notadamente estudando o tema do adulto idoso, mas com foco na saúde e na qualidade de vida.

Assim, enquanto aluno de Pedagogia, desde que fui iniciado no tema da

Educação de Jovens e Adultos, vislumbrei a possibilidade de prosseguir na análise desse campo de estudo, adulto idoso, sobretudo aprofundando-me em pesquisas que versassem sobre sua inserção e sua relação com a educação e com a escola.

Ao prosseguir com minha trajetória no curso de Pedagogia, reservei para o ano de 2016 minha participação nas disciplinas “projeto 4”, fases “1” e “2”, além de “projeto 5”, correspondente ao trabalho final de curso.

E por ocasião da realização das matrículas para o primeiro e segundo semestres de 2016, novamente me inscrevi como aluno da Profa. Dra. Maria Clarisse Vieira, com vistas a retomar o estudo e a pesquisa na área da Educação de Jovens e Adultos, em razão do que, posteriormente, ela se tornou minha orientadora neste trabalho final de curso.

Em decorrência disso, passei a integrar e a participar do GENPEX - Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais, sob a coordenação e a orientação da citada professora, e assim, a executar as atividades de campo realizadas para as referidas disciplinas, atuando nos projetos e trabalhos desenvolvidos com as turmas de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Classe 03 do Paranoá.

Ali, chamou muito minha atenção a presença de alunos idosos que, a princípio, por suas livres vontades, vão para a escola com muito entusiasmo, satisfação e prazer.

Entre esses alunos, destaco a importância de Dona Isabel, uma senhora que muito me influenciou e provocou a realização deste trabalho.

Quando o primeiro semestre estava terminando, ocorreu uma reunião na escola, para avaliação conjunta e coletiva, contando com a participação de todos os alunos da UnB integrados ao projeto, de nossa orientadora, dos professores da EJA, da equipe gestora da escola e claro, principalmente, dos alunos da EJA.

No momento em que me despedia dos alunos da escola, entre os quais estava Dona Isabel, uma aluna que se destaca pela presença e participação sempre constantes, por seu interesse, esforço e dedicação, mas também por seu entusiasmo e prazer com a escola e com o estudo, por sua vitalidade e especialmente por sua

alegria, e que por acaso é uma das alunas idosas da escola, me dirigi a ela e resolvi perguntar o que a escola era, representava/significava, para ela (?).

Então, Dona Isabel me respondeu:

“É tudo, meu filho; é tudo para mim; o que eu sei, foi aqui na escola que eu aprendi; a escrever meu nome; a ler, mesmo que um pouco; ver os números; a fazer contas; ver os números de telefone; ligar para minha família no nordeste; sem depender dos outros; antes eu precisava do meu filho; agora faço isso sozinha” (Dona Isabel).

A partir da relação, da interação e da convivência com Dona Isabel e a maioria dos alunos idosos da Escola Classe 03 do Paranoá, foi possível perceber que eles não vão para a escola apenas para estudar, aprender algo, adquirir conhecimento, mas muito pelo contrário, não demonstram qualquer preocupação com a formalidade, com os formalismos da instituição e com os resultados assim impostos e esperados pelo sistema educacional vigente.

Com base no convívio com esses alunos idosos da EJA, é possível afirmar que eles veem a escola como um espaço de socialização, um lugar em que podem encontrar e interagir com outras pessoas, de variadas idades, formações e origens, um local em que podem passar o tempo, mas com muito comprometimento, podem desfrutar da melhor forma para, então, respeitadas suas dificuldades e limitações, estudar, aprender algo novo, adquirir ou aperfeiçoar um conhecimento, alfabetizar-se.

Inseridos no ambiente escolar, sem abrir mão de suas histórias de vida, de suas origens, de seus passados, da experiência e da vivência que já lhes proporcionou muito, é possível desenvolver um trabalho com os alunos idosos a partir de uma educação humanizada e socializante, de forma a propiciar e garantir, mesmo que gradativamente, a consolidação de sua autonomia.

Dessa forma, a presente pesquisa pretende realizar um levantamento bibliográfico acerca das recentes pesquisas que abordem a presença de alunos idosos na educação de jovens e adultos, mas também, investigar a percepção do aluno idoso da EJA sobre a possibilidade da educação e da escola proporcionarem ou contribuírem para sua socialização e para a consolidação de sua autonomia.



Por isso, este trabalho parte da realidade atual da sociedade, do aumento da parcela idosa da população, das novas concepções de velhice, velho, idoso e envelhecimento, da inserção e da interação do idoso na educação e na escola, mas também, de como a educação e a escola podem contribuir para a socialização dos idosos, para a melhoria na qualidade de vida desses alunos, a elevação de sua autoestima, além de sua independência, de sua autonomia.

## **1.2. OBJETIVOS**

### **1.2.1. OBJETIVO GERAL**

Investigar os significados de Educação e de Escola para alunos idosos da EJA, bem como, a contribuição da escola para o processo de socialização e a consolidação da autonomia desses sujeitos, com reflexos em seu cotidiano.

### **1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- caracterizar a realidade atual da sociedade brasileira, apontando o aumento da parcela idosa da população;

- verificar a presença e a relação entre alunos idosos, a educação e a escola como espaço de inserção social;

- apresentar o perfil do aluno idoso que frequenta a EJA na Escola Classe 03 do Paranoá;

- analisar a contribuição da educação e da escola para a melhoria na qualidade de vida de alunos idosos, para a elevação de sua autoestima e para sua independência.

## **CAPÍTULO 2**

### **2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **2.1. Caracterização do campo de pesquisa: minha chegada, como fui acolhido e minha atuação junto à comunidade escolar.**

O presente trabalho resulta da oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar e conviver com os alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA, da Escola Classe 03 do Paranoá.

Esses estudantes são exemplo de seres humanos, tendo inspirado e motivado a realização deste trabalho.

Ainda na condição de aluno das disciplinas “Projeto 4”, fases “1” e “2”, e “Projeto 5”, cursadas ao longo do ano de 2016, minha participação e atuação nas atividades desenvolvidas na referida escola decorreram de uma relação ativa de parceria, da interação e da reciprocidade que pude estabelecer com a comunidade escolar, especialmente com os alunos da EJA.

Cabe destacar que isso está inserido em um projeto que advém da parceria existente entre o Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais da Universidade de Brasília (GENPEX-UnB), a Coordenação Regional de Ensino do Paranoá-Itapoã e o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá-Itapoã (CEDEP).

Além disso, existe um convênio que estabelece uma parceria entre a Universidade de Brasília (UnB) e a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, em razão do que as escolas públicas do Distrito Federal são disponibilizadas como campo de estágio, para realização de atividades pedagógicas e o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à educação, notadamente quando vinculadas a cursos de licenciatura.

Para viabilizar a realização do presente trabalho, é oportuno registrar que após apresentar-me perante a Coordenação Regional de Ensino do Paranoá e Itapoã, obtive carta de encaminhamento (ANEXO A) endereçada aos cuidados da

Direção da Escola Classe 03 do Paranoá, para ali realizar as atividades relacionadas à disciplina e à pesquisa desenvolvida na modalidade trabalho final de curso.

Junto à direção representante da referida escola, foi obtida autorização e assinado termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A), exarando sua ciência e concordância quanto à realização deste trabalho, bem como, sua autorização permitindo o uso e a divulgação do nome da Escola Classe 03 do Paranoá, apenas no que tange sua relação com a presente pesquisa.

Como aluno participante do projeto, pude viver o universo da escola, ser acolhido por toda a comunidade escolar, pelas pessoas ali inseridas, notadamente os alunos, de modo a compartilhar e vivenciar todas as atividades de seu cotidiano e, conjuntamente construir uma relação de parceria, baseada na confiança recíproca, na interação, na contribuição mútua, o que me possibilitou construir e desenvolver objetos de pesquisa-ação que me levaram e me motivaram a realizar este trabalho.

Esse projeto é desenvolvido com base nos princípios da educação popular, na participação ativa e efetiva que garante a interação entre todos aqueles que nele estão inseridos, na valorização do diálogo e da relação entre a teoria e a prática, mas também, na construção, na concretização solidária e conjunta de uma atividade humana, realizada em sociedade.

Entre as várias atividades acompanhadas e desenvolvidas, destacam-se aquelas que ocorrem na sala de informática da escola, onde os alunos da EJA são estimulados a utilizar os equipamentos de áudio, vídeo e os computadores ali instalados, incorporando-os em seu cotidiano e ao processo de alfabetização que, assim, igualmente ocorre de modo digital.

Contudo, é importante registrar que não se trata de introduzir aulas de informática, ou de computação como diriam os mais antigos, na escola, ministrando-as para esses alunos, mas sim, levá-los a ocupar e utilizar um ambiente da escola distinto da sala de aula, estimulando e reforçando, de modo articulado, complementar e motivacional, o trabalho da sala de aula.

Por isso, a informática surge como uma nova linguagem, capaz não apenas de inserir os alunos no universo digital, mas também, colaborar no processo de integração deles ao mundo das letras e dos números, da alfabetização e das contas, dentre tantos outros conhecimentos que lhes são apresentados.

Dessa forma, os alunos da EJA são provocados a pensar suas histórias de vida, a reconhecer e valorizar os conhecimentos adquiridos ao longo de suas trajetórias, a perceber seus papéis sociais, de cidadãos, tornando-se cada vez mais conscientes, participantes e ativos da/na sociedade.

Assim, fica ainda mais viável e possível esses alunos sentirem e indicarem quais são os problemas e os desafios, as demandas que eles pretendem analisar e quem sabe, solucionar.

Então, os alunos da EJA são convidados a estabelecer um diálogo, uma relação sólida entre suas realidades, suas demandas e o processo educacional, percebendo como a aquisição de novos conhecimentos, como a alfabetização, a leitura, a escrita e o domínio dos números, das contas, estão presentes em suas vidas, em seus cotidianos, e podem contribuir para a melhoria e a consolidação de sua inserção social, dentre tantas outras vantagens incorporadas.

Integrado ativamente a esse projeto, a esse trabalho, foi possível notar a relevância que a escola tem para os alunos idosos da EJA e os significados que eles atribuem a sua vivência nesse ambiente, uma vez que têm consciência de que aquele espaço propicia e consolida sua socialização, mas também, gera ou reforça sua autonomia, tudo de modo a indicar a origem e a justificar a importância das questões, dos objetivos e do tema deste trabalho.

## **2.2. Uma pesquisa qualitativa e especialmente participante.**

A partir desse contexto, verifica-se que este trabalho resulta de um processo permanente (LE BOTERF, 1987), profundamente enraizado na observação participante (MINAYO, 2010), na relação direta estabelecida com o grupo de alunos idosos da EJA, em seu ambiente social, a escola, "... participando da vida social deles, no seu cenário cultural ..." (MINAYO, 2010, p. 70).

Ademais, a respeito da pesquisa participante é importante registrar que:

“... ela se realiza através de um movimento em que troca, partilha e negociação cultural se complementam. Troca sugere reciprocidade, predisposição de dar e receber. Partilha indica a gratuidade numa relação em que a reciprocidade está no próprio gesto de repartir o que se tem. Já a negociação remete ao fato de que nossas ações estão necessariamente transpassadas por relações de poder. A pesquisa participante é um pouco de cada. E nesse “pouco de cada” é tudo, pois gera movimento” (SOBOTKA, EGGERT e STRECK, 2006, p. 186).

E tal como observa Brandão (1986), é na pesquisa participante “... onde afinal pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes...”.

A metodologia de pesquisa empregada adota uma abordagem qualitativa uma vez que este trabalho busca analisar um grupo de sujeitos – seres humanos, no contexto de determinada realidade social – o ambiente escolar, em razão do que merece ser destacado o pensamento de Minayo (2010), notadamente quando a autora nos ensina que:

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos” (MINAYO, 2010, p. 21).

### **2.3. Entrevistas não diretivas: um registro das impressões de alunos.**

Além da observação participante, no intuito de delimitar o foco deste trabalho sobre seu tema e seus objetivos, bem como, apurar o levantamento de dados, foi selecionado o instrumento da entrevista não diretiva que, segundo Barros e Lehfeld (2013, p. 81), “é uma técnica que permite o relacionamento entre entrevistado e entrevistador”, onde “o entrevistador sugere o tema e deixa o entrevistado falar livremente, sem forçá-lo a responder a um ou outro aspecto” (Barros e Lehfeld, 2000, p.92).

Nesse sentido, de modo a direcionar a entrevista para o objetivo desta pesquisa, foi elaborado um roteiro (APÊNDICE B).

A entrevista foi realizada com cinco alunos idosos (maiores de 60 anos) da EJA, todos do primeiro segmento, três deles da terceira etapa (sendo dois homens e uma mulher), e dois da segunda etapa (duas mulheres).

O sexo desses alunos não foi estabelecido como critério para a escolha dos entrevistados e, assim, não é levado em consideração, sobretudo no que tange a discussão do tema e a análise dos resultados.

Cada um dos cinco alunos voluntários que foram entrevistados e espontaneamente contribuíram para a concretização desta pesquisa, ao final, assinou termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE C), exarando sua ciência e concordância quanto à realização deste trabalho, da entrevista e de sua gravação, bem como, autorizando o uso e a divulgação de seu nome, apenas e tão somente em relação ao presente trabalho.

Foi realizada a transcrição da gravação de cada uma das entrevistas para viabilizar a melhor análise das mesmas (APÊNDICE D)

A opção por alunos dessas duas etapas intermediárias deve-se, inicialmente, por tratar-se de duas turmas com as quais mais tempo compartilhei ao longo do ano, o que propiciou maior convívio, participação, interação e colaboração.

Além disso, é possível inferir que em uma turma de primeira etapa, com raras exceções, os alunos são iniciantes na escola e muito provavelmente ainda não têm o tempo necessário para perceberem e terem consciência dos fatos relacionados à presente pesquisa, notadamente quanto aos significados de educação e de escola, sua compreensão como espaço de inserção social e a contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia dos alunos idosos.

Quanto à possibilidade de entrevistar alunos idosos matriculados na quarta etapa, cabe informar que de vinte e cinco alunos matriculados na turma, cinco são idosos, porém, desses, os que não evadiram, não apresentaram assiduidade e

deixaram de participar das atividades do projeto, o que prejudicou minha convivência, participação, interação e colaboração junto à turma.

Ademais, o foco sobre as turmas intermediárias é justificado, também, em razão da oportunidade de observar, analisar e avaliar as turmas que estão em meio ao processo do trabalho desenvolvido no primeiro segmento da modalidade educacional EJA.

Em razão disso, especialmente do tempo dos alunos na escola e/ou na EJA, pressupõe-se que eles já sentem, já percebem a influência e as contribuições da educação e da escola para suas vidas, em seus cotidianos, contudo, diante de eventual necessidade a ser ressaltada, ainda existe a possibilidade de intervir, aperfeiçoando e otimizando a relação desses alunos com a educação e a escola, tal como objetiva analisar e demonstrar este trabalho.

#### **2.4. Levantamento “bibliográfico” acerca da produção acadêmica relacionada ao tema objeto desta pesquisa.**

Ainda como parte dos procedimentos metodológicos, para fins desta pesquisa, foi realizado um levantamento acerca da produção acadêmica existente sobre a Educação de Jovens e Adultos, com foco em alunos idosos.

Para isso, a escola é concebida como espaço de inclusão social, sendo destacada sua contribuição para a socialização, a autonomia e a qualidade de vida no decorrer do processo de envelhecimento e nas concepções da Pedagogia para o idoso e da educação gerontológica.

É importante recordar, mais uma vez, que este trabalho resulta de uma pesquisa participativa realizada com turmas de alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola pública do Paranoá/DF – Escola Classe 03 – e visa investigar a opinião e a percepção de alunos idosos acerca dos significados da educação e da escola, especialmente sobre a possibilidade da escola contribuir para a socialização e a autonomia desses sujeitos.

Em busca de referenciais teóricos para fundamentar este trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico na plataforma eletrônica *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) – Biblioteca Científica Eletrônica em Linha: [www.scielo.org](http://www.scielo.org) e no site Google Acadêmico: [www.scholar.google.com.br](http://www.scholar.google.com.br).

A pesquisa foi feita em duas fases. Inicialmente, ao lançar a expressão “educação de jovens e adultos” na procura por trabalhos acadêmicos, foram obtidos centenas de títulos, das mais variadas naturezas, sobretudo artigos que decorrem de teses, dissertações, monografias, trabalhos de final e de conclusão de curso.

Entre os principais temas e assuntos encontrados, estavam a história e a origem da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, as políticas educacionais e os programas voltados para a EJA, evasão escolar, alfabetização, letramento, oralidade, a aquisição e o domínio da escrita, a construção do conhecimento, o currículo, formação e prática docente, a avaliação, exemplos, modelos e experiências com a EJA, o uso da biblioteca, das novas tecnologias, educação matemática, financeira e de outras áreas do conhecimento ou disciplinas como ciências, biologia e história, além da EJA no sistema prisional.

No intuito de direcionar a busca e limitar os trabalhos de acordo com o tema desta pesquisa, no segundo momento, foram lançadas palavras (ou expressões) chaves como: “educação de jovens e adultos”; “idosos”; “inclusão social”; “socialização” e “autonomia”.

Como resultado, foram selecionados cinco artigos publicados em revistas científicas regionais e nacionais, um artigo publicado em revista científica internacional e um artigo publicado nos anais de um Colóquio Internacional; um livro composto por dezessete trabalhos acadêmicos; além de uma tese, e quatro monografias, apresentadas em forma de trabalho final de curso de graduação e/ou licenciatura.

Os trabalhos selecionados são arrolados, abaixo, na ordem alfabética de seus títulos, sendo apresentada uma síntese de cada um deles, apontando as principais contribuições para este estudo, tal como a seguir:



O artigo “A Escola do Riso e do Esquecimento: Idosos na Educação de Jovens e Adultos”, de Pereira (2012), analisa os motivos que levam homens e mulheres idosos (com 60 anos de idade ou mais) a buscar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola pública municipal de Niterói/RJ.

A autora apresenta uma visão sobre a construção social da velhice, a redefinição do papel do idoso na sociedade, as memórias escolares dos alunos idosos, a experiência escolar na “velhice”, o que isso significa, a EJA na atualidade, o porquê desses alunos retornarem à escola e como convivem com pessoas de outras gerações.

As principais contribuições desse artigo para este trabalho são o significado da escolarização para os educandos idosos, o que corresponde a um processo de dupla libertação, mas também, a oportunidade de refletir acerca da “pedagogia da velhice”, de forma a contribuir para a elaboração de uma política curricular sobre o envelhecimento, os idosos e a formação de educadores que atendam à EJA.

Além disso, a autora analisa a escola como um espaço de inserção social, onde a socialização é possível e a mudança de vida acontece, inclusive levando os educandos idosos a conquistar sua autonomia.

O artigo “A pesquisa sobre o idoso no Brasil: diferentes abordagens sobre educação nas teses e dissertações (de 2000 a 2009)”, de Oliveira (2013), apresenta uma concepção atual acerca da “terceira idade” no Brasil, o conceito e a aplicabilidade das políticas públicas, a educação como direito assegurado aos idosos, suas necessidades específicas e também apresenta uma reflexão sobre as políticas públicas e a educação para o idoso a partir de uma revisão bibliográfica, de um levantamento das temáticas abordadas nas teses e dissertações sobre o tema, realizadas entre os anos 2000 e 2009, em cursos reconhecidos e recomendados pela Capes.

A partir da nova realidade e dos novos conceitos de envelhecimento, velhice e idoso, entre suas contribuições para o presente trabalho de pesquisa, esse artigo salienta o papel da educação para os idosos, em que a ação pedagógica propicia uma maior inserção social, onde o idoso se destaca como ator social, o

sujeito ativo integrado à sociedade e a escola surge como um espaço de socialização que viabiliza o exercício pleno da cidadania.

Ademais, a autora discorre sobre a educação como “uma ação permanente” e que o “processo de aprendizagem ocorre durante toda a vida”, ideias básicas da “educação permanente”.

A autora apresenta, ainda, a gerontologia educacional e registra a necessidade de regulamentar e implementar políticas públicas que realmente atendam às necessidades e às demandas dos idosos, inclusive em relação à educação.

O artigo “Educação de Jovens e Adultos (EJA): a Luta pelo Desenvolvimento da Cidadania”, de Silva e Martins (2012), está baseado em uma pesquisa bibliográfica que inclui a análise histórica da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir das práticas educativas e pedagógicas, das políticas públicas, das diretrizes curriculares, da prática docente, das perspectivas dos alunos, além de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa.

O trabalho buscou compreender as dinâmicas da EJA no Brasil a partir das políticas públicas educacionais implementadas no país, mas também, das perspectivas e das concepções dos professores e dos alunos, de forma a demonstrar a importância da alfabetização e da EJA para o desenvolvimento da aprendizagem consciente, o que impulsiona a cidadania e o ingresso dos estudantes no mercado de trabalho.

Nesse artigo, as autoras apresentam uma definição da EJA e analisam o acesso à educação como um direito dos educandos, que estão em busca da dignidade, da cidadania e encontram nessa educação transformadora, com novas práticas e uma política educacional humanizadora, a oportunidade de socialização e conquista da autonomia, embora ainda necessitem de políticas públicas mais consistentes e eficazes.

O artigo “Educação de jovens e adultos e inclusão social: uma análise dos artigos publicados no periódico “educar em revista””, de Mendaña e Castro (2015), está baseado em uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico e teve como

objetivo discutir a temática da inclusão social na Educação de Jovens e Adultos sob a ótica da Educação Popular, as concepções de currículos e as experiências práticas relatadas em artigos publicados no periódico “Educar em Revista”, no período de 2007 a 2014.

Para este trabalho, é importante mencionar que a contribuição desse artigo advém da discussão acerca do tema da educação que oportuniza a inclusão social de educandos, alunos da EJA, como influencia a formação integral desses, objetivando a formação de cidadãos plenos, bem como, conclui que existe a necessidade de implementar novos planos de ação e assim, promover novas políticas públicas, voltadas especificamente para a EJA e seu público.

O artigo “Educação permanente de idosos: da vulnerabilidade à autonomia”, de Roldão (2011), resulta de um trabalho que analisou a educação permanente como estratégia de atenção e intervenção junto à população idosa e ao longo do processo de envelhecimento, sobretudo no sentido de estimular o exercício da cidadania, da autonomia e a independência da pessoa idosa, sem deixar de observar e de considerar a vulnerabilidade dessas pessoas.

As principais influências desse artigo sobre a presente pesquisa são o estímulo ao exercício da cidadania, da autonomia e da independência da população idosa a partir da educação permanente e da promoção de um envelhecimento ativo.

O artigo “*Factors associated with quality of life in elderly undertaking literacy programs* (Fatores Associados com Qualidade de Vida de Idosos em processo de alfabetização)”, de Santos *et al* (2014), analisa a relação existente entre o aumento da expectativa de vida ao ingresso e à participação de idosos em programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), a destacar que esses idosos deixam a inatividade e os aspectos negativos do envelhecimento, em busca de novas oportunidades de inclusão social.

O objetivo principal do trabalho foi realizar uma avaliação sobre a relação existente (ou não) entre os fatores sociodemográficos, os sintomas depressivos e cognitivos, e a qualidade de vida (QV) dos alunos idosos matriculados na EJA no município de São Carlos / SP, tendo como base uma pesquisa descritiva e

quantitativa realizada por docentes e alunos dos Departamentos de Enfermagem e Gerontologia da Universidade Federal de São Carlos / SP.

O estudo concluiu que idosos em programas de alfabetização têm uma pontuação média de qualidade de vida e que isso é influenciado pelo fato de estarem envolvidos com programas educacionais, o que corrobora com esta pesquisa.

O artigo “Os idosos na Educação de Jovens e Adultos: uma História de Exclusão e busca pela Educação e Cidadania”, de Gouveia e Silva (2015), apresenta uma análise sobre a história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, especialmente no que tange a inserção e a participação dos idosos nas políticas educacionais da EJA e os motivos que levam os idosos a procurarem essa modalidade de ensino.

A colaboração desse artigo para o presente estudo recai sobre o fato da EJA promover a interação social e a autonomia dos educandos diante de diversos motivos que levam os alunos idosos a retornar para a escola e retomar o estudo, sobretudo com vistas a contribuir para a socialização, a melhoria da saúde, da qualidade de vida, da elevação da autoestima e da autonomia desses alunos.

Além dos artigos acima, foi analisado o livro “Ler e Escrever o Mundo”, organizado por Stecanela, Agliardi e Lorensatti (2014).

Esse livro resulta do projeto denominado “Ler e escrever o mundo: a EJA no contexto da Educação Contemporânea” que advém de parceria entre a Universidade de Caxias do Sul e o Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Inclusão (Secadi), também integrado pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul e a Associação dos Municípios da Encosta Superior do Nordeste (Amesne). São apresentados dezessete textos, fruto de pesquisas acadêmicas realizadas por vários autores, como resultado de trabalhos de conclusão de curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA), pesquisas de iniciação científica, ou pesquisas de outras naturezas. Os textos foram organizados em três partes, cada uma referindo-se a um tema, a saber: Contextos e cenários da EJA (parte I – com 6 capítulos), Práticas da EJA (parte II – com 6 capítulos), EJA e diversidade (parte III – com 5 capítulos).

A relação dessa obra com o presente estudo é percebida, especialmente, no capítulo intitulado “Gênero, geração e patriarcado: a EJA na construção da resistência e autonomia das mulheres”, de Marcarini (2014), onde a autora apresenta os resultados de um trabalho desenvolvido a partir do depoimento de uma mulher idosa, em cuja entrevista estão seus relatos sobre a infância sem estudo, voltada ao trabalho e dedicada à família, a busca e o acesso à escola e à educação, na velhice, inclusive de forma a construir sua autonomia, o papel da educação como movimento de resistência e libertação, de forma a atender seus desejos e necessidades, colaborando para esse estudo.

Merece destaque, ainda, a tese intitulada “Participação social, saúde e bem estar em idosos da comunidade: Estudo Fibrá polo Unicamp”, defendida por Pinto junto à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, em 2016.

Em síntese, esse trabalho influencia esta pesquisa ao apresentar uma análise acerca da relação existente entre a participação social dos idosos, associada ao envelhecimento bem sucedido e o bem estar na velhice, em conformidade com a aquisição e a manutenção de habilidades físicas e cognitivas que propiciam os idosos permanecerem saudáveis, ativos e produtivos.

Além disso, entre seus objetivos, o estudo visa identificar as diferentes trajetórias de participação social entre idosos, investigar fatores relacionados com baixo envolvimento social e estudar as relações entre diferentes níveis de participação e atividades sociais, saúde e o bem estar na velhice.

Foram encontradas, também, algumas monografias, dentre as quais “Adultos maduros e idosos na escola: depoimentos de educadores”, de Tavares (2013), apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Esse trabalho exhibe uma reflexão acerca do espaço social da escola na educação de adultos maduros e idosos, a partir das vivências de educadores. Com base em uma classificação denominada “as idades da vida”, o trabalho conceitua e significa o termo envelhecimento, definindo quem são os “adultos maduros e idosos”, o que significa velhice bem-sucedida, aponta a situação dos idosos no Brasil, como esses indivíduos estão inseridos na educação – reconhecida como

prática social, a escola como espaço de socialização, suas funções reparadora e qualificadora e a gerontologia educacional, de forma a colaborar para a concretização deste estudo.

Na monografia “A Educação como forma de melhorar a qualidade de vida do idoso”, apresentada à Faculdade Integrada da Grande Fortaleza, Nascimento (2011) salienta a importância da educação de idosos, como ela contribui para a saúde, influencia na qualidade de vida desses indivíduos e viabiliza o reconhecimento dos idosos na sociedade.

Dentre seus objetivos, o trabalho identifica o papel da educação como possibilidade de mudança, observa as diferentes formas de inserção e integração no contexto educativo, analisa as políticas públicas destinadas ao direito do idoso à educação e à saúde.

Assim, vindo ao encontro desta pesquisa, esse trabalho ratifica que a educação fortalece a participação real e a integração dos idosos na sociedade, sendo um meio de transformação muito importante, que permite valorizar os idosos que, por sua vez, são motivados por novos desafios, propício às realizações pessoais, incluindo a melhora na qualidade de vida.

Merece ser registrado, ainda, a importância que o autor atribui ao desenvolvimento de novas práticas educacionais e políticas públicas com foco nos idosos, em seus anseios e suas necessidades, tal como o presente estudo conclui.

Outra monografia observada foi “Interfaces entre Educação e Envelhecimento”, de Ongaratto (2012), apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, onde a autora expõe as várias interfaces que existem entre a Educação e o Envelhecimento, com foco na educação voltada aos idosos, levando em consideração o idoso em todos os seus aspectos humanos, como um ser integral, produtor de conhecimento, que está em constante desenvolvimento e aperfeiçoamento, fundamentos de uma educação permanente.

Além disso, a pesquisa apresenta exemplos de experiências bem sucedidas de programas de educação permanente ou ao longo da vida, aborda a

formação de professores e o que eles podem oferecer aos alunos no âmbito da educação gerontológica.

A relação dessa monografia com o presente estudo é estreitada quando se verifica que a autora aborda a educação como uma oportunidade de inserção social do idoso, a conquista de novos espaços sociais, colaborando para a melhoria da condição de vida na velhice, bem como, contribuindo para a socialização, o exercício da cidadania e a autonomia dos educandos idosos que, simultaneamente, são aprendizes e produtores de conhecimento.

Por fim, foi analisada a monografia intitulada “Representações sociais da Escola na perspectiva de alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA”, de Ponte (2012), apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Esse trabalho se baseia na Teoria das Representações para analisar e refletir sobre a escola, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e seus alunos. Nesse sentido, é apresentada uma definição de representação social e como isso pode gerar conhecimentos e contribuir para o processo educativo. Ademais, é importante destacar que o trabalho ressalta as representações que os alunos possuem sobre a escola e como suas atitudes interferem no seu próprio processo de aprendizagem.

Sua influência sobre o presente estudo está no fato da autora compreender a educação como uma luta constante contra a exclusão social, onde a escola surge como um espaço de interação social, que colabora para a socialização dos educandos, onde é desenvolvido um processo socializador e a EJA tem um papel de destaque.

Por todo o acima exposto, é importante salientar que a partir da reunião dessas obras, esse rol de produções constitui uma pesquisa bibliográfica, denominada “estado da arte” ou “estado de conhecimento”.

## **CAPÍTULO 3**

### **3. Panorama do Idoso no Brasil e na Educação**

#### **3.1. O aumento da população idosa no Brasil.**

É cada vez mais comum a veiculação e a publicação de sucessivos trabalhos acadêmicos e científicos que decorrem de estudos e pesquisas sobre a modificação da estrutura etária no Brasil, o aumento da expectativa de vida e o envelhecimento da população brasileira.

É possível inferir que isso ocorre, sobretudo, em razão da constatação de que o segmento populacional dos idosos é aquele que mais aumenta entre a população brasileira, apresentando índices de crescimento anual estimado em mais de 4% para o período entre 2012 e 2022, sendo que a população com 60 anos de idade ou mais, ultrapassou dos 14,2 milhões do ano 2000, para 19,6 milhões em 2010, principalmente como consequência das quedas das taxas de natalidade (nascimento) e de mortalidade no país (BORGES, CAMPOS e SILVA, 2015), bem como, a melhoria das condições de saúde da população.

Certo de que essa situação é um dos desafios que, desde já, a sociedade brasileira e suas novas gerações terão pelas próximas décadas, cabe destacar que cada desafio traz muitas oportunidades e, neste caso, se transforma na oportunidade de estudar esse fenômeno e elaborar o presente trabalho.

Segundo Borges, Campos e Silva (2015), o processo ou o fenômeno do rápido envelhecimento da população implica não considerá-lo necessariamente um problema, embora exija atenção para a discussão das formas de lidar com ele.

Ademais, em complemento, os citados autores afirmam que:

“Nesse contexto, a preocupação com as condições necessárias à manutenção da qualidade de vida das pessoas idosas tem crescido, e os temas relacionados a políticas públicas e a ações de proteção e cuidado específicos para idosos vêm adquirindo relevância inédita na agenda pública, conforme aponta estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (POLÍTICAS SOCIAIS, 2007)” (BORGES, CAMPOS e SILVA, 2015).



Isso posto, é importante reconhecer, analisar e compreender as transformações da população e da sociedade brasileiras, propiciando a realização de um amplo debate acerca da implementação de políticas públicas e sociais com foco nos idosos, incluindo discussões e análises sobre a organização e a estruturação do financiamento de tais políticas.

Neste trabalho, com base no aumento da população idosa do Brasil e tomando como referência a experiência de vivenciar e participar do cotidiano escolar de um grupo de alunos idosos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá, no Distrito Federal, pretendo analisar o significado que esse grupo de idosos atribui à escola, à socialização e à manutenção ou consolidação de sua autonomia diante do processo de envelhecer com qualidade de vida.

### **3.2. O idoso no contexto educacional brasileiro.**

Conforme se verifica da análise dos indicadores elencados na pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2015 e divulgada em 2016, verifica-se que a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, no Brasil, entre os anos de 2004 e 2015, apresenta queda.

Essa taxa, que em 2004 era de 11,5%, anualmente sofreu queda e, em 2015, cravou o percentual de 8,0% de pessoas analfabetas entre aquelas que possuem 15 anos ou mais de idade (IBGE, 2016).

Todavia, conforme a idade avança, a taxa de analfabetismo aumenta, alcançando 22,3% entre as pessoas de 60 anos ou mais, ou seja, entre a população idosa do Brasil, exatamente no ano de 2015 (IBGE, 2016).

Destaca-se, ainda, que entre as pessoas com idade entre 40 e 59 anos, a pesquisa indica que 8,5% são analfabetos, taxa inferior à metade do percentual relativo ao analfabetismo entre os idosos. E quando se observa a população mais jovem, com idade entre 15 e 19 anos, a taxa não atinge 1,0% (IBGE, 2016).

Embora não seja objeto desta pesquisa distinguir ou comparar o analfabetismo entre os sexos, ou seja, entre homens e mulheres, para realizar uma análise, cabe mencionar que, segundo a referida pesquisa, entre os homens o analfabetismo alcança 8,3%, enquanto entre as mulheres o índice registrado é de 7,7% (IBGE, 2016).

É interessante salientar que, ao observar os anos de estudo, a pesquisa aponta que no Brasil o número médio de anos de estudo, em 2015, chegou em 7,8 anos, sendo 8,0 anos entre as mulheres e 7,6 anos entre os homens, mas que, em todos os casos, registra um importante número que tem apresentado crescimento favorável (IBGE, 2016).

Em relação ao analfabetismo funcional, representado pela proporção de pessoas de 15 anos ou mais de idade e com menos de quatro anos de estudo, a taxa também sofreu queda e dos 17,6%, em 2014, registrou 17,1% em 2015 (IBGE, 2016).

Quanto ao nível de instrução, no intuito de evitar a participação de pessoas de faixas etárias que, tradicionalmente, devem estar inseridas regularmente no processo de escolarização, a pesquisa abrangeu apenas pessoas de 25 anos ou mais de idade e, ao comparar os indicadores de 2014 e 2015, nota-se que não ocorreu mudança significativa (IBGE, 2016).

Assim, registrou-se que essa parcela da população está concentrada nos níveis de instrução até o ensino fundamental completo ou equivalente, correspondendo a 52,0%, enquanto 26,4% possuem o ensino médio completo e 13,5% possuem o ensino superior completo (IBGE, 2016).

De modo adverso, quando analisa a frequência à escola, ou seja, a taxa de escolarização, a pesquisa divide a população entre grupos de pessoas com idades apenas entre 4 a 5 anos, 6 a 14 anos, 15 a 17 anos e 18 a 24 anos (IBGE, 2016).

Dessa forma, lamentavelmente a pesquisa exclui a possibilidade de registrar os números que pudessem analisar a presença de alunos na educação de

jovens e adultos, incluindo os adultos idosos, que constituem o objeto deste trabalho.

### **3.3. O idoso na Educação de Jovens e Adultos.**

Com base na realidade social e educacional do idoso no Brasil, no aumento do número dessa parcela da população, na presença e na participação dela no contexto educacional, mas principalmente, na atenção e na importância que esse grupo de pessoas merece, é possível inferir que muito há o que pesquisar e a estudar para conhecê-lo melhor, de modo a viabilizar uma contribuição realmente sólida e eficaz, notadamente no que tange a elaboração e a implementação de políticas públicas que atendam os idosos.

Lamentavelmente, um bom exemplo disso é a própria pesquisa anualmente realizada pelo IBGE (PNAD), que não foca necessária e diretamente sobre a presença e a participação de idosos no âmbito da escolarização, deixando de observar e analisar a taxa de escolarização entre as pessoas que tem 60 anos ou mais de idade.

Nesse sentido, igualmente essa pesquisa não registra informações quanto a quaisquer números relacionados com a Educação de Jovens e Adultos.

Contudo, ciente da importância que esse tema merece e da necessidade de valorizá-lo, devo destacar, primeiramente, que o aluno idoso busca a educação e a escola, incluindo a Educação de Jovens e Adultos, porque está a procura e deseja encontrar espaços de socialidade (FURINI *et al*, 2011).

Segundo registra a autora:

“É comum os adultos procurarem grupos culturais, religiosos e de lazer, indo ao encontro de seus interesses e na expectativa de realização pessoal e de constituição de sua sociabilidade” (LAFFIN, 2011, p. 181).

De modo a reforçar esta visão, porém, vinculando-a com maior ênfase à educação, é possível afirmar que a educação pode auxiliar os idosos a perceber a

necessidade de mudança, de união, a sentir a força que têm, valorizando-se, recuperando sua autoestima e, assim, efetiva e plenamente exercer sua cidadania, lutar por seu reconhecimento, por seus direitos, beneficiando a criação de espaços em que possam tornar visíveis suas necessidades.

E entre tantos espaços possíveis, a escola surge como um dos mais viáveis e propícios para fomentar a inserção e a interação dos idosos com a sociedade.

### **3.4. Os alunos idosos presentes na Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá.**

Este estudo foi realizado em uma escola pública do Distrito Federal (DF) – Escola Classe 03 do Paranoá – com educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da primeira (1ª) à quarta (4ª) etapas do primeiro segmento, correspondente ao Ensino Fundamental I.

A escola faz parte da Coordenação Regional de Ensino do Paranoá, da rede pública de ensino do Distrito Federal e atende alunos do ensino regular, da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Desde 2013 a escola também oferece a modalidade EJA no período noturno.

É importante salientar que essa inserção da Educação de Jovens e Adultos ocorreu devido à intervenção do movimento popular que, juntamente com a Secretaria de Educação do DF, identificou a necessidade de implantar essa modalidade de ensino na referida escola.

Construída nos anos 1980, a Escola Classe 03 do Paranoá foi entregue à comunidade em junho de 1990. Nesse ambiente há o desenvolvimento de diversos projetos que constam no Projeto Político Pedagógico, tais como, intervenções na área de alimentação, do respeito ao próximo, da saúde, da família, da leitura, da aprendizagem e do acolhimento à comunidade.

A modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, na Escola Classe 03 do Paranoá, onde este trabalho de pesquisa foi realizado, em 2016 atendeu

quatro turmas, correspondendo cada uma delas, a uma das quatro etapas que compõem o primeiro segmento da EJA.

No segundo semestre de 2016, constaram 104 alunos matriculados, 64 mulheres e 40 homens, sendo que 27 dessas pessoas possuem idade igual ou superior a 60 anos, ou seja, são idosos.

Os alunos estão distribuídos da seguinte forma: 20 na primeira etapa; 26 na segunda; 33 na terceira e 25 na quarta e última etapa do primeiro segmento da EJA.

Entre os idosos, cinco estão matriculados na primeira etapa, sete na segunda, dez na terceira e cinco na quarta etapa, sendo que do total de vinte e sete (27) idosos presentes na EJA da referida escola, vinte são mulheres e sete são homens.

Com a finalidade de aplicar o instrumento de pesquisa selecionado para este trabalho, ou seja, uma entrevista não diretiva foi possível dialogar e ouvir CINCO desses alunos idosos, o que representa um pouco mais de 18% dos idosos matriculados na escola.

## CAPÍTULO 4

### 4.0. Relação entre as contribuições dos trabalhos de pesquisa analisados e as informações prestadas pelas pessoas entrevistadas.

#### 4.1. Caracterização dos alunos entrevistados.

Entre os alunos entrevistados, a idade variou entre 61 e 66 anos, ou seja, eles são idosos mais jovens.

Predominantemente, são viúvos (três em cinco).

Procedem principalmente do nordeste, embora um tenha nascido em Goiás e outro em Minas Gerais, bem como, residem em Brasília entre 26 e 55 anos, para onde a maioria migrou com suas famílias de origem, pais e irmãos, em busca de melhores condições de trabalho.

Aqui no Distrito Federal, antes de se fixarem no Paranoá, moraram em outras regiões, sendo que quase todos chegaram ao Paranoá na ocasião em que ali ocorreu uma leva de ocupações.

Três dos cinco entrevistados são aposentados, porém, todos ainda exercem atividades remuneradas como abaixo transcrito:

*Sr. Francisco: "Vendo balinha... doce".*

*Sra. Isabel: "... eu faço faxina dois dias por semana. Só pra não ficá em casa".*

*Sra. Sebastiana: "Diarista, passadeira".*

*Sr. Altino: "Pedreiro... Quer ganhar mais uma coisinha..., tem que trabalhar".*

*Sra. M<sup>a</sup>. Deides: "Lavadeira".*

Quanto à renda pessoal mensal, o valor variou entre R\$ 1.000,00 e R\$ 3.000,00, sendo que um dos entrevistados não declarou esta informação. Somente um deles relatou a composição de renda familiar mensal, no valor de R\$ 2.500,00.

Ainda entre os entrevistados, três possuem dependentes, normalmente cônjuges, filhos e netos, uma informa que auxilia os filhos e netos quando eles

necessitam, e apenas um não possui dependente e não tem parentes para auxiliar, correspondendo ao único que não possui filho.

É importante destacar que, apenas um dos entrevistados não possui imóvel próprio e paga aluguel.

Três dos idosos que possuem imóvel próprio residem com familiares, cônjuge, filhos e/ou netos, convivendo entre duas e três gerações no mesmo endereço, enquanto somente dois dos entrevistados moram sozinhos.

Em relação ao tempo de escolarização, os entrevistados informaram estar estudando entre três e dez anos, sendo que na Escola Classe 03, eles estão entre seis meses e três anos.

De forma geral, o ingresso dos entrevistados ocorreu mediante convite de familiares, amigos ou conhecidos que mantinham algum vínculo com a Educação de Jovens e Adultos.

E, assim como ocorreu com eles, a maioria dos entrevistados faz propaganda da EJA e estimula outras pessoas a se matricular nessa modalidade de ensino.

#### **4.2. Uma nova realidade social e novas concepções de velhice, de velho, de idoso e um novo olhar sobre o processo de envelhecimento.**

A partir da análise dos trabalhos citados e apresentados no item 2.4. (p. 41 – 49), é importante demonstrar a relação e a contribuição que cada um traz para o presente estudo ao dialogar com os temas e com os assuntos objetos desta pesquisa, ora abordados, mas especialmente com as informações contidas nos relatos e nos depoimentos das pessoas entrevistadas, colaborando muito para a concretização deste trabalho de pesquisa.

Inicialmente, a respeito do aumento da população idosa no Brasil, muitos são os trabalhos que discorrem sobre o tema, contudo, destaca-se o artigo de Gouveia e Silva (2015) que, com base na inversão na pirâmide social do Brasil,

salientam o surgimento de uma nova realidade e assim, “... a necessidade de repensar todos os setores da sociedade como educação, saúde, entre outros a fim de garantir a inserção social e uma melhor qualidade de vida para população idosa” (p. 8).

À luz dessa nova realidade, surgem novas e atuais concepções de velhice, de velho, de idoso e o processo de envelhecimento passa a refletir uma nova configuração social, a ter uma nova representação, um novo significado, onde os idosos são encarados como atores políticos (TAVARES, 2013), ativos e atuantes, protagonistas de um novo tempo, vivendo naturalmente o que Pinto (2016) e Roldão (2011) denominam envelhecimento ativo.

Com base em Pereira (2012), é possível afirmar que esses “novos idosos” se cuidam mais do que os de gerações anteriores, se preocupam com o envelhecimento saudável e em melhorar a qualidade de vida, muitas vezes indo para a escola, para estudar, de acordo com recomendações médicas.

Nesse sentido, Oliveira (2013) aponta que a característica do idoso no Brasil gradativamente está sendo alterada, tal como o significado e a representação social da velhice, razão pela qual, para a autora esse “novo idoso” é mais ativo, participativo, conhecedor de seus direitos e está bem mais integrado à sociedade.

E em complemento, Pereira (2012) exhibe a concepção da “sociologia da velhice”, que tem como objeto a compreensão do processo pelo qual as pessoas são definidas socialmente como velhas, contrapondo os velhos de outros tempos, que viviam escondidos do meio social, aos velhos da atualidade, que estão nas ruas e ocupando espaços de sociabilidade.

E como o idoso se vê e se coloca diante dessa situação?

Sob a inspiração de Gouveia e Silva (2015), é possível responder a essa pergunta de modo bastante objetivo:

“Quando o idoso se reconhece parte da sociedade e percebe que ainda pode ser produtivo e ter objetivos, sua autoestima se desenvolve” (GOUVEIA e SILVA, 2015, p. 9).



Ao serem questionados sobre o significado da educação e da escola, os entrevistados afirmaram:

Sr. Francisco: “Muito bom! Só aprende, só ganha com isso, né?! Agente não perde nada, só ganha”.

Sra. Isabel: “É tudo, é tudo meu filho. Sabe pro que? Você antigamente, eu ia na minha cidade e não ia saber o nome da minha mãe, do meu pai. Eu não sabia o ano que eu nasci, e hoje em dia eu sei tudo...”.

Sra. Sebastiana: “Significa tudo, né Claudio? Significa tudo. Tudo na vida você tem que ter a escola. Qualquer coisa que você vai fazer na sua vida você não precisa ler e escreve? Né!? Significa tudo, a escola”.

Sr. Altino: “Pra mim vale tudo. Me tirô de muitos problemas de amizade, sabe!? Eu achei bom. Pra mim foi ótima. Até hoje eu não parei de estudá. Agora eu ia pará de estudá, deu certo que eu passei de uma sala ali e passei pra outra ali. Se for pra eu ficar contrariado estudando, eu não vou estudar mais. Mas eu passei, eu tava na segunda e passei pra terceira e eu falei... “Opa”! Foi melhor pra mim, saí de um professor e entrei no outro. Falei... “Oh! Beleza””.

Sra. M<sup>a</sup>. Deides: “Muito bom. Tô enxergando de novo. Muito bom! Pelo amor de Deus! Você fica em casa, vendo novela, televisão, não aprende nada. Aqui não, ainda mais com esses professores maravilhosos. Nossa! É bom demais!”.

Nota-se que as manifestações são unânimes quanto ao reconhecimento e à indicação de aspectos considerados positivos, que colaboram e contribuem para o processo de aquisição de novos saberes, onde algo novo, a mais, é acrescentado e incorporado aos entrevistados, a seus conhecimentos, pois assim, eles aprendem, ganham com isso e em razão disso é que avaliam a educação e a escola positivamente, atribuindo significados favoráveis como bom, muito bom e ainda indicando que “é tudo”.

#### **4.3. A necessidade de implementar ações e políticas públicas que consolidem o direito do idoso à educação.**

Mesmo com o avanço e a propagação, nas últimas décadas, de estudos sobre os mais variados temas e assuntos referentes ao envelhecimento, à velhice e ao idoso, o que possibilitou o reconhecimento e a valorização dos direitos dessa

população, mas também, propiciou promover e implementar políticas públicas voltadas para esse grupo, é certo afirmar que ainda há muito a percorrer, fazer e aprimorar, notadamente através de políticas públicas bem mais consistentes e eficazes.

Nessa direção, Mendaña e Castro (2015) esclarecem que “os estudos apontam a emergência de novos planos de ação, de políticas públicas adequadas que orientem as ações educativas mas, de fato, ainda não percebemos mudanças substanciais no campo de trabalho da Educação de Jovens e Adultos” (p. 39).

Já Oliveira (2013), parte do pressuposto que os idosos constituem um público vulnerável, que necessita ter seus direitos respeitados e assegurados a partir do estabelecimento e da implementação de políticas públicas, sobretudo que reconheçam e fortaleçam o direito à educação.

Dessa forma, Mendaña e Castro (2015) entendem que a educação deve ser pensada como um direito humano, a partir do que as autoras defendem esse direito, como uma via que possibilita mais do que a alteração, a transformação da realidade da exclusão social, oportunizando a inserção social do indivíduo.

Ademais, como aponta Nascimento (2011), a educação é um direito dos idosos, legalmente previsto e garantido por normas legais, dentre as quais o autor destaca o Estatuto do Idoso (Lei nº 10741/2003, artigo 20).

No que tange à presença e à participação de alunos idosos na Educação de Jovens e Adultos, a necessidade de implementar ações e políticas públicas que consolidem o direito desses sujeitos e mais do que isso, viabilizem o acesso, a permanência e a integração deles a uma instituição regular e permanente de ensino, é ainda maior e se faz emergente conforme a população idosa aumenta no país.

É por isso que Mendaña e Castro (2015), expõem que a EJA

“... precisa avançar em relação as suas práticas e planejar situações de aprendizagem que promovam a inclusão social e uma educação emancipatória aos seus alunos” (MENDAÑA e CASTRO, 2015, p 49).

E segundo Pereira (2013), ainda em relação aos alunos idosos, à Educação de Jovens e Adultos e à necessidade de inovar,

“... a EJA aparece como uma conquista para estes sujeitos, cumprindo seu papel social, entretanto o espaço escolar e a escola não foram pensados para estes sujeitos, assim encontram algumas barreiras no acesso ao ensino. Assim, algumas práticas podem vir descontextualizadas, assim como avaliação dos mesmos” (PEREIRA, 2013, p. 38).

Os entrevistados não foram diretamente questionados acerca do direito à educação, nem sobre a necessidade de implementação de ações e políticas públicas que venham a consolidar esse direito, pois, além de não ser o foco deste trabalho, esse assunto não integrou o roteiro de entrevista.

Todavia, durante o ano de 2016, ao frequentar a escola, conviver com os alunos e participar das atividades ali e com eles desenvolvidas, o que também fundamenta esta pesquisa participante e integra sua metodologia, é possível afirmar que de forma geral, os alunos da EJA reconhecem a educação e o acesso à escola como um direito, bem como, percebem e criticamente apontam a necessidade da EJA ser reconhecida como um direito, valorizada, aprimorada e aperfeiçoada de acordo com as necessidades específicas de seus alunos, para o que, então, infere-se que é necessário promover ações e políticas públicas inovadoras, com foco direto na EJA e em seus alunos.

#### **4.4. Educação, Escola e a inserção social do idoso.**

Para Oliveira (2013), a educação propicia ao idoso uma participação mais ativa e integrada à sociedade e, ainda segundo a autora,

“... compete à própria pessoa idosa entender a sua inserção e o papel que desempenha nessa sociedade, percebendo suas necessidades, reivindicando o respeito aos seus direitos, a sua cidadania, contribuindo para uma nova visão do idoso e um esboço de outro paradigma de velhice” (OLIVEIRA, 2013, p. 81).

Assim, Oliveira (2013) entende que a educação ocupa lugar de destaque e é muito importante nesse processo de inserção social, notadamente como estratégia fundamental de empoderamento do idoso rumo à superação da marginalidade e assim, a ação pedagógica – formal ou não formal - viabiliza as condições necessárias que oportunizam a formação do idoso como ator social, ampliando as chances desse indivíduo tornar-se ou efetivar-se como sujeito ativo, integrado à sociedade e nela interagindo.

Tavares (2013) reitera e ratifica o acima exposto, acrescentando que a educação é reconhecida como uma prática social que advém das relações sociais estabelecidas entre sujeitos, no âmbito de vários ambientes e espaços, e que lhes prepara para “... enfrentar os estereótipos que lhes foram impostos pela sociedade, com o objetivo de construir um novo olhar para a velhice” (p.21) e, com o devido respeito, igualmente para o próprio idoso.

É importante enfatizar, também com base em Oliveira (2013), que entendida como uma prática social, a educação “... permite que o homem constantemente aprenda, tornando-se possível pensar em uma transformação cultural e na própria sociedade” (p.83), de tal forma que esse processo ensino-aprendizagem está fundado na construção e na reconstrução crítica, reflexiva e democrática dos conhecimentos, propiciando o desenvolvimento de todas as pessoas, especialmente constituindo-as enquanto cidadãos atuantes e conscientes.

Em complemento, Oliveira (2013) afirma que “... a educação é uma ação permanente e que o processo de aprendizagem ocorre durante toda a vida do homem...” (p. 83).

De modo semelhante, para Nascimento (2011) “a educação é um importante meio de transformação e valorização do idoso...” (p.19), “... uma condição oferecida para permitir aos idosos viverem e acompanharem as constantes evoluções da sociedade, adaptando-se e participando ativamente desse ritmo acelerado de mudança...” (p.19), que permite “... reforçar a participação real e a integração dos idosos na sociedade” (p.19), especialmente por ser “um meio de libertação” (p.20).

Isso posto, Pereira (2012) afirma que o ingresso ou reingresso de idosos na escola corresponde a

“... um processo de dupla libertação: a libertação do passado opressor de abandono da escola por exigências do trabalho ainda na infância, para ajudar a família e se manter, e a libertação do presente opressor, em uma sociedade que marginaliza aqueles que chegam a essa idade, associando a velhice a um período marcado somente por processos de dependência, impotência e debilidades” (PEREIRA, 2012, p. 11).

Um bom exemplo disso é o fato narrado pela entrevistada Dona Isabel que apenas pode buscar uma escola após o falecimento de seu marido, tal como esclareceu:

*Sra. Isabel: “Quando eu, o meu marido morreu... eu cheguei na... eu cheguei lá na 26 e falei pra diretora... diretora, eu queria estudar, mas tô com vergonha porque eu já tô muito velha. Aí a diretora falou assim: filha, não sinta vergonha, nós te acolhe com muito carinho. Eu tinha muita vergonha, é porque eu já me achava muito idosa já. Mas agora eu me sinto muito bem, porque a gente conhece outras pessoas muito boa. Os professor acolhe a gente. A gente vai... por exemplo: a gente vai pra UnB, nossa, eu amei! Porque aquelas pessoas acolhe muito a gente”.*

Mas que escola é esta?

Com base em Mendaña e Castro (2015), é possível concluir que a escola é uma instituição social, da sociedade, que tem o objetivo de formar cidadãos e como foco a “formação da identidade do povo e de sua Cultura, intimamente popular” (p.46).

Para Gouveia e Silva (2015), trata-se de um espaço democrático e de socialização e para Tavares (2013), é percebida sua importância enquanto espaço educativo, fundamental para

“... se pensar na inserção e as demandas destes adultos maduros e idosos, criando novas redes e expectativas em uma fase que não se espera muito da vida” (TAVARES, 2013, p.21).

#### **4.5. O que atrai os idosos para a escola e para a EJA.**

Tomando como base a realidade e o contexto social, educacional e escolar, Pereira (2012), busca analisar os motivos que levam os idosos para a escola e explicar o aumento de alunos com 60 anos de idade ou mais na Educação de Jovens e Adultos, para o que a autora apresenta a possibilidade deles de resgatarem o significado do “ser estudante” e a imagem que isso representa, além das lembranças que lhes foram roubadas, daquilo que lhes foi negado no passado e que, no presente, possibilita o fortalecimento da imagem de uma velhice ativa, capaz e com visibilidade social, redefinindo o papel do idoso na sociedade.

Então, a escola é um importante espaço de socialização e a inserção de velhos nesse ambiente, segundo Pereira, provoca a necessidade de refletir sobre a possibilidade e a complexidade de criar uma “pedagogia da velhice”, a partir do que, é possível pensar a elaboração de políticas de educação pública com foco nesses indivíduos, identificando-os para, em seguida, tratar da formação de educadores para a EJA e da política curricular que incorpore questões relacionadas ao processo de envelhecimento e aos idosos da atualidade.

Merece destaque, também a partir de Pereira (2012), que da relação aluno idoso e escola, advém uma integração simultânea e recíproca, em que a escola passa a integrar o cotidiano do aluno idoso, tal como ele integra o cotidiano escolar, razão pela qual a escola é encarada como um espaço de socialização, onde novos relacionamentos, novas amizades e novos papéis são estabelecidos, de forma a integrar o idoso à realidade do mundo e do tempo presente, propiciando seu maior reconhecimento social, mais independência e a conquista da autonomia.

Segundo a autora, cabe salientar que:

“... para esses idosos, frequentar a escola significa a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos, aprender coisas novas, alargar seus relacionamentos, melhorar a qualidade de vida, a autonomia e a autoestima” (PEREIRA, 2012, p.31).

É nesse contexto que surge a educação de jovens e adultos, enquanto modalidade de ensino (MENDAÑA E CASTRO, 2015) que está além das letras,

intrinsecamente integrada a um processo de construção da cidadania, de desenvolvimento social e intelectual que favorecerá a liberdade, a socialização e intensificará o senso crítico dos sujeitos nela inseridos (PONTE, 2012), oferecendo o direito à educação àqueles que não tiveram acesso na “idade própria” (SILVA e MARTINS, 2012).

Em seu trabalho, Marcarini (2014), com base no depoimento de uma idosa, expõe que para a entrevistada “o acesso à EJA representa alteração em sua vida e representa uma maior autonomia e uma resistência ao discurso do patriarcado” (p. 350).

Nesse sentido, Oliveira (2015) observa que a inserção do idoso em um espaço educacional, além de levar o idoso a adquirir conhecimento, possibilita sua integração social, a elevação de sua autoestima, sua valorização pessoal, o conhecimento de seus direitos e deveres, mas também, o exercício pleno da cidadania.

E salienta que isso não decorre de uma possível evolução do pensamento pedagógico, mas sim da necessidade de constante atualização das pessoas (OLIVEIRA, 2015).

Provocados a discorrer sobre os motivos que levaram a retomar o estudo na EJA e que continuam motivando-os a continuar na escola, os alunos entrevistados responderam:

*Sr. Francisco: “Ah! Rapaz... Eu escrevia ruim de mais meu nome, engolia as letras... ficava até tremendo. Falavam: assina aqui... no banco, no emprego, contra cheque, fazia tudo errado, tudo errado... Tá melhorando a caligrafia, perdi mais o medo. ... Meu interesse mesmo é aprender ler, fazer conta. É muito ruim você não saber fazer uma conta direitinho. O povo passa até a perna”.*

*Sra. Isabel: “Porque você fica mais independente. Antigamente eu tinha que pedir meu filho pra ver os dia das minhas consulta... Hoje em dia eu não preciso mais. Então eu me virei mais, fiquei independente. Cê tá entendendo!? Porque antigamente eu fazia assim... mais porque que meu filho, eu não entendia o porquê..., porque ele também trabalha. ... Aí, às vezes eu queria cobrar muito dele, eu falei assim... Deus o senhor tem que me dá sabedoria, sabedoria pra mim saber das coisas. E foi aí que eu decidi que eu ia pra escola. Que eu queria ser independente na minha vida. E eu falo pras pessoa, não desista nunca, não seja uma fracassado. ... Eu não tô dizendo a você... que foi um dia... eu tava em casa, de tarde, eu disse, eu vou na escola. Aí foi chegar lá, eu tomei conhecimento da EJA. Aí que a dietora falou que tinha o EJA. Esquecia de pôr os pingo no “l” no meu nome.*

*... Entendeu? Faltava letra, hoje em dia não falta mais porque eu sei ... Então, pra mim, é muito importante, meu filho, isso”.*

Sra. Sebastiana: “Sabe o que é Claudio... eu tenho um sonho na vida, sabe? Meu sonho é tirar minha carteira de motorista. Por isso que eu estou estudando. Aí eu quero tirar minha carteira. Se eu não estudá, como é que fica? É difícil, né!? ... Aí se não tirá a carteira, como é que vai dirigí o carro? ... E também eu..., eu também, eu acho a coisa mais linda do mundo a pessoa pegá a caneta e escrevê o que quer. Eu acho muito bonito. Eu acho lindo demais. A pessoa pegá a caneta e não tem medo de nada. Vai e faz tudo o que tivé pensando. Esse também é meu sonho. O dia que eu der conta de fazê isso, vai ser a benção do Senhor”.

*Sra. M<sup>a</sup>. Deides: “Muita coisa. Primeiro, eu ia no mercado e não sabia o preço das coisas, dava duas ou três viagens no mercado. Eu conhecia o dinheiro, mas eu chegava no mercado e não sabia o preço das coisas e eu, então, com medo de não dar, eu comprava um pacote de arroz, um de açúcar e deixava em casa. Pegava o dinheiro de novo e voltava lá pra comprar outras coisas, então era assim de pouquinho, sabe!? Porque eu não conhecia. Agora não. Manda eu ir lá, compro já e o rapaz vem deixar no carro. ... É. Com dinheiro, fazer minhas compras. É muito ruim, a conta de água chegava e eu tinha que esperar meu filho - “meu filho, veja a quanto deu aqui em minha luz?” Né!? O correio chega e bota aqui uma cartinha, agora eu já vejo, já leio e digo “essa aqui não é minha não”. Passo por lá e entrego”.*

*Sr. Altino: “Sabe porque...? Porque você faz parte de uma psicologia na cabeça da gente que você tem que empatar a mente pra não fazer besteira, ficar andando com os outros, com vagabundagem e não beber. Porque você sabe que quando aprende à toa, aprende outras coisas. Quando eu não vou pra escola eu vou pra igreja, justamente para empatar a minha mente, sabe!? ... Ocupar a minha mente. ... Pra conviver com pessoas diferentes, trocar ideia. Você conversa com um, conversa com outro. Tá passando seu tempo e tá sempre renovando sua mente”.*

Aprender a ler, a fazer as contas, ficar mais independente, adquirir sabedoria, escrever melhor, corretamente, perder o medo de errar, tirar carteira de habilitação, reconhecer e saber lidar com o dinheiro, ler as contas que têm que pagar, ocupar a mente, conversar e conviver com pessoas diferentes, reiterando e ratificando a bibliografia estudada, eis o rol de motivos que levam os entrevistados a retomar o estudo e a continuar na escola.

#### **4.6. Memórias de uma infância sem escola, sem estudo.**

De forma geral, os trabalhos analisados trazem à tona as lembranças e as memórias dos alunos idosos da Educação de Jovens e Adultos, em cuja infância o direito de estudar, de ir para a escola, lhes foi negado, pois corresponderia a um



privilégio que não lhes cabia desfrutar, refletindo um momento em que a escola não era o lugar deles (PEREIRA, 2012).

Nesse sentido, os resultados do presente estudo reforçam a ideia da infância sem escola. Questionados sobre a oportunidade de estudar, de frequentar a escola na infância, os relatos apresentados abaixo corroboram com os dados encontrados na literatura.

*Sr. Francisco: “Na infância, não tive colégio. ...Não, na roça não”.*

*Sra. Isabel: “Não, nunca fui”.*

*Sra. Sebastiana: “Eu comecei a estudar quando cheguei aqui em Brasília (com seis anos). Mas eu não podia estudar porque eu tinha que trabalhar... Não tinha como estudar...”.*

*Sra. M<sup>a</sup>. Deides: “Não. Fui criada pelas casas dos outros, ninguém fez esforço, nem eu também. Criança também, né!?”.*

*Sr. Altino: “Não. Não tive tempo para isso não. Não fui criado nem com pais, nem com mãe. Fui criado no meio do mundo aí... Não, não tive tempo para estudar não”.*

Os depoimentos são unânimes ao demonstrar que todos os entrevistados não estudaram e não frequentaram escola quando crianças.

Dentre os motivos pelos quais esses alunos foram impossibilitados de frequentar a escola e assim acessar a educação ainda durante a infância, Marcarini (2014), Pereira (2012) e Tavares (2013) indicam a proibição imposta pela família, principalmente pela figura paterna, o dever de, ainda muito criança, trabalhar e auxiliar no sustento de suas famílias de origem, tanto em atividades familiares, como ingressando precocemente no mercado de trabalho e, ainda, o fato de terem constituído suas próprias famílias e assim terem a obrigação de trabalhar para manter o sustento e a necessidade de seus cônjuges e filhos.

Diante desse contexto, cabe enfatizar que Silva e Martins (2012) definem a Educação de Jovens e Adultos como “uma modalidade de ensino que oferece o direito à educação às pessoas que não tiveram acesso ao ensino fundamental e médio na idade própria” (p. 231).

Uma vez que essas pessoas perderam o “tempo certo de escola”, Silva e Martins (2012) destacam a importância de desenvolver o trabalho com a EJA, especialmente a alfabetização de adultos, como algo que decorre dos direitos desses indivíduos que, assim, em busca da dignidade e da cidadania, são orientados a conscientemente - crítica e politicamente – se transformarem, desenvolvendo-se integralmente como seres humanos.

E complementam com a ideia de que isso se torna ainda mais evidente quando novas práticas pedagógicas e políticas educacionais mais consistentes e eficazes, comprometidas com a formação humanizadora do cidadão, surgem de modo a viabilizar a autonomia dos indivíduos (SILVA e MARTINS, 2012).

É importante registrar que “a escolarização é um sonho que pode ser realizado na velhice” (PEREIRA, 2012, p. 27).

#### **4.7. Impressões dos alunos idosos sobre as contribuições da EJA.**

A presença de alunos idosos na Educação de Jovens e Adultos, ou seja, o retorno deles para a escola, ocorre por várias razões, porém, contribui para promover uma série de vantagens, dentre as quais, abaixo são pontuadas algumas daquelas mencionadas por Gouveia e Silva (2015), Marcarini (2014), Mendaña e Castro (2015), Nascimento (2011), Ongaratto (2012), Pereira (2012), Ponte (2012), Roldão (2011), Silva e Martins (2012) e Tavares (2013), a saber:

- a escola, encarada como espaço de socialização, permite que esses alunos estabeleçam novos relacionamentos, façam novas amizades, sejam integrados ao mundo e, portanto, sejam socialmente reconhecidos;
- a aquisição de novos conhecimentos se torna uma realidade;
- a melhora de condições e da qualidade de vida na velhice é estimulada;
- o reconhecimento e a conscientização a respeito de seus direitos, juntamente com a percepção e a valorização da cidadania, da autoestima e da dignidade dos idosos, viabiliza a organização de uma

resistência, bem como, a aquisição ou a consolidação de suas independências e a conquista de maior autonomia.

Em apartado, merece ser destacado o estudo desenvolvido por Santos *et al* (2014) que, sob a ótica da gerontologia, notadamente voltada para a saúde de idosos, como resultado do acompanhamento e da observação de um grupo, concluiu que as pessoas que estavam inseridas em algum programa educacional, ou seja, mantinham contato com a educação e/ou com a escolarização, apresentaram melhores índices (mais positivos) quanto à qualidade de vida.

Ao analisar as manifestações dos entrevistados, questionados a respeito da contribuição da educação e da escola em suas vidas, em seu cotidiano, o que teria mudado para eles, é possível verificar que entre as respostas, abaixo transcritas, aparecem muitas das contribuições acima elencadas, apontadas na bibliografia pesquisada.

*Sr. Francisco: “É... Conversar mais, mais... Não falar muita palavra assim, assim, né!? Errada, né!? Falta de estudo e sabedoria. Agente fala errado, né!? Tem palavra que fala errado... às vezes eu tô vendendo doce e eu falo, tenho que ir embora para a escola, tenho colégio, tenho que aprender a estudar . Fico preocupado... Pra trabalhar, com o negócio de vender doce, ajuda muito, fico mais atento, né!? De tudo, né!?”.*

*Sra. Isabel: “Me fez mais feliz. Entendeu!? Me faz mais feliz, faz eu entender mais as coisas, entendeu!? Como é que a gente, vocês, os professor ensina a gente, como é que a gente pode lidar com as coisas mais difícil, aí que você começa a entender. Você passa a não ser ignorante, porque não precisa... Eu me acho que... me dá mais educação. Pra falar com as pessoa, pra entender as coisas, entendeu? Por isso que eu gosto de vim pra escola, eu aprendo muito na escola. A gente não só aprende lê, até boas maneiras pra falar com as pessoa. Entendeu? Isso é muito importante. Agora vamos simhora trabalhar, vamos simhora estudar agora Claudinho?”.*

*Sra. Sebastiana: “... Mudou. Que agora eu tô aprendendo, eu to aprendendo. Aprender é muito bom, né!? Tudo de bom é você aprender. ... Contribui pra melhora né, Cláudio? ... Pois é, a gente fica em casa, a gente fica assim, com depressão. Aí cê vem pra escola, você conversa com os amigo, aí fica alegre, né!? Então a escola contribui pra você não ficar deprimido. Cê fica mais alegre, animado, né!? Ficá em casa você fica deprimido, é ruim demais... É horrível, né!? ... Eu já tô assim, escrevendo melhor, lendo melhor, já tô bem mais desenvolvida. ... Deixa a gente mais tranquilo, mais..., mais esperto, não fica muito deprimido, não!? Então vem pra escola, você conversa com o professora, conversa com um, com outro... Você não fica muito deprimido... A escola contribui nesse sentido”.*

*Sra. M<sup>a</sup>. Deides: “Às vezes as palavras. As veis a gente vai falar uma palavra e fala errado. Eu já aprendi muita coisa, até mesmo no serviço, as outras empregadas ficavam rino porque eu falava errado. Aí agora é “Óia! A menina tá aprendendo a falar agora... Óia como tá falando bonito”! Tudo a*

*gente presta atenção. Fica cativando a gente pra vim cada vez mais. ... Vou dizer uma coisa pro senhor. Só tenho a agradecer a Deus todo santo dia que às vezes eu deixava de pagar a minha conta porque às vezes eu não sabia quanto tinha vindo ali naquela conta. Ai no outro dia, meu filho quando chegava, que ele trabalha fora, né!? Eu já tinha saído. Quando eu chegava de noite ele não tava. Eu dizia, ai meu Deus! Como eu vou pagar essa conta!? Eu tô com medo desse dinheiro não dar pra pagar, porque eu não sei quanto veio. Agora, na caixinha do correio, a conta tá lá... Gente eu descobri o mundo, cada dia eu descobro uma coisa. Isso é muito bom”.*

*Sr. Altino: “A escola mudou porque eu acho bom de ter que vim pra escola, vou pra casa, chegando em casa vou dormir, sossegado, sabe!? Eu gosto da minha tranquilidade. ... Mudou, porque eu vou pegar um ônibus e não procuro por ninguém. Sei ler um pouquinho. Eu chego no itinerário do ônibus e “pá”. ... Tem mais liberdade, lê um pouquinho, né!? Porque você não sabe, procura aprender um pouquinho. ... A rotina pra mim foi boa porque pra mim aliviou a minha cabeça, eu esqueci um pouco certas amizades, porque amizades não leva ninguém à frente, só leva pra trás. É só pra chamar pra beber cachaça, arrear, então... eu não gosto...”.*

Com base nos depoimentos dos entrevistados, é possível inferir que eles reconhecem a escola como um espaço de inserção social, integrado ao processo educacional, que contribui para sua socialização, mas também, para elevar sua autoestima, reforçar sua liberdade, sua independência e, principalmente, para consolidar sua autonomia, com reflexos sobre sua rotina e seu cotidiano.

Nesse contexto, destacam-se as seguintes manifestações:

*Sra. M<sup>a</sup>. Deides: “É. Mais independente (sentimento da entrevistada), e professor, no dia que não tem aula é tão ruim. É muito ruim o dia que não tem aula”.*

*Sr. Altino: “Não depender de ninguém. É a coisa mais bom que eu acho. ... Tem mais liberdade, lê um pouquinho, né!? Porque você não sabe, procura aprender um pouquinho. ... Só não me sinto mais independente porque eu me sinto muito sozinho, né!?”.*

#### **4.8. O futuro do idoso e da EJA sob uma perspectiva interdisciplinar.**

Pensar na educação de idosos, especialmente na presença e na participação deles na Educação de Jovens e Adultos, atualmente requer maior observação e atenção sobre esse grupo, com os sentidos atentos àquilo que ele espera da educação e da escola, seus anseios, suas expectativas, suas necessidades, seus objetivos para, então, raciocinar a respeito da construção de

uma nova EJA, com profissionais melhor capacitados e preparados para atuar junto a esse público, refletir sobre um currículo apropriado, pensado e focado no idoso.

Nesse sentido, Oliveira (2013) apresenta as concepções de uma educação permanente, ou para toda a vida, e da gerontologia educacional.

A ideia de uma educação permanente é concebida a partir de novos conceitos de vida humana, de velhice e de um “novo idoso”, tendo como princípio central não apenas o aprender, mas, sobretudo o viver para aprender, além da inserção e da integração com quem o cerca, da necessidade de ampliar a participação ativa das pessoas na sociedade (OLIVEIRA, 2013).

Para Ongaratto (2012), a educação permanente...

“... baseia-se em uma nova concepção de homem, em que os educandos são vistos como parceiros de todo o processo educativo. Para os idosos, é a oportunidade de aprender novos conhecimentos, se atualizarem e se sentirem parte de um grupo que busca o enfrentamento dos desafios diários” (p.15)

E nas palavras de Roldão (2011),

“... a oferta de oportunidade para uma educação permanente da pessoa idosa, é uma das estratégias sociais possíveis que contribui para a manutenção da autonomia do idoso contemplada em múltiplos aspectos: social, psicológico, cultural, relacional/interpessoal, etc, que possibilita a realização de um caminho que pode estimular a realização de um percurso que visa contribuir para afastar as pessoas idosas da suscetibilidade à vulnerabilidade e aproximá-las de uma maior autonomia” (p.90).

Por sua vez, a gerontologia educacional, enquanto disciplina científica possui uma “dupla dependência epistemológica”, uma pedagógica, com foco na pedagogia social e na educação de adultos, e outra gerontológica, baseada na gerontologia social, contudo, tem como objetivo a educação para e sobre a velhice e sobre o envelhecimento (OLIVEIRA, 2013).

Nessa linha, para Tavares (2013) a gerontologia educacional é uma forma de educação permanente, mas também, é um campo interdisciplinar.

Eis um campo de estudo que, segundo Oliveira (2013), ainda tem muito a ser explorado, desenvolvido e produzido, cujas pesquisas tendem a contribuir para a melhor compreensão, aprofundamento e organização dessa área e que, para Ongaratto (2012),

“a gerontologia educacional envolve seleção e provisão de métodos para melhorar o trabalho dos profissionais e também a aprendizagem dos idosos. É um campo que tenta integrar as instituições e processos de educação com o conhecimento sobre o envelhecimento e as necessidades específicas dos idosos. Integra três aspectos: a) Educação para os idosos/ b) Educação para a população em geral sobre a velhice e os idosos/ c) Formação de recursos humanos para o trabalho com os idosos” (p. 15).

Mas não é só.

Ongaratto (2012), citando Cachioni e Palma (2006, p. 1463), exhibe ainda as concepções de “educação gerontológica” e de “gerontagogia”, sobre o que os autores discorrem respectivamente:

“a educação gerontológica “focaliza o ensino sobre uma sociedade que envelhece, com a finalidade de: preparar e atualizar para carreiras profissionais em gerontologia; preparar cuidadores informais; oferecer à sociedade informações sobre velhice, envelhecimento e necessidades dos idosos”” (CACHIONI e PALMA, 2006, in ONGARATTO, 2012, p. 14) e,

“a gerontagogia é a “ciência educacional interdisciplinar cujo objeto de estudo é o idoso em situação pedagógica; é, assim, uma ciência aplicada”” (CACHIONI e PALMA, 2006, in ONGARATTO, 2012, p. 15).

## 5.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo está baseado na realidade atual da sociedade, no aumento da parcela idosa da população, nas novas concepções de velhice, velho, idoso e envelhecimento, na inserção e na interação do idoso na educação e na escola, mas também, em como a educação e a escola podem contribuir para a socialização dos idosos, para a melhoria na qualidade de vida desses indivíduos, elevando sua autoestima, além de estimular e consolidar sua independência, sua autonomia.

Isso posto, o principal objetivo desta pesquisa foi investigar os significados de Educação e de Escola para um grupo de alunos idosos da EJA, bem como, a contribuição da escola para o processo de socialização e a consolidação da autonomia desses sujeitos, notadamente os alunos matriculados na EJA da Escola Classe 03 do Paranoá, no decorrer do ano letivo de 2016, ocasião em que este estudo foi realizado.

Nesse sentido, o trabalho foi desenvolvido no intuito de, ainda:

- caracterizar a realidade atual da sociedade brasileira, apontando o aumento da parcela idosa da população;
- verificar a presença e a relação entre alunos idosos, a educação e a escola como espaço de inserção social;
- apresentar o perfil do aluno idoso que frequenta a EJA, especialmente na Escola Classe 03 do Paranoá;
- analisar a contribuição da educação e da escola para a melhoria na qualidade de vida de alunos idosos, para a elevação de sua autoestima e para sua independência.

O método adotado visou caracterizar o campo de pesquisa, classificada e desenvolvida como uma pesquisa qualitativa participante, sendo indicada a utilização de entrevistas não diretivas como instrumento para coleta de dados, e ainda, a realização de um levantamento bibliográfico acerca do tema.

Posteriormente, foi apresentada uma discussão acerca dos resultados obtidos a partir da relação que foi estabelecida entre as contribuições dos trabalhos de pesquisas analisados em decorrência do levantamento bibliográfico e os depoimentos dos alunos entrevistados.

Ao final, com fundamento neste estudo, conclui-se que o atual quadro demográfico brasileiro aponta o aumento no número da parcela idosa da população, configurando uma nova realidade, o que gera a necessidade de repensar, reelaborar e reestruturar a sociedade a partir da observação e da percepção dessa nova configuração social, da vivência, da inserção e da interação com todos os sujeitos desse novo mundo, com destaque para os idosos, compreendendo novos conceitos e as atuais concepções de velhice, de velho, de idoso e do próprio processo de envelhecimento.

Dessa forma, é possível sentir, assimilar, entender e valorizar a realidade do idoso, identificando o que esse grupo espera da sociedade, seus anseios, suas expectativas, suas necessidades, seus objetivos para, então, pensar a construção, a elaboração e a implementação de novas políticas públicas que garantam, de fato, todos os direitos, a inserção social e a melhor qualidade de vida para a população idosa.

Nesse sentido, resta evidente que a educação é um direito, um direito humano que contribui para o idoso se conhecer melhor, se reconhecer como cidadão, como um ser humano detentor de direitos, que deve se valorizar, que pode melhorar sua autoestima, sua qualidade de vida, sua saúde, adquirir novos conhecimentos, ocupar – de fato e de direito – seu lugar e seu papel junto à sociedade, como protagonista, alguém que conquistou e consolidou sua liberdade, sua independência, sua autonomia.

E para que tudo isso ocorra, é necessário reconhecer e enfatizar a importância da escola enquanto ambiente social, um espaço de socialização e, sobretudo a Educação de Jovens e Adultos, modalidade de ensino que viabiliza a presença dos idosos na escola, torna possível praticar uma educação permanente, instigando o surgimento de novos campos de estudo e do conhecimento com foco



nos idosos, dentre os quais estão a pedagogia da velhice, a gerontologia educacional, a educação gerontológica e a gerontagogia.

Por fim, saliento a necessidade de, juntos, o maior número possível de pessoas, das mais variadas formações, campos e áreas de atuação, caminharmos coletivamente, prosseguirmos observando, analisando, sentindo, estudando, pesquisando, interdisciplinarmente, e darmos nossa contribuição para a valorização, o fortalecimento, a melhoria e os avanços da Educação de Jovens e Adultos, bem como, de tudo o que diz respeito aos idosos, esse grupo que, em sua maioria, é composto pela parcela mais frágil, suscetível e desprotegida de nossa sociedade.

Caminheemos...

## PARTE III

### PROJETOS PARA O FUTURO

Há exatos nove anos, quando ainda vivia em Campinas e aguardava ansiosamente o nascimento de minha segunda filha, Laura, decidi enfrentar o desafio de prestar o vestibular para ingressar no curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Pai de família e com todas as atribuições decorrentes disso, já contabilizava duas graduações, uma licenciatura e trabalhava como professor de história no ensino fundamental II, no ensino médio e na Educação de Jovens e Adultos, em uma escola da rede pública estadual de ensino, onde era concursado e efetivo.

Assim, tendo assumido a atividade docente como minha principal atividade profissional e inserido no universo da educação, via na pedagogia a oportunidade de aperfeiçoar minha formação, adquirir novos conhecimentos, me atualizar e aprimorar minha capacitação profissional, melhorando como professor.

Aprovado, iniciei minha trajetória na pedagogia e ali, na FE/Unicamp, permaneci entre 2008 e 2012, quando já havia iniciado a mudança, com minha família, aqui para Brasília.

Por muito pouco, faltando apenas duas ou três disciplinas, incluindo um trabalho de conclusão de curso, não terminei o curso ainda lá em Campinas, mas a distância da família, pois minha esposa e nossas filhas já estavam aqui em Brasília, pesou muito e efetivei minha vinda para cá, sem concluí-lo.

Para mim, é muito importante recordar tudo isso, porque após anos de empenho e sacrifício de toda uma família, eu não consegui atingir meu objetivo e tive que deixá-lo de lado.

Ademais, após décadas de vivência e experiência universitária, foi na educação que eu encontrei o campo ideal, extremamente instigante, prazeroso e

apaixonante, para iniciar uma nova atividade, qual seja, a de pesquisador.

Além disso, foi a primeira vez que tive a oportunidade de planejar, desenvolver e consolidar uma atividade de pesquisa, pois, à época em que concluí minhas outras graduações e minha licenciatura, não constava dos currículos e dos programas a realização de um trabalho de conclusão de curso.

Depois que cheguei em Brasília, tão logo tive uma oportunidade, empenhei-me para conseguir ingressar na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), sobretudo para concluir o curso de pedagogia, mas também, para quem sabe, me engajar em um grupo de pesquisa, desenvolver um trabalho final de curso e, assim, futuramente, continuar minha caminhada acadêmica, ainda como estudante, porém, vinculado a um programa de pós-graduação em educação.

Este trabalho de pesquisa, ainda que na modalidade trabalho final de curso, representa uma transição, ou seja, uma passagem de etapa.

Inicialmente, representa a conclusão do curso de pedagogia, fruto de muitos anos de dedicação e esforço, não só de mim, mas igualmente de minha esposa e nossas filhas.

Na reta final do curso de pedagogia, tive o privilégio de ser aluno da Profa. Dra. Maria Clarisse Vieira, quem me apresentou e me iniciou no estudo da educação de jovens e adultos, bem como, posteriormente colaborou para meu ingresso no GENPEX (Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais), um grupo de pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, ao qual me sinto engajado.

Isto posto, ao concluir o curso de pedagogia, finalizando-o com este trabalho e estando engajado a um grupo de pesquisa, resta-me como meta, objetivo, entre muitos projetos para o futuro, quem sabe, a obtenção de uma oportunidade de ingresso no programa de pós-graduação em educação desta faculdade, para continuar a estudar, mas também a aprimorar-me como pesquisador, prosseguindo minha caminhada, minha jornada acadêmica.

Ao concretizar pela primeira vez um trabalho acadêmico que considero relevante e representa minha estreia na área da pesquisa, reconheço que posso ter

cometido falhas, que ainda tenho muito o que aprender e a aperfeiçoar.

Contudo, diante da necessidade de aprimorar, inovar e porque não, construir uma nova Educação de Jovens e Adultos, ainda mais com o surgimento de novos campos de estudo e do conhecimento que foca os idosos, sinto-me empolgado e bastante entusiasmado para continuar a caminhar.

Afinal, creio que pratico o que aprendi com meu pai e me inspiro naquilo que ele dizia:

“Todos os dias de nossas vidas, independentemente de nossas vontades, do lugar em que estamos, de com quem convivemos, de nossas idades, mesmo sem perceber, sempre estamos estudando e aprendendo algo novo, reformulando nossos conhecimentos, nossas ideias, nossos pensamentos”.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, A. de J. P. de; LEHFELD, N. A. de S.. *Fundamentos de Metodologia: um guia para a iniciação científica*. 2.ed.. São Paulo: Mc Graw-Hill, 2000.
- BARROS, A. de J. P. de; LEHFELD, N. A. de S.. *Projeto de Pesquisa: Propostas Metodológicas*. 22.ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BORGES, G. M., CAMPOS, M. B. de;e SILVA, L. G. de C.. *Transição da estrutura etária no Brasil: oportunidades e desafios para a sociedade nas próximas décadas*. In BORGES, G. M., ERVATTI, L. R.; PONTE, A.. *Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI: subsídios para a projeção da população*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- BRANDÃO, C. R.. *Pesquisa Participante*. 6. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FURINI, D. R. M., DURAND, O. C. da S.; SANTOS, P. dos. *Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, espaços e múltiplos saberes*. In LAFFIN, M. H. L. F. (org.). *Educação de Jovens e Adultos e Educação na Diversidade*. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011, p. 160 – 245.
- GOUVEIA, D. da S. M.; SILVA, A. M. T. B. da. *Os idosos na Educação de Jovens e Adultos: uma História de Exclusão e busca pela Educação e Cidadania*. Anais do IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: Didática e Avaliação (promovido pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), v. 1, Rio de Janeiro: 29 e 30 de junho de 2015.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2015*. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- LE BOTERF, G. *Pesquisa Participante: Propostas e Reflexões Metodológicas*. In BRANDÃO, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. 3.ed.. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 51 – 81.
- MARCARINI, C. T. *Gênero, geração e patriarcado: a EJA na construção da resistência e autonomia das mulheres*. In STECANELA, N.; AGLIARDI, D. A. e LORENSATTI, E. J. C. [orgs.]. *Ler e Escrever o Mundo*. Caxias do Sul/RS: Educs, 2014, p. 325 – 357.
- MENDAÑA, D. T.; CASTRO, M. A. C. D. de. *Educação de jovens e adultos e inclusão social: uma análise dos artigos publicados no periódico “educar em revista”*. Revista Ciências Humanas – Universidade de Taubaté, v. 8, n. 1, edição 14, p. 38-51, Taubaté/SP: junho/2015.
- MINAYO, M. C. de S. (Coord.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 29.ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NASCIMENTO, J. E. T. do. *A Educação como forma de melhorar a qualidade de vida do idoso*. Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Biologia pelo Programa Especial de Formações de Docentes da Faculdade Integrada da Grande Fortaleza, Crateús/CE: FGF, 2011.

OLIVEIRA, R. de C. da S. *A pesquisa sobre o idoso no Brasil: diferentes abordagens sobre educação nas teses e dissertações (de 2000 a 2009)*. "Acta Scientiarum. Education", v. 35, n. 1, p. 79-87, Maringá/PR: janeiro-junho/2013.

ONGARATTO, L. L. *Interfaces entre Educação e Envelhecimento*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP: Unicamp, 2012.

PEREIRA, J. M. M. *A Escola do Riso e do Esquecimento: Idosos na Educação de Jovens e Adultos*. Revista Educação em Foco – Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 11-38, Juiz de Fora/MG: setembro/2011-fevereiro/2012.

PINTO, J. M. *Participação social, saúde e bem estar em idosos da comunidade: Estudo Fibrá polo Unicamp*. Tese apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de doutora em Gerontologia, Campinas/SP: Unicamp, 2016.

PONTE, L. L. de B. *Representações sociais da Escola na perspectiva de alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA*. Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília/DF: UnB, 2012.

ROLDÃO, F. D. *Educação permanente de idosos: da vulnerabilidade à autonomia*. Revista Eletrônica da Faculdade Evangélica do Paraná, v.1, n.1, p. 84-91, Curitiba/PR: abril-junho/2011.

SANTOS, B. R. dos; PAVARINI, S. C. I.; BRIGOLA, A.G.; *et al. Factors associated with quality of life in elderly undertaking literacy programs (Fatores Associados com Qualidade de Vida de Idosos em processo de alfabetização)*. *Dement Neuropsychol*, 8 (2), p. 169-174, junho/2014.

SILVA, G. S. da; MARTINS, M. S. A.. *Educação de Jovens e Adultos (EJA): a Luta pelo Desenvolvimento da Cidadania*. Revista Nucleus – Fundação Educacional de Ituverava, v. 9, n. 1, p. 231-240, Ituverava/SP: abril/2012.

SOBOTTKA, E., EGGERT, E.; STRECK, D. R.. *A pesquisa como mediação política-pedagógica: reflexões a partir do orçamento participativo*. In BRANDÃO, C. R. e STRECK, D. R. (Org.). *Pesquisa Participante: a partilha do saber*. Aparecida, SP: Ideias ET Letras, 2006, p. 167 e ss..

STECANELA, N.; AGLIARDI, D. A.; LORENSATTI, E. J. C. [orgs.]. *Ler e Escrever o Mundo*. Caxias do Sul/RS: Educs, 2014.

TAVARES, A. M. C. *Adultos maduros e idosos na escola: depoimentos de educadores*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS: UFRS, 2013.

## ANEXO A: Carta de Encaminhamento de Estudante expedida pela Coordenação Regional de Ensino do Paranoá-Itapoã



**GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL**  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL  
C. R. E. PARANOÁ E ITAPOÁ  
(nome da Coordenação Regional de Ensino)

### CARTA DE ENCAMINHAMENTO DE ESTUDANTE Atividades Pedagógicas e de Pesquisa de Cursos de Licenciaturas

À Direção da Escola: CLASSE 03 - PARANOÁ

Encaminhamos o(s) estudante(s) abaixo relacionado(s), da Instituição de Ensino Superior UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, do curso de PEDAGOGIA, para realizar atividades pedagógicas da disciplina / do projeto TRABALHO FINAL DE CURSO - TFC (PROJETO 5) nessa escola. A atividade deverá ser realizada no 2º semestre do ano de 2016.

Solicitamos que a direção confira a identificação do(s) estudante(s) com um documento pessoal de identificação.

Nome do(s) Estudante(s)	Matrícula
<u>CLAUDIO MARCOS RABSO DE ALMEIDA (RG nº 15.556.140-6)</u>	<u>13/0151734</u>

Descrição da(s) atividade(s) a serem realizadas*	Carga Horária
<u>DISCIPLINA: PROJETO 5 - TRABALHO FINAL DE CURSO (TFC) e</u>	
<u>INSERÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR; INTEGRAÇÃO COM A COMUNIDADE</u>	
<u>DE; ACOMPANHAMENTO DAS ATIVIDADES, INCLUINDO A SALA DE</u>	
<u>INFORMÁTICA; DESENVOLVIMENTO DE UM TRABALHO/ PROJETO</u>	
<u>DE PESQUISA-AÇÃO.</u>	
<b>TOTAL:</b>	<u>20h.</u>

\* Atividades de disciplinas específicas da graduação, EXCETO ESTÁGIO SUPERVISIONADO. A carga horária total das atividades não poderá ser superior a 20 horas. Em caso de projetos maiores como PIBID e TCC, deverá estar anexado o projeto ou plano de atividades detalhado quanto aos objetivos e ao que será desenvolvido na escola.

Este documento **NÃO autoriza registros audiovisuais ou fotográficos de pessoas** (alunos, pais, professores e demais funcionários da escola) e também **NÃO autoriza** a fazer qualquer menção dos nomes ou referência que identifique esses representantes/membros da comunidade escolar.

É permitido ao(s) estudante(s), sob consentimento e anuência da Direção Escolar, fazer observações, registros fotográficos de espaços, recursos e materiais da rotina pedagógica da escola, bem como realizar entrevistas com registros escritos de rodas de conversas, oficinas, entre outras atividades especificadas neste documento, com a comunidade escolar, desde que preserve suas respectivas identidades pessoais e não comprometa os processos escolares.

Atenciosamente,

Brasília, 06 de dezembro de 2016.

[Assinatura]  
44497

Coordenação Regional de Ensino  
(nome, matrícula, assinatura e carimbo)

Coordenação Regional de Ensino do Paranoá e Itapoã  
Gerência de Educação Básica - GEB.



## APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Direção da Escola Classe 03 do Paranoá



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Departamento de Métodos e Técnicas

**Pesquisa/título: Educação de Jovens e Adultos - a Escola como espaço de inserção social e sua contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia de alunos idosos.**

Aluno: Claudio Marcelo Raposo de Almeida  
(matrícula nº 13/0151734)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clarisse Vieira


### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a Direção da Escola Classe 03 do Paranoá declara que foi informada e está ciente quanto à realização da pesquisa acima destacada, na modalidade “Trabalho Final de Curso”, desenvolvida nas dependências desta Escola como parte das atividades relacionadas à disciplina “Projeto 5 – TFC”, do curso de Pedagogia da FE/UnB, tendo recebido cópia do pré-projeto da referida pesquisa, do projeto ao que está vinculado, bem como, deste termo.

Assim, concordando com a realização desse trabalho de pesquisa, a Direção da Escola Classe 03 do Paranoá autoriza o uso e a divulgação do nome desta Escola, apenas e tão somente, destacando que esta autorização não inclui o uso de imagens e os nomes de quaisquer pessoas que integram esta comunidade escolar.

Atenciosamente,

Brasília - DF, 07 de dezembro de 2016.

  
*Liliene Gomes Costa*  
 Diretora - Mat 212.967-1  
 Escola Classe 03 Paranoá  
 DODF nº 114 de 16/06/2015 Pág. 23

**APÊNDICE B: Roteiro da entrevista**

NOME:

SEXO:

DATA DE NASCIMENTO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ IDADE:

LOCAL DE NASCIMENTO:

PROCEDÊNCIA GEOGRÁFICA:

SE FOR MIGRANTE - QUAL MOTIVO DA VINDA PARA BRASÍLIA/PARANOÁ:

- HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ EM BRASÍLIA/PARANOÁ:

ESTADO CIVIL:

FILHOS:

PROFISSÃO / OCUPAÇÃO:

RENDA PRÓPRIA:

RENDA FAMILIAR:

POSSUI DEPENDENTES FINANCEIROS ou DEPENDE FINANCEIRAMENTE DE ALGUÉM:

POSSUI CASA PRÓRIA:

RESIDE COM ALGUÉM:

COM QUAL FREQUÊNCIA CONVIVE SOCIALMENTE COM OUTRAS PESSOAS e EM QUAIS LOCAIS:

SE CONSIDERA SOCIÁVEL/GOSTA DE CONVIVER COM OUTRAS PESSOAS/QUAL MOTIVO:

EXPERIÊNCIA COM A EDUCAÇÃO E A ESCOLA – HISTÓRICO (DA INFÂNCIA À ATUALIDADE):

TEMPO NA ESCOLA CLASSE 3 e ETAPAS QUE CURSOU:

MOTIVOS QUE LEVARAM A RETOMAR O ESTUDO NA EJA e QUE CONTINUAM TE MOTIVANDO A CONTINUAR NA ESCOLA

:

COMO TOMOU CONHECIMENTO DA EJA:

SIGNIFICADO DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA:

O QUE MAIS GOSTA NA ESCOLA:

O QUE MENOS GOSTA NA ESCOLA:

O QUE A ESCOLA MUDOU EM VOCÊ:

PERCEBE SE A ESCOLA CONTRIBUE DE ALGUMA FORMA NA SUA ROTINA, NO SEU DIA-A-DIA:

## APÊNDICE C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos alunos entrevistados



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa/título: **Educação de Jovens e Adultos - a Escola como espaço de inserção social e sua contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia de alunos idosos.**

Aluno: Claudio Marcelo Raposo de Almeida

(matrícula nº 13/0151734)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clarisse Vieira

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a (o)

aluna(o) Francisca Silveira de Oliveira,  
matriculada(o) na Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá declaro que fui informada(o) e estou ciente quanto à realização do trabalho de pesquisa acima destacado, desenvolvido nas dependências desta Escola, tendo contribuído voluntariamente com minha participação na entrevista realizada nesta data.

Assim sendo, concordando com a realização da entrevista e com sua gravação, autorizo o uso e a divulgação do áudio da gravação, mas também, do meu nome, apenas e tão somente no que se refere à citada pesquisa.

Observo que me foi entregue uma cópia deste termo.

Atenciosamente,

Brasília - DF, 07 de 12 - 2016 de 2016.

Francisca Silveira de Oliveira



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa/título: **Educação de Jovens e Adultos - a Escola como espaço de inserção social e sua contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia de alunos idosos.**

Aluno: Claudio Marcelo Raposo de Almeida

(matrícula nº 13/0151734)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clarisse Vieira

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a (o)

aluna(o): ISABEL AMÉLIA FERREIRA,  
matriculada(o) na Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá declaro que fui informada(o) e estou ciente quanto à realização do trabalho de pesquisa acima destacado, desenvolvido nas dependências desta Escola, tendo contribuído voluntariamente com minha participação na entrevista realizada nesta data.

Assim sendo, concordando com a realização da entrevista e com sua gravação, autorizo o uso e a divulgação do áudio da gravação, mas também, do meu nome, apenas e tão somente no que se refere à citada pesquisa.

Observo que me foi entregue uma cópia deste termo.

Atenciosamente,

Brasília - DF, 07 de DEZEMBRO de 2016.

Isabel Amélia Ferreira



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Departamento de Métodos e Técnicas

**Pesquisa/título: Educação de Jovens e Adultos - a Escola como espaço de inserção social e sua contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia de alunos idosos.**

Aluno: Claudio Marcelo Raposo de Almeida

(matrícula nº 13/0151734)

Orientadora: Profª. Drª. Maria Clarisse Vieira

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a (o)

aluna(o): Altina dos Santos Raposo de Almeida,  
matriculada(o) na Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá declaro que fui informada(o) e estou ciente quanto à realização do trabalho de pesquisa acima destacado, desenvolvido nas dependências desta Escola, tendo contribuído voluntariamente com minha participação na entrevista realizada nesta data.

Assim sendo, concordando com a realização da entrevista e com sua gravação, autorizo o uso e a divulgação do áudio da gravação, mas também, do meu nome, apenas e tão somente no que se refere à citada pesquisa.

Observo que me foi entregue uma cópia deste termo.

Atenciosamente,

Brasília - DF, 7 de dezembro de 2016.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa/título: **Educação de Jovens e Adultos - a Escola como espaço de inserção social e sua contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia de alunos idosos.**

Aluno: Claudio Marcelo Raposo de Almeida

(matrícula nº 13/0151734)

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Clarisse Vieira

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a (o)

aluna(o): Maria Deides da Silva,  
matriculada(o) na Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá declaro que fui informada(o) e estou ciente quanto à realização do trabalho de pesquisa acima destacado, desenvolvido nas dependências desta Escola, tendo contribuído voluntariamente com minha participação na entrevista realizada nesta data.

Assim sendo, concordando com a realização da entrevista e com sua gravação, autorizo o uso e a divulgação do áudio da gravação, mas também, do meu nome, apenas e tão somente no que se refere à citada pesquisa.

Observo que me foi entregue uma cópia deste termo.

Atenciosamente,

Brasília - DF, 07 de dezembro de 2016.

Maria Deides da Silva



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa/título: **Educação de Jovens e Adultos - a Escola como espaço de inserção social e sua contribuição para o processo de socialização e consolidação da autonomia de alunos idosos.**

Aluno: Claudio Marcelo Raposo de Almeida

(matrícula nº 13/0151734)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clarisse Vieira

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a (o)

aluna(o): Sebastião Emídio de Aguiar,  
matriculada(o) na Educação de Jovens e Adultos da Escola Classe 03 do Paranoá declaro que fui informada(o) e estou ciente quanto à realização do trabalho de pesquisa acima destacado, desenvolvido nas dependências desta Escola, tendo contribuído voluntariamente com minha participação na entrevista realizada nesta data.

Assim sendo, concordando com a realização da entrevista e com sua gravação, autorizo o uso e a divulgação do áudio da gravação, mas também, do meu nome, apenas e tão somente no que se refere à citada pesquisa.

Observo que me foi entregue uma cópia deste termo.

Atenciosamente,

Brasília - DF, 7 de dezembro de 2016.

Sebastião Emídio de Aguiar



## APÊNDICE D: Transcrições das entrevistas

**ENTREVISTA 1 – Realizada em 26/10/2016, às 20h15 (duração de 16 minutos e 43 segundos), com o Senhor Francisco Silva de Oliveira, de 64 anos, aluno matriculado na terceira etapa do 1.º segmento da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Classe 03 do Paranoá.**

Claudio: Boa noite, Seu Francisco!
Sr. Francisco: Boa noite!
Claudio: Hoje vamos ter uma conversa aqui e com sua autorização eu vou gravar, tá?
Sr. Francisco: Ok..
Claudio: Então vamos lá. O senhor está em qual etapa mesmo?
Sr. Francisco: Terceira.
Claudio: Na terceira. O nome do senhor todo, como é?
Sr. Francisco: Francisco Silva de Oliveira.
Claudio: Francisco Silva de Oliveira. E a data de nascimento?
Sr. Francisco: 24 de janeiro de 52.
Claudio: O senhor tá firme e forte aí, hein! Conservado. Então o senhor está com...
Sr. Francisco: 64.
Claudio: 64.
Sr. Francisco: Tô quase chegando em 65, né?
Claudio: É, logo, logo, né?
Sr. Francisco: Falta só três meses, né?
Claudio: Eu tenho uma filha que faz aniversário também em janeiro, dia 27. Onde que o senhor nasceu seu Francisco?
Sr. Francisco: Na Paraíba.
Claudio: Qual é o local lá?
Sr. Francisco: Santa Rita.
Claudio: Santa Rita, na Paraíba.

Sr. Francisco: É, PB, né?
Claudio: É. E é de lá então que o senhor veio pra cá pra Brasília?
Sr. Francisco: Bom, eu nasci em Santa Rita, aí meu pai mudou pro sertão, eu fui pequenininho (Silêncio).
Claudio: E? E depois?
Sr. Francisco: Fiquei lá até os ... 19 anos, aí vim pra Brasília.
Claudio: Aí veio pra Brasília.
Sr. Francisco: É, fui chegando aqui fazendo aniversário, 20 anos.
Cláudio: Olha que beleza! Então o senhor veio pra Brasília...
Sr. Francisco: Cheguei aqui em 5 de janeiro de 73, mil novecentos e setenta e três. Cinco de janeiro.
Claudio: de 1973, com 20 anos o senhor veio?
Sr. Francisco: Já fiz aniversário aqui já, né? Sai de lá com 19...
Claudio: Então foi, então foi em 72 que o senhor veio pra cá.
Sr. Francisco: Sai de lá em 72, passeio ano novo na estrada. Eu cheguei aqui em janeiro já.
Claudio: Entendi. Tá certo. E o que foi que motivou o senhor vir pra Brasília?
Sr. Francisco: Ahhh, naquela revolução todinha, né? Todo mundo vindo pra Brasília. "Vamu pra Brasília, vamu pra Brasília". Meu pai já tava aqui um período, meu pai veio sozinho primeiro, aí ele voltou lá... e num acostumou mais lá na roça.
Claudio: Daí seu pai veio também.
Sr. Francisco: daí viemu tudo. Viemu todo mundo. É.
Claudio: Entendi. E veio com o pai e a família?
Sr. Francisco: a mãe, os irmão, né?
Claudio: Muito bem! E como foi a chegada do senhor aqui no Paranoá? Quando o senhor chegou em Brasília, o senhor morou onde primeiro?
Sr. Francisco: Fui morar na obra, meu pai trabalhava em obra, meu pai trabalhava em obra. Ele arrumou lá, um barraco lá.
Claudio: Hum... E depois?

Sr. Francisco: Depois descobriu a invasão do Parque Paranoá. E veio. Depois descobriu essa invasão ali embaixo, daí arrumamos um maderito lá e construímu um barraco.
Claudio: Em que ano isso?
Sr. Francisco: hum... foi em setenta... mais ou menos em setenta e cinco, por aí...
Claudio: Entendi.
Sr Francisco: É , 1975.
Claudio: Entendi. Então desde essa época lá que o senhor falou que o senhor tá aqui em Brasília, 73 e depois em 75 veio para o Paranoá. né?
Sr. Francisco: É... Paranoá. Fiz um barraco aí, abriu uma invasão aí, era todo mundo fazendo barraco, dia e noite.
Claudio: E qual é o estado civil do senhor? O senhor é casado?
Sr. Francisco: É, casado.
Claudio: Tem filhos?
Sr. Francisco: Três filhas. Uma até dá aula aqui ó.
Claudio: É verdade, o senhor já comentou.
Sr. Francisco: Silvana o nome dela.
Claudio: Hoje o senhor é aposentado?
Sr. Francisco: Sou, graças a Deus! (risos).
Claudio: Mas eu sei que o senhor não está parado né, qual foi a profissão do senhor?
Sr. Francisco: Padeiro.
Claudio: O senhor foi padeiro?
Sr. Francisco: Trabalhei a vida inteira em padaria.
Claudio: E hoje, o que o senhor faz mesmo?
Sr. Francisco: Vendo balinha.
Claudio: É vendedor de balinha.
Sr. Francisco: Doce.
Claudio: A renda do senhor vem da aposentadoria...

Sr. Francisco: e da balinha.
Claudio: e da balinha. O senhor se importa de falar mais ou menos qual é o valor da sua renda mensal?
Sr. Francisco: três mil por mês, por aí. Pode dar menos, pode dar mais...
Claudio: Depende do quanto vende, né?
Sr. Francisco: Tem mês que não dá três mil, aquele negócio, né?
Claudio: Entendi. E na sua casa, o senhor é a única fonte de renda ou tem outra?
Sr. Francisco: Só sou eu mesmo.
Claudio: Na sua casa, mora o senhor e sua esposa?
Sr. Francisco: É, e duas filhas, e tudo parada.
Claudio: São solteiras, mas não estão trabalhando.
Sr. Francisco: tão não, tão não. A que trabalha aqui, casou né! Tem a casa dela.
Claudio: E o senhor tem alguém que depende financeiramente do senhor.
Sr. Francisco: a esposa e duas filhas né.
Claudio: Entendi, e o senhor não depende de ninguém. O senhor é o que, em casa é o “cabeça” lá. O senhor possui casa própria?
Sr. Francisco: É, casa própria, graças a Deus. Se não fosse casa própria, não tava aqui mais não, ué.
Claudio: Reside, como o senhor falou , com a esposa e duas filhas. Peraí que a gente já vai partir para o final ó. Então o senhor convive sempre com alguém? Sempre o senhor tá envolvido socialmente com as pessoas?
Sr. Francisco: É, conversa com um, conversa com outro.
Claudio: Na rua, em casa, na escola, igreja. Tem algum lugar específico que o senhor gosta de ir?
Sr. Francisco: É, a igreja é o principal.
Claudio: E o senhor se considera uma pessoa sociável? Gosta de conviver com outras pessoas?
Sr. Francisco: É bom , né! Faz mal não. Gosto de conversar, né!
Claudio: Gosta de conversar? O senhor gosta de interagir, né?

Sr. Francisco: Às vezes a gente aprende mais, né!? Conversando com um, com outro...
Claudio: Legal!
Sr. Francisco: Agente aprende também, né?!
Claudio: Entendi. Qual é a história do senhor em relação à educação, à escola? Como é que é o histórico da sua infância até hoje em dia? O senhor teve...
Sr. Francisco: Na infância, não tive colégio.
Claudio: Não teve oportunidade de estudar?
Sr. Francisco: Não, na roça, não.
Claudio: E aí, em que momento que o senhor teve esse contato?
Sr. Francisco: Agora pouco, há uns três anos, mais ou menos que eu to aqui.
Claudio: Então o contato é recente.
Sr. Francisco: É, três anos.
Claudio: E aqui na EJA, né?
Sr. Francisco: Exato.
Claudio: Quanto tempo que o senhor tá aqui na Escola Classe 03?
Sr. Francisco: três anos.
Claudio: Aí já passou pela etapa um, etapa dois e agora está na etapa 3. E qual o principal motivo que trouxe o senhor para a escola, pra retomar o estudo na EJA?
Sr. Francisco: Ah! Rapaz... Eu escrevia ruim demais meu nome, engolia as letras... Ficava até tremendo. Falavam: assina aqui... no banco, no emprego, contra cheque, fazia tudo errado, tudo errado.
Claudio: Isso foi uma coisa que motivou o senhor?
Sr. Francisco: É ruim, né!?
Claudio: E o que continua motivando o senhor a frequentar a escola?
Sr. Francisco: Tá melhorando a caligrafia, perdi mais o medo.
Claudio: O que mais? O senhor falou que gosta do contato com as pessoas. Também é importante isso?
Sr. Francisco: É, aprender , né?! Conversar...

Claudio: Entendi. E como o senhor ficou sabendo que aqui a escola tinha EJA?
Sr. Francisco: A senhora que vinha dar aula na primeira etapa, ela viu eu vendendo balinha aqui, ela me convidou porque precisava de uma meta pra ser professora e se não tivesse aquela meta ela não ia dar aula.
Claudio: Não era DF alfabetizado, né?
Sr. Francisco: Era aqui, a primeira etapa. Daí rolou.
Claudio: O que significa para o senhor, o que representa para o senhor a escola?
Sr. Francisco: Muito bom! Só aprende, só ganha com isso, né?! Agente não perde nada, só ganha.
Claudio: O que o senhor mais gosta na escola?
Sr. Francisco: Meu interesse mesmo é aprender ler, fazer conta. É muito ruim você não saber fazer uma conta direitinho. O povo passa até a perna.
Claudio: E o que o senhor menos gosta da escola?
Sr. Francisco: Não sei nem o que dizer. Eu acho tudo legal. Não tenho o que dizer da escola não.
Claudio: A escola ajudou o senhor a mudar em relação a alguma coisa? Qual exemplo que o senhor pode dar?
Sr. Francisco: É... Conversar mais, mais... Não falar muita palavra assim, assim, né!? Errada, né!? Falta de estudo e sabedoria. Agente fala errado, né!? Tem palavra que fala errado.
Claudio: O que mais? Tem alguma coisa a mais, assim, no seu dia-a-dia, no seu cotidiano?
Sr. Francisco: É, às vezes eu tô vendendo doce e eu falo, tenho que ir embora para a escola, tenho colégio, tenho que aprender a estudar . Fico preocupado.
Claudio: E o senhor percebe que a escola contribui na sua rotina, no seu dia-a-dia?
Sr. Francisco: Ajuda. Tô aprendendo. Tô se esforçando. Ajuda. Falo nada da escola não. Acho tudo bom.
Claudio: É um lugar de socialização?
Sr. Francisco: Com certeza.
Claudio: E qual a avaliação do senhor? O senhor acha bom, acha ruim?
Sr. Francisco: Acho bom. Acho 10. Nota 10.

Claudio: Para poder conviver com outras pessoas? Em relação ao senhor, o senhor acha que ganhou mais autonomia, o senhor ficou mais independente a partir desse contato com a escola?
Sr. Francisco: Sim.
Claudio: Em que sentido? O senhor pode dar um exemplo disso no seu dia-a-dia?
Sr. Francisco: Pra trabalhar, com o negócio de vender doce, ajuda muito, fico mais atento, né!? De tudo, né!?
Claudio: Questão de leitura, o senhor melhorou?
Sr. Francisco: É, graças a Deus, melhorou, melhorou. Você passar um troco, ajuda muito.
Claudio: Entendi. Então na matemática, fazer as contas.
Sr. Francisco: O cara compra 50 de balinha, dá cinco conto, fica fácil de passar um troco. Eu nem sabia isso antes, dava troco errado, dava dinheiro a mais, pagava do meu bolso.
Claudio: Tá certo. O senhor tem alguma coisa a mais para falar a partir dessas perguntas que eu fiz?
Sr. Francisco: Não, não.
Claudio: Então tá bom! Eu agradeço. Eu vou fazer o meu trabalho a partir dessa entrevista. Agente fala bastante do nosso cotidiano. Do trabalho que a gente tá desenvolvendo com vocês, no caso eu estou escrevendo sobre isso também e aí eu vou depois colocar essa conversa, essa entrevista para fechar algumas questões pessoais a partir disso que a gente falou.. Obrigado mais uma vez. Boa noite!
Sr. Francisco: Ok! Boa noite!

**ENTREVISTA 2 – Realizada em 31/10/2016, às 18h50 (duração de 17 minutos e 33 segundos), com a Senhora Isabel Amélia Ferreira, de 63 anos, aluna matriculada na segunda etapa do 1.º segmento da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Classe 03 do Paranoá.**

Claudio:	Boa noite, D. Isabel! Vou deixar gravando aqui, tá!?
D. Isabel:	Boa noite! Tá.
Claudio:	Tudo bem?
D. Isabel:	Tudo. O que é que você quer perguntar?
Claudio:	Então vamos... aqui, perguntar para a senhora. Então vou colocar aqui a data de hoje. Hoje é 31, né?
D. Isabel:	Hoje é 31.
Claudio:	E... Como é que é mesmo o nome completo da senhora?
D. Isabel:	Isabel Amélia Ferreira.
Claudio:	Isabel Amélia Ferreira. Qual é a data de nascimento da senhora?
D. Isabel:	É 1953.
Claudio:	Cinquenta e três. Então a senhora está com quantos anos mesmo?
D. Isabel:	63.
Claudio:	Sessenta e três, e qual é mesmo o dia?
D. Isabel:	10 de agosto.
Claudio:	Ah! Então foi agora há pouco tempo. Quer dizer, apesar que a gente já está em outubro, né!?
D. Isabel:	É. Nós já tamo em outubro... rrsr...
Claudio:	É! Muito bem! Onde a senhora nasceu D. Isabel?
D. Isabel:	Na Paraíba.
Claudio:	Qual é o nome do lugar lá, da cidadezinha?
D. Isabel:	A cidadezinha se chama Pilar.
Claudio:	Pilar?
D. Isabel:	É.
Claudio:	Na Paraíba?
D. Isabel:	Na Paraíba.
Claudio:	E a senhora quando saiu de Pilar, lá da Paraíba, a senhora veio direto pra cá?
D. Isabel:	Não. Fui para o Rio de Janeiro primeiro.
Claudio:	A senhora morou no Rio.
D. Isabel:	Morei 14 anos no Rio.
Claudio:	Olha, que beleza!



D. Isabel:	Eu morei 14 anos no Rio, aí depois nós viemos pra cá.
Claudio:	Com que idade a senhora saiu da Paraíba pro Rio?
D. Isabel:	Da Paraíba. Eu tinha 27 anos.
Claudio:	Ah! Vinte e sete anos. Já era casada?
D. Isabel:	Não. Eu tinha meu primeiro filho. Que hoje ele já tem 41 anos. Que ele é de 75.
Claudio:	Entendi.
D. Isabel:	Entendeu?
Claudio:	Dali foi pro Rio...
D. Isabel:	Dali eu fui pro Rio.
Claudio:	Foi só a senhora e o filho ou foi mais alguém?
D. Isabel:	Eu fui sozinha porque eu precisava trabalhar. Porque lá na nossa terra num tinha trabalho. Era tudo muito difíci. Roça, roça... As formiga mordida muito a gente. Entendeu? Então aquilo a gente vai desanimano.
Claudio:	Seca. Tinha muita seca lá?
D. Isabel:	Tinha, muita seca. A gente andava não sei quantos quilômetros pra buscar água na cabeça.
Claudio:	Entendi. Aí a senhora foi pro Rio, a senhora tinha 27 anos e morou lá 14 anos. E como é que a senhora veio pra Brasília?
D. Isabel:	O meu marido tinha um irmão que morava aqui. Aí o irmão dele chamou ele pra vim pra cá. Então a gente veio morar numa chácara. Meu filho tinha...
Claudio:	Aqui na região do Paranoá mesmo?
D. Isabel:	Não, no trecho 3 do Lago Norte. Então a gente veio pra essa chácara. Essa chácara não tinha luz, só tinha água de mina que era lá do exército. Então não tinha luz nenhuma quando eu cheguei aqui em 90. Então a nossa vida foi cheia de sacrifício. Então eu tinha meu filho, meu filho tinha 5 anos e seis meses. Não tinha 6 anos ainda. Mas foi muito difícil na minha vida mais ele.
Claudio:	Isso foi em que ano mesmo, que a senhora falou?
D. Isabel:	90.
Claudio:	90.
D. Isabel:	90 que eu cheguei aqui em Brasília.
Claudio:	E o motivo da vinda da senhora foi esse que a senhora falou? Em busca de trabalho. Do Rio pra cá.
D. Isabel:	Eu já trabalhava numa fábrica que era da Casa da Banha.
Claudio:	Aqui?
D. Isabel:	Não. Lá no Rio. Que eu trabalhei 8 anos lá. Nessa fábrica, né!? Eu trabalhei.

	Então o meu marido cismou que tinha que vim pra cá. Então, eu ... ai ele falou assim: então eu tenho que pedir as conta. Eu falei: bom, seja o que Deus quiser. Aí meu filho era pequenininho, mas foi de luta, os ônibus daqui era muito ruim, tudo aqui era muito difícil. Mas, agora já melhorou muito, agora já tá bem melhor. Quando é, aqui... vai fazer 6 anos já que o meu marido faleceu.
Claudio:	Agora faz 6 anos?
D. Isabel:	Agora dia 29 de novembro vai fazer 6 anos que ele morreu.
Claudio:	Entendi. Então agora a senhora é viúva.
D. Isabel:	Agora eu sou viúva.
Claudio:	E quanto filhos?
D. Isabel:	Só tenho dois.
Claudio:	Dois?
D. Isabel:	É.
Claudio:	Aquele que a senhora teve, que ficou lá na Paraíba.. Quando a senhora veio do Rio...
D. Isabel:	Eu fui busca ele e ele não quis vim mais.
Claudio:	Entendi.
D. Isabel:	Mas, graças a Deus hoje ele é casado, tem os minino dele...
Claudio:	Mora lá na Paraíba ainda?
D. Isabel:	Mora. Mora.
Claudio:	E... a senhora ainda trabalha?
D. Isabel:	Olha... eu faço faxina dois dias por semana. Só pra não ficá em casa.
Claudio:	Entendi.
D. Isabel:	Porque eu não gosto de ficar só dentro de casa. Porque a gente, a gente tem que se movimentar.
Claudio:	Certo. Verdade. E a senhora é aposentada?
D. Isabel:	Sou aposentada.
Claudio:	Entendi. A senhora... qual mais ou menos é a renda da senhora?
D. Isabel:	Olha... eu tenho a minha, eu tenho o salário mínimo meu que era, que de doméstica é um salário mínimo. Mesmo que você paga mais, o governo é filha da mãe.
Claudio:	E tem os descontos, né!?
D. Isabel:	Aí tem que descontar não seio o quê, mais não sei o quê e você acaba... Eu também fiquei com a pensão do meu marido, entendeu. Aí eu fiquei com a pensão do meu marido que aquele ali foi um anjo na minha vida. Faz como é a

	história. Aquele homem foi tudo na minha vida. Nós passamo pro trancos e barrancos, mas não...
Claudio:	E aí, gira em torno de quanto? Somando tudo? Só pra constar aqui.
D. Isabel:	Dá um 1.600, 1700, 1800, por aí assim...
Claudio:	Entendi. E a renda familiar da senhora é essa, só a sua?
D. Isabel:	Só, só a minha, porque eu pago aluguel. O homem da casa e a mulher sou eu. Entendeu?
Claudio:	Entendi. E a senhora mora sozinha?
D. Isabel:	Moro sozinha, o meu filho é casado e a gente acostuma viver na nossa casa Claudio. A gente acostuma, vive na nossa casa porque a nossa casa é muito importante.
Claudio:	É verdade.
D. Isabel:	Nóis num qué perder a nossa liberdade.
Claudio:	A senhora, no caso não tem casa própria?
D. Isabel:	Não.
Claudio:	É aluguel?
D. Isabel:	É aluguel. Agora eu fiz um cadastro na “minha casa , minha vida”. Aí eu fiz um cadastro lá no negócio do governo. Mas agora, até sair né!?
Claudio:	E a senhora não tem nenhum dependente financeiro? Ninguém depende da ajuda da senhora? Da ajuda financeira da senhora?
D. Isabel:	Não. Olha... porque meu filho já é casado, já tem a vida própria dele, né!? Mas quando ele precisa eu ajudo.
Claudio:	Entendi.
D. Isabel:	Entendeu? Porque mãe nunca deixa de ajudar o filho, né!?
Claudio:	E a senhora, também não precisa da ajuda deles?
D. Isabel:	Não, não, não, não...
Claudio:	Tá certo. Então agora vamos aqui. E... a senhora convive muito com outras pessoas?
D. Isabel:	Convivo.
Claudio:	No dia-a-dia da senhora, a senhora tá sempre convivendo com alguém?
D. Isabel:	Com as pessoas... Sempre tô convivendo com as pessoas.
Claudio:	E... qual é o sentimento que a senhora tem em relação a isso? A senhora se considera uma pessoa sociável? A senhora gosta de conviver com outras pessoas?
D. Isabel:	Gosto, gosto... gosto de fazer, por exemplo assim... as pessoas precisam de mim, eu me sinto muito feliz. Fazer as coisas.

Claudio:	Entendi.
D. Isabel:	Bem... como é que eu quero falar. Sem dizer que eu vou fazer assim... que eu vou cobrar... retorno.
Claudio:	E a senhora se sente bem?
D. Isabel:	Me sinto, me sinto. Eu me sinto muito bem. Muito bem com isso.
Claudio:	Entendi. Muito bem! E... qual é o histórico da senhora em relação à escola, à educação?
D. Isabel:	Olha, eu me sinto muito bem, sabe por quê? Antigamente, eu ia pegar o ônibus e eu tinha que perguntar aos outros. Hoje em dia eu sei, que eu olho e sei pra onde aquele ônibus vai. Sei pra onde é que eu tô indo. Sei qual é a quadra que eu quero ficá. E antigamente eu tinha que pedi pros motorista. Por isso que hoje em dia, meu filho, eu sinto muito bem. Entendeu? A escola pra mim é... muito bem. Olha, por pouco que eu aprenda, mas eu acho muito bom. Cê tá entendendo?
Claudio:	O significado da educação e da escola pra senhora qual que é? Se a senhora tivesse que resumir numa palavrinha ou numa frase curta...
D. Isabel:	Muito boa, muito bem. Muito bom também. Só...
Claudio:	Uma vez a senhora me falou assim... “que era tudo pra senhora”. Isso aí pra mim foi muito importante, quando a senhora disse...
D. Isabel:	É tudo, é tudo meu filho. Sabe pro que? Você antigamente, eu ia na minha cidade e não ia saber o nome da minha mãe, do meu pai. Eu não sabia o ano que eu nasci, e hoje em dia eu sei tudo...
Claudio:	E quando a senhora era pequena, chegou a ir pra escola?
D. Isabel:	Não, nunca fui.
Claudio:	Qual foi a primeira vez que a senhora foi pra escola?
D. Isabel:	Quando eu, o meu marido morreu... eu cheguei na... eu cheguei lá na 26 e falei pra diretora... diretora, eu queria estudar, mas tô com vergonha porque eu já tô muito velha. Aí a diretora falou assim: filha, não sinta vergonha, nós te acolhe com muito carinho. Eu tinha muita vergonha, é porque eu já me achava muito idosa já. Mas agora eu me sinto muito bem, porque a gente conhece outras pessoas muito boa. Os professor acolhe a gente. A gente vai... por exemplo: a gente vai pra UnB, nossa, eu amei! Porque aquelas pessoas acolhe muito a gente.
Claudio:	Então a senhora, na Paraíba nunca estudou, nem no Rio, nem aqui. Só de 6 anos pra cá?
D. Isabel:	Só depois da alfabetização pra cá.

Claudio:	Depois que o seu marido faleceu, há 6 anos é que a senhora foi pra escola?
D. Isabel:	Foi.
Claudio:	E qual foi o ano que a senhora foi lá, na 26, a senhora lembra?
D. Isabel:	Ah!...
Claudio:	Já faz uns 6 anos?
D. Isabel:	Não. Eu só fui na alfabetização, 3 anos só.
Claudio:	Então faz 3 anos?
D. Isabel:	É. Cê tá entendendo?
Claudio:	E aqui, há quanto tempo faz que a senhor tá?
D. Isabel:	Aqui tem um... e pouco.
Claudio:	Um ano e pouco?
D. Isabel:	Tem. Mas eu gosto muito, gosto muito dos professores.
Claudio:	E hoje a etapa da senhora, qual que é mesmo?
D. Isabel:	Segundo ano. Mas pra mim tá maravilhoso porque eu não sabia de nada.
Claudio:	E aqui então, tá no terceiro semestre?
D. Isabel:	Aham. É muito importante, né Claudio! Chegar na sala de aula...
Claudio:	E o que a motiva, o que trás a senhora pra escola?
D. Isabel:	Pra vim pra escola!?
Claudio:	Pra retomar a escola, continuar o estudo, continuar motivando a senhora a vim pra escola?
D. Isabel:.	Porque você fica mais independente. Antigamente eu tinha que pedir meu filho pra ver os dia das minhas consulta... Hoje em dia eu não preciso mais. Então eu me virei mais, fiquei independente. Cê tá entendendo!? Porque antigamente eu fazia assim... mais porque que meu filho, eu não entendia o porquê..., porque ele também trabalha.
Claudio:	E às vezes se ele não ficava com a cabeça o tempo todo ligado na senhora...
D. Isabel:	Aí, às vezes eu queria cobrar muito dele, eu falei assim... Deus o senhor tem que me dá sabedoria, sabedoria pra mim saber das coisas. E foi aí que eu decidi que eu ia pra escola. Que eu queria ser independente na minha vida. E eu falo pras pessoa, não desista nunca, não seja uma fracassado.
Claudio:	E a senhora é um exemplo.
D. Isabel:	Eu sou um exemplo. Entendeu?
Claudio:	E como é que a senhora tomou conhecimento da EJA?
D. Isabel:	Do EJA? Eu não tô dizendo a você... que foi um dia... eu tava em casa, de tarde, eu disse, eu vou na escola. Aí foi chegar lá, eu tomei conhecimento da EJA. Aí que a dietora falou que tinha o EJA. Esquecia de pôr os pingo no "i" no

	meu nome.
Claudio:	Entendi.
D. Isabel:	Entendeu? Faltava letra, hoje em dia não falta mais porque eu sei ... Então, pra mim, é muito importante, meu filho, isso.
Claudio:	Que bom! E o que é que a senhora mais gosta da escola?
D. Isabel:	Da escola... os professor, senti que os professor tratam a gente com muito carinho. Eles têm um carinho pelas pessoas, mesmo sabendo que o aprendizado dele é divagar, mas ele sabe porquê... o aluno... ele vem pra escola já idoso, mas ele tem muitos problema. Mas com isso não deixa ele desanimá, de chegar na escola.
Claudio:	E o que é que a senhora menos gosta?
D. Isabel:	O que eu menos gosto...? De tristeza.
Claudio:	Da tristeza?
D. Isabel:	É, eu não gosto de ser triste.
Claudio:	Mas a senhora não é triste.
D. Isabel:	Pois é, é por isso memo é que eu venho pra escola, porque no jornal, não tem nada que agrada a gente. Só tem coisa triste, né?! Ah! Os adolescentes não quer mais estudá e eles tem amsi... cabeça do que os idosos, mas não dá valor.
D. Isabel:	É.
D. Isabel:	Quando eu vejo um jovem perdido nas droga, isso ... a gente fica muito triste.
Claudio:	Sei que a senhora já falou bastante, mas só pra eu acrescentar aqui duas perguntas. O que é que a escola mudou na senhora?
D. Isabel:	Me fez mais feliz. Entendeu!? Me faz mais feliz, faz eu entender mais as coisas, entendeu!? Como é que a gente, vocês, os professor ensina a gente, como é que a gente pode lidar com as coisas mais difícil, aí que você começa a entender. Você passa a não ser ignorante, porque não precisa. Você tá na faculdade pra você entender o que que é... Por exemplo, assim: eu vejo o povo dentro do ônibus falando sobre o ônibus, brigando com o motorista e o cobrador que aquilo não é verdade, eles tão errado. Por que é que ele não vai à sala de aula pra ele vê que... o governo diz assim, vou pôr tantos ônibus, tantas pessoas, aquilo vai chegando... dobrou, né!? Então, o que que acontece... não é... a empresa, é o governo que tem que pôr mais ônibus.
Claudio:	Entendi. E o que é que a senhora percebe que a escola contribui no dia-a-dia, na rotina da senhora? Com tudo isso que a senhora já falou...?
D. Isabel:	Eu me acho que... me dá mais educação. Pra falar com as pessoa, pra

	entender as coisas, entendeu? Por isso que eu gosto de vim pra escola, eu aprendo muito na escola. A gente não só aprende lê, até boas maneiras pra falar com as pessoa. Entendeu? Isso é muito importante. Agora vamos simhora trabalhar, vamos simhora estudar agora Claudinho?
Claudio:	Muito obrigado pela ajuda da senhora.
D. Isabel:	Não desanime de nada... não desanime de nada...
Claudio:	A senhora é um exemplo.

**ENTREVISTA 3 e 4 (em conjunto) – Realizada em 31/10/2016, às 20h15 (duração de 27 minutos e 57 segundos), com a Senhora Maria Deides da Silva, de 66 anos, e o Senhor Altino Moreira dos Santos, de 65 anos, ambos alunos matriculados na terceira etapa do 1.º segmento da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Classe 03 do Paranoá.**

Claudio:	Boa noite! Vamos começar... Eu vou deixar o gravador aqui para gravar essa conversa que a gente vai ter, certo!? E aí nós vamos conversar um pouco a respeito de algumas coisas que eu, por conta desse trabalho, estou procurando pesquisar. Então vocês vão me ajudar, aqui, a investigar melhor o assunto que eu estou estudando, né!? Então... a senhora... o nome todo da senhora é... ?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	É Maria Deides da Silva.
Claudio:	Certo. Qual é o dia que a senhora nasceu?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Sou do dia 02 de abril de 50.
Claudio:	Olha só! Dois de abril de 1950. Então a senhora está com...
Sr. Altino:	Dentro de 66 anos (risos).
Claudio:	É isso aí. E o senhor, a data de nascimento?
Sr. Altino:	15 do 11 de 1950 (risos).
Claudio:	O Senhor vai fazer agora... Olha! Então essa semana... o mês que vem tem festa aí. O senhor vai fazer 66, hoje o senhor está com 65.
Sr. Altino:	Isso.
Claudio:	D. Deides, onde que a senhora nasceu?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Eu nasci no interior de Fortaleza, em Carnalbinha.
Claudio:	Espera um pouquinho só... Carnalbinho?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Unrum. Nem sei se tá certo esse nome. Eu só nasci lá...
Claudio:	Saiu de lá pequeninha? Com quantos anos? Quanto tempo mais ou menos?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Eu não sei. Fiquei sem pai, sem mãe, pelas casas dos outros... Então eu não sei bem dizer. Entendeu!?
Claudio:	Entendi. Então a senhora saiu bem pequena?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Unrum.
Claudio:	Muito bem! E quando a senhora saiu de lá, a senhora veio... Foi pra onde?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Eu fui pra uma cidadezinha chamada Solonópolis.
Claudio:	Solonópolis? É lá no Ceará também?



D. M <sup>a</sup> . Deides:	É. É lá.
Claudio:	E ficou quanto tempo lá?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Também não sei.
Claudio:	Também não sabe. E... E depois?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Não. Depois fui pra uma cidadezinha com o nome de Pasta.
Claudio:	Pasta!? No Ceará também?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Isto. No Ceará.
Claudio:	E?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	E de lá foi quando eu cresci.
Claudio:	Então ali a senhora cresceu.
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Eu cresci e fui trabalhar em Fortaleza.
Claudio:	Ah! Entendi. E prá cá, a senhora veio quando?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Não lembro não. Mas deve ter uns 30 e lá vai cacetada, viu!? Em Brasília. Porque eu tive meu primeiro filho eu já morava aqui.
Claudio:	Entendi.
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Se meu filho não tivesse morrido, já tava com 36 anos. Então quando a gente não sabe ler, a gente não sabe juntar as coisas.
Claudio:	Juntar as datas...
D. M <sup>a</sup> . Deides:	É, juntar as datas.
Claudio:	Então a senhora acha que tá aqui há mais de 30 anos?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Ah! Tô.
Claudio:	E o que é que trouxe a senhora pra cá?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Olha..., o trabalho. Pra trabalhar.
Claudio:	Quando a senhora veio, veio com trabalho certo ou não?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Vim com trabalho certo. Uma senhora veio de Fortaleza pra cá e ela veio de avião e eu vim de ônibus.
Claudio:	Ah! Então a senhora trabalhava com ela, daí ela veio pra cá e a senhora veio junto com ela. E hoje qual é o estado civil da senhora?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Solteira.
Claudio:	E tem filhos?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Eu tive dois.
Claudio:	E hoje a senhora não tem...
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Hoje um só, eu tenho um. O outro Deus levou.
Claudio:	Entendi. E o senhor, nasceu onde Sr. Altino?
Sr. Altino:	Na cidade mais rica do muno.
Claudio:	É!? Como que é o nome?

Sr. Altino:	Cristalina.
Claudio:	Cristalina. É aqui do lado. Dizem que é uma região... Eu já passei por Cristalina, mas nunca visitei os pontos. Porque dizem que é um lugar que tem muita cachoeira, né!? E aí... o Senhor está sempre aqui por perto mesmo?
Sr. Altino:	Saí de Cristalina eu tinha 17 anos. E estou aqui em Brasília até hoje.
Claudio:	O ano, o senhor lembra?
Sr. Altino:	Eu vim em 67. Eu tinha 17 anos (risos).
Claudio:	Então o senhor é aqui da região mesmo?
Sr. Altino:	Sou.
Claudio:	Tá certo. E a família era de onde? Também todos dali, goianos?
Sr. Altino:	A minha família de pai e mãe... Meu pai era baiano, minha mãe era baiana. Eu nasci em Goiás.
Claudio:	Entendi. O senhor veio pra cá pra trabalhar?
Sr. Altino:	Eu vim pra Brasília, graças a Deus eu vim pra trabalhar e tô até hoje.
Claudio:	E sempre viveu aqui no Paranoá?
Sr. Altino:	Eu morei em Taguatinga, de Taguatinga eu vim pro Gama, do Gama... Morei 31 anos no Gama. Do Gama vim praqui pro Paranoá. Vim agora em 2006. Minha família mora... Minha família não. Eu e meu irmão. Daí tem o meu sobrinho, aí não me importo com sobrinho não..
Claudio:	Aqui o senhor está desde 67?
Sr. Altino:	Em Brasília!? É.
Claudio:	O senhor é casado?
Sr. Altino:	Sou viúvo. Já fui casado.
Claudio:	Tem filhos?
Sr. Altino:	Não.
Claudio:	Sem filhos?
Sr. Altino:	Sem filhos (risos).
Claudio:	E no caso da senhora, aqui em Brasília, a senhora morou por onde?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Eu morei no Núcleo Bandeirante, ... no Lago Sul 9 ano com a patroa. Aí, de lá, vim pra cá pro Paranoá. Pro Paranoá vai fazer 35 anos, que eu tô aqui no Paranoá.
Claudio:	Entendi. E qual que é a profissão da senhora?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Lavadeira.
Claudio:	E a senhora ainda trabalha?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Trabalho.

Claudio:	E é aposentada?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Ainda não.
Claudio:	Ainda não. Pensionista? Trabalha. Ah! Ganha o que trabalha.
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Isso.
Claudio:	Entendi. E o senhor?
Sr. Altino:	Eu já aposentei, graças a Deus.
Claudio:	Aposentado. E qual era a profissão?
Sr. Altino:	Pedreiro.
Claudio:	Pedreiro. E ainda faz algum “bico” ou não?
Sr. Altino:	Faço. Eu tô até de bico mesmo... (risos).
Claudio:	O senhor diz “bico” de trabalho?
Sr. Altino:	Isso, que ganhar por fora, né!? Quer ganhar mais uma coisinha..., tem que trabalhar.
Claudio:	Ainda mais com essa força que o senhor tem, né!?
Sr. Altino:	Grças a Deus!
Claudio:	E a renda, quanto mais ou menos a senhora tem de renda?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Uns mil e pouco.
Claudio:	É!? Mil e pouco?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	É.
Claudio:	E o senhor?
Sr. Altino:	Ah! Minha quantidade é boa, porque eu tenho minha casa própria, um aluguelzinho. Daí eu vivo mais do salário por causa disso. O salário de aposentado é 880 reais, né!? Mas como eu mexo com um aluguelzinho, dá mais um troco por fora. O bico eu nem conto não, porque tem hoje e passa dez dias sem ter.
Claudio:	É. E sua renda fixa, o senhor falou quanto que é da aposentadoria?
Sr. Altino:	Aposentadoria é 880. Aposentei com um salário só.
Claudio:	Entendi. Daí o senhor tem, no caso, os aluguéis e mais o bico?
Sr. Altino:	É.
Claudio:	Está certo. A renda familiar do senhor é... só o senhor mesmo?
Sr. Altino:	Só eu mesmo.
Claudio:	A dá senhora também?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Eu tenho meu filho, né!?
Claudio:	A senhora mora com seu filho?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Moro com meu filho. Aliás, ele é que mora comigo.
Claudio:	A senhora tá certa, ele é que mora com a senhora. E é solteiro?

D. M <sup>a</sup> . Deides:	É.
Claudio:	E ele ajuda a senhora?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	A comer (risos).
Claudio:	Com a renda não?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Só comer.
Claudio:	A senhora mora de aluguel, que a senhora falou, né!?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Não, a casa é minha, graças a Deus.
Claudio:	Tem algum imóvel de aluguel também?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Não. Eu tenho medo. Moro sozinha. Ele mora comigo, mas ao mesmo tempo não mora.
Claudio:	Então... e não ajuda a senhora?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Não ajuda em nada. Só ajuda a comer. Graças a Deus, mantenho mais uma boca pra comer.
Claudio:	Pra tomar banho, pra gastar energia, ... né!?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	É isso. E gasta, e não tem dó não. Oh bichinho...
Claudio:	Então a senhora nem depende financeiramente de ninguém, e nem tem ninguém que depende da senhora. Só o filho que a senhora ajuda?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Só o filho. Ah! Tem um neto do meu filho que morreu. Fez 16 anos, uma graça. Mora com a outra avó. E tenho mais duas netas.
Claudio:	Entendi. E o senhor, tem dependente financeiro? E mora sozinho?
Sr. Altino:	Não. Moro só, graças a Deus, por enquanto, né!? (risos).
Claudio:	Vai casar? Tá procurando uma noiva? (risos).
Sr. Altino:	É, tô com uma historinha aí pra ficar com ela, né!?
Claudio:	Não pode dispensar, né seu Altino?
Sr. Altino:	O tempo da gente é derradeiro que morre, né!? Corre contra o tempo.
Claudio:	É isso... O que vocês podem me dizer sobre o seguinte..., ó? Com que frequência vocês convivem socialmente com outras pessoas?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Eu tenho muita amizade.
Claudio:	Então, no dia-a-dia da senhora sempre tem contato com alguém?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Diariamente. É nos ônibus, no serviço... Graças a Deus. Eu trabalho em 3 casas. Então eu tenho muita amizade.
Claudio:	Certo.
Sr. Altino:	Eu... graças a Deus eu vivo bem com todo mundo.
Claudio:	Também no dia-a-dia o senhor está sempre convivendo com alguém?
Sr. Altino:	É, companhia prá lá, é "bom dia", "boa tarde" e a gente vai levando a vida, né!?

Claudio:	Vai pra igreja?
Sr. Altino:	Vou. Disso aí eu gosto.
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Eu também.
Claudio:	Vocês gostam de conviver com outras pessoas? Vocês se consideram sociáveis?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Eu me considero.
Claudio:	A senhora acha que isso é importante, por quê?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	É muito bom ter amizade. Troca de ideia. Ter amizade com outras pessoas. A gente não pode se isolar. Ainda mais eu que moro sozinha. Nossa..., eu gosto , No Senhora!
Sr. Altino:	Troca de ideia...
Claudio:	E o senhor?
Sr. Altino:	Eu gosto de minhas amizades. Minhas amizades é grande. Comigo não tem ninguém estranho.
Claudio:	O senhor vive bem com todo mundo?
Sr. Altino:	Não carrego nem maldade, nem bondade.
Claudio:	E sua experiência em relação à escola? A senhora... Pelo que a senhora falou, desde menina, a senhora morando lá pelo Ceará, depois Fortaleza...vindo pra Brasília, a senhora não teve oportunidade de estudar, a senhora não estudou quando criança?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Não. Fui criada pelas casas dos outros, ninguém fez esforço, nem eu também. Criança também, né!?
Claudio:	E quando foi que a senhora conheceu a escola? Quando foi que a senhora veio pra escola?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Depois que começaram esse EJA.
Claudio:	É!? Já aqui no EJA? Há quanto tempo mais ou menos?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Não sei se já tem 4 anos, ou 5. Acho que é por aí... assim que começou.
Sr. Altino:	Começou lá embaixo?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Não. Nesse aqui, aqui em cima mesmo.
Claudio:	Aqui nessa escola?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Aqui nessa escola.
Claudio:	Já faz uns 4 ou 5 anos.
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Tá nessa faixa, eu acho que é.
Claudio:	E o senhor? Quando menino, o senhor foi para escola?
Sr. Altino:	Não. Não tive tempo pra isso não. Não fui criado nem com pai, nem com mãe. Fui criado no meio do mundo aí (risos). Graças a Deus eu tô vivo

	até hoje e vivo bem com todo mudo.
Claudio:	Então não foi pra escola?
Sr. Altino:	Não. Não tive tempo pra estudar não.
Claudio:	Entendi. E quando que o senhor foi?
Sr. Altino:	Agora eu tenho muito tempo pra estudar porque eu sou muito devagaroso no português, sabe!?
Claudio:	Mas há quanto tempo?
Sr. Altino:	Já tem uns 10 anos. Se eu tivesse um bando de psicologia na cabeça eu já tava na sétima série pra lá, já.
Claudio:	Entendi. Mas o senhor tá na luta aí. Indo bem, devargazinho, mas tá indo bem.
Sr. Altino:	É um distraimento que a gente tem sabe?!?
Claudio:	Distrai. E o senhor começou onde?
Sr. Altino:	Eu comecei lá no Gama, morei no Gama 31 anos. Aí eu arrumei um negócio lá, um contra tempo e não deu certo de nós conviver junto, aí eu separei e ela disse “não Altino, como você não sabe ler nada, então vamo..., o colégio é bem encostadinho aqui, vamo ver se consegue uma vaga pra você, pra você começar a estudar, pra adiantar seu lado”...
Claudio:	Aí, de lá o senhor veio pra cá, pro Paranoá?
Sr. Altino:	Aí, de lá eu vim..., vim pro Paranoá e depois de um ano aqui sem estudá, aí depois quando eu consegui eu fui lá na 26. Aí eu consegui a vaga lá.
Claudio:	E nessa escola, quanto tempo?
Sr. Altino:	Já tem uns 5 anos.
Claudio:	E aqui nessa escola?
Sr. Atino:	Nessa aqui comecei no ano retrasado.
Claudio:	Ano retrasado!?
Sr. Altino:	É que quando parou lá em cima, eu vim praqui.
Claudio:	Já tem uns 2 anos?
Sr. Altino:	Já tem 2 ano.
Claudio:	E o que é que levou o senhor a retomar o estudo na EJA?
Sr. Altino:	Sabe porque...? Porque você faz parte de uma psicologia na cabeça da gente que você tem que empatar a mente pra não fazer besteira, ficar andando com os outros, com vagabundagem e não beber. Porque você sabe que quando aprende à toa, aprende outras coisas. Quando eu não vou pra escola eu vou pra igreja, justamente para empatar a minha

	mente, sabe!?
Claudio:	Pra ocupar a mente?
Sr. Altino:	Ocupar a minha mente.
Claudio:	E pra conviver com outras pessoas?
Sr. Altino:	Pra conviver com pessoas diferentes, trocar ideia. Você conversa com um, conversa com outro. Tá passando seu tempo e tá sempre renovando sua mente.
Claudio:	E a senhora? O que trás a senhora, que é que fez a senhora retomar o estudo?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Muita coisa. Primeiro, eu ia no mercado e não sabia o preço das coisas, dava duas ou três viagens no mercado. Eu conhecia o dinheiro, mas eu chegava no mercado e não sabia o preço das coisas e eu, então, com medo de não dar, eu comprava um pacote de arroz, um de açúcar e deixava em casa. Pegava o dinheiro de novo e voltava lá pra comprar outras coisas, então era assim de pouquinho, sabe!? Porque eu não conhecia. Agora não. Manda eu ir lá, compro já e o rapaz vem deixar no carro.
Claudio:	E esse é o principal motivo que trouxe a senhora
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Nossa Senhora! Cada vez mais..., cada vez mais... Porque é muito ruim. Tem umas que fala... Ah! Pra pegar o ônibus, nunca tive problema pra pegar ônibus. Eu sou danada mesmo, eu pergunto, esse ônibus vai pra onde?
Claudio:	O motivo da senhora era então mexer com o dinheiro?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	É. Com dinheiro, fazer minhas compras. É muito ruim, a conta de água chegava e eu tinha que esperar meu filho - “meu filho, veja a quanto deu aqui em minha luz?” Né!? O correio chega e bota aqui uma cartinha, agora eu já vejo, já leio e digo “essa aqui não é minha não”. Passo por lá e entrego.
Claudio:	Como a senhora tomou conhecimento da EJA?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Não sei. Acho que foi uma colega minha. E eu com história de hoje e amanhã... Vergonha... E quase que eu não vim. Quando eu cheguei aqui, disse “Cadê, tem gente pior que eu”. Eu pensava que na sala que eu ia ficá, ia ter gente melhor e só eu que não. Pus na cabeça isso, mas quando eu cheguei não era isso, tinha gente pior que eu.
Sr. Altino:	Faz vergonha você estudá, não. Mas dá vergonha, você não saber nada.
D. M <sup>a</sup> . Deides:	É. Mas só que você ficava naquela, quando eu chegar lá... Só que eu

	cheguei na sala e não foi nada disso. Achava que era só eu, né!?
Sr. Altino:	E você acha ruim se tivesse que procurar uma coisa pros outros. Ih!
Claudio:	E como o senhor tomou conhecimento?
Sr. Altino:	Ah! Porque eu tinha boa vontade, vamos supor, você se ponha no meu lugar, você quer escrever uma carta pra namorada, um bilhete pra namorada e você tem que tá pedindo pros outros escrever... Não, você e ela... , né!? O segredo é entre você e ela. Aí eu disse “Vou aprender a ler e escrever e no dia que eu precisar ler um bilhete que ela mandar pra mim, eu posso mandar outro pra ela e ninguém precisa saber. Entendeu!? Você pega o ônibus e precisa ficar perguntando pra onde vai. É ou não é? Aquele é o ônibus que eu quero. Aí o ônibus já vem ali...
Claudio:	Eh! Quem foi que apresentou lá pro senhor a EJA?
Sr. Altino:	Quem apresentou lá foi a bendita mulher, sabe!? Minha, minha... eu fui casado duas vezes, aí ela falava “você qué estudá?” e eu, “Eu quero”. Pra mim impata a minha mente, sabe!? Aí eu peguei e fui, eu quero, o colégio era atrás da minha casa.
Claudio:	E o que significa... Qual é o significado da educação e da escola pro senhor?
Sr. Altino:	Pra mim vale tudo. Me tirô de muitos problemas de amizade, sabe!? Eu achei bom. Pra mim foi ótima. Até hoje eu não parei de estudá. Agora eu ia pará de estudá, deu certo que eu passei de uma sala ali e passei pra outra ali. Se for pra eu ficar contrariado estudando, eu não vou estudar mais. Mas eu passei, eu tava na segunda e passei pra terceira e eu falei... “Opa!” Foi melhor pra mim, saí de um professor e entrei no outro. Falei... “Oh! Beleza”.
Claudio:	E pra senhora, o que significa a educação e a escola?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Muito bom. Tô enxergando de novo. Muito bom! Pelo amor de Deus! Você fica em casa, vendo novela, televisão, não aprende nada. Aqui não, ainda mais com esses professores maravilhosos. Nossa! É bom demais!
Claudio:	Que bom! O que a senhora mais gosta? Na escola?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Tudo..., de tudo.
Claudio:	De tudo!?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	De tudo.
Claudio:	E o senhor?



Sr. Altino:	Eu gosto é do divertimento com tudo. Você vem, conversa com ela, trata você bem, você trata bem, você fica onde? Você fica pisando alto, né!?
Claudio:	E tem alguma coisa que o senhor não gosta?
Sr. Altino:	Eu não gosto é de tá discutindo com os outros, e trocando ideia errada. Detesto. Não gosto nein...
Claudio:	O que a escola mudou no senhor?
Sr. Altino:	A escola mudou porque eu acho bom de ter que vim pra escola, vou pra casa, chegando em casa vou dormir, sossegado, sabe!? Eu gosto da minha tranquilidade.
Claudio:	Ela mudou alguma coisa no senhor?
Sr. Altino:	Mudou, porque eu vou pegar um ônibus e não procuro por ninguém. Sei ler um pouquinho. Eu chego no itinerário do ônibus e “pá”.
Claudio:	Então o senhor tem mais independência, é isso?
Sr. Altino:	Não depender de ninguém. É a coisa mais bom que eu acho.
Claudio:	Então mais independência, mais liberdade...
Sr. Altino:	Tem mais liberdade, lê um pouquinho, né!? Porque você não sabe, procura aprender um pouquinho.
Claudio:	E a senhora, o que a escola mudou na senhora?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Às vezes as palavras. As veis a gente vai falar uma palavra e fala errado. Eu já aprendi muita coisa, até mesmo no serviço, as outras empregadas ficavam rino porque eu falava errado. Aí agora é “Óia! A menina tá aprendendo a falar agora... Óia como tá falando bonito!” Tudo a gente presta atenção. Fica cativando a gente pra vim cada vez mais.
Claudio:	A senhora percebe que a escola contribuiu de alguma forma na sua rotina, no seu dia-a-dia?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Sim.
Claudio:	A senhora pode dar algum exemplo?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Tudo.
Claudio:	Tudo isso que a senhora já falou, no caso!? Então a senhora se sente mais independente?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	É. Mais independente, e professor, no dia que não tem aula é tão ruim. É muito ruim o dia que não tem aula.
Claudio:	Com mais liberdade?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	É e amizade que a gente faz.
Sr. Altino:	Aqui pra nós, você sabe que tem pessoa que tem vergonha de aprender a estudar?

Claudio:	É!?
Sr. Altino:	Chego pra gente... “tem vaga na minha escola, você quer estudá?” E eles... “a gente chega lá e as pessoas ficam zuando da minha cara”. Não! Deus pra todos.
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Ninguém vai mangar de ninguém.
Sr. Altino:	E você pode dar essa resposta “se eu nascesse sabendo não tava aqui com vocês”.
Claudio:	E pro senhor, o que o senhor percebe que a escola contribui na sua rotina, no seu dia-a-dia?
Sr. Altino:	A rotina pra mim foi boa porque pra mim aliviou a minha cabeça, eu esqueci um pouco certas amizades, porque amizades não leva ninguém à frente, só leva pra trás. É só pra chamar pra beber cachaça, arrear, então... eu não gosto de farra. Desde solteiro, eu nunca gostei de farra. Eu gosto de tomar minha cachacinha, mas eu gosto de tomar na minha casa.
Claudio:	Tá certo! E no dia-a-dia..., assim..., o senhor já falou, o senhor se sente com mais independência?
Sr. Altino:	Só não me sinto mais independente porque eu me sinto muito sozinho, né!? Pra não se sentir sozinho de tudo, eu arrumei uma coroa lá em cima pra gente namorar (risos). Tem que enrolar o tempo, né!?
Claudio:	E aí... Vocês têm alguma coisa a mais que vocês acham..., gostariam de dizer..., que podiam falar? A minha intenção aqui era essa, perceber se vocês se sentem com mais autonomia, se a escola, o estudar, ajudou vocês no dia-a-dia, na rotina. Como a senhora falou uma frase muito bonita ó, que a senhora colocou que o exemplo que como se a senhora enxergasse novamente, né!?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Com certeza!
Claudio:	O senhor colocou bastante coisas importantes... sobre a leitura, aliviar a cabeça do senhor, afastar de amizades ruins.
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Vou dizer uma coisa pro senhor. Só tenho a agradecer a Deus todo santo dia que às vezes eu deixava de pagar a minha conta porque às vezes eu não sabia quanto tinha vindo ali naquela conta. Ai no outro dia, meu filho quando chegava, que ele trabalha fora, né!? Eu já tinha saído. Quando eu chegava de noite ele não tava. Eu dizia, ai meu Deus! Como eu vou pagar essa conta!? Eu tô com medo desse dinheiro não dar pra pagar, porque eu não sei quanto veio. Agora, na caixinha do correio, a

	conta tá lá... Gente eu descobri o mundo, cada dia eu descobro uma coisa. Isso é muito bom.
Sr. Altino:	Eu na conta de matemática até que não sou ruim, sabe!? Sou até bom. Graças a Deus, sabe!? Porque eu vi a senhora também no mesmo papo ali. Todo mundo querendo estudar matemática ali, mas a senhora tava sempre na frente, sempre na frente. A gente fica estudando aqui, eu nessa cadeira aqui e ela lá na outra de lá... Eu não atrapalho ninguém, enquanto eu não termino eu fico de cabeça baixa aqui. Sabe!? Minha atenção é só ali. Não vou trocar ideia com o outro daqui, tem que aprender, eu aprender.
Claudio:	Mas... muito obrigado pela atenção de vocês, pela ajuda. Gostei muito, viu!?
D. M <sup>a</sup> . Deides:	Precisando estamos aí... Estamos aqui pra ajudar uns aos outros, né!? Com o pouco que a gente sabe...
Claudio:	Então muito obrigado!

**ENTREVISTA 5 – Realizada em 1º/11/2016, às 20h15 (duração de 15 minutos e 38 segundos), com a Senhora Sebastiana Emília de Jesus Figueiredo, de 61 anos, aluna matriculada na segunda etapa do 1.º segmento da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Classe 03 do Paranoá.**

Claudio: Boa noite, Dona Sebastiana!
Dona Sebastiana: Boa noite, Claudio!
Claudio: Hoje é... dia primeiro de novembro. Vamos conversar!?
Dona Sebastiana: Certo.
Claudio: Aí, a senhora fala pra mim o nome completo da senhora?
Dona Sebastiana: Sebastiana Emília de Jesus Figueiredo.
Claudio: Qual é a data de nascimento da senhora?
Dona Sebastiana: 01/09/1955.
Claudio: Qual é a idade da senhora?
Dona Sebastiana: 61 anos.
Claudio: Primeiro de setembro? E qual a é a idade da senhora?
Dona Sebastiana: Primeiro de setembro. Sessenta e dois anos.
Claudio: Sessenta e um, né!? Fez 61 anos.
Dona Sebastiana: Não, não... fiz 62 agora em setembro?
Claudio: Mas se a senhora nasceu em 55... é 61!
Dona Sebastiana: Sessenta e um!? Então é. Então eu fiz 61 agora.
Claudio: Onde que a senhora nasceu?
Dona Sebastiana: Em Pato de Minas.
Claudio: E a trajetória da senhora a partir de Patos. A senhora saiu de Patos e...
Dona Sebastiana: De Patos eu vim pra Brasília.
Claudio: Menina?
Dona Sebastiana: Seis anos.

Claudio: Já veio direto pra cá?
Dona Sebastiana: Já, direto pra Brasília.
Claudio: Com seis anos.
Dona Sebastiana: Seis anos. Aí de lá pra cá... De lá pra cá eu não fui mais embora. Fiquei por aqui mesmo. Aqui eu cresci, casei...
Claudio: E o que foi que trouxe a senhora?... Que no seu caso veio com a família?...
Dona Sebastiana: Acho que eles tavam caçando melhora pra cá, Claudio. Acho que tavam caçando melhora. Porque lá tava muito ruim.
Claudio: Trabalho...
Dona Sebastiana: Que eles trabalhavam na roça, né!? Meu pai e minha mãe. Eles tavam caçando melhora...
Claudio: Entendi. Ai então a senhora chegou com seis anos e ficou.
Dona Sebastiana: Cheguei e fiquei.
Claudio: A senhora praticamente chegou quando a cidade tava sendo feita, né!?
Dona Sebastiana: Exatamente.
Claudio: E sempre aqui no Paranoá?
Dona Sebastiana: Não, não, primeiro foi no Gama.
Claudio: No Gama?
Dona Sebastiana: Na cidade do Gama.
Claudio: E do Gama pra cá?
Dona Sebastiana: Do Gama... Depois que interei 17 anos é que me casei, né!? Aí, depois que me casei eu fui morar em Taguatinga. Depois de Taguatinga agente foi morar numa tal de uma olaria, lááá... perto de São..., perto de São..., São..., São... "Antoin", uma olaria que faz tijolo. Mas aí eu já era casada. Aí, depois de lá, nós voltamo para o Setor P Sul, fomos morar numa casa invadida. Aí dessa casa invadida, nós voltamo..., meu marido veio aqui no Paranoá e ficou sabendo que tava sendo invadindo aqui o Paranoá, o irmão dele falou pra ele. Daí ele veio, ele veio pra cá, invadiu um lote pra gente e daí agente veio morar aqui até hoje.
Claudio: A senhora faz ideia desde quando?
Dona Sebastiana: Já deve ter uns 32 anos, por aí...

Claudio: Vixe!
Dona Sebastiana: Muitos anos.
Claudio: E... tem filhos?
Dona Sebastiana: Eu tenho, tive 4, tudo homem.
Claudio: E hoje são quantos?
Dona Sebastiana: São 2, dois são falecidos. Meu marido também já é falecido.
Claudio: A senhora é viúva?
Dona Sebastiana: Uhum, viúva.
Claudio: E a profissão da senhora, qual é a ocupação da senhora?
Dona Sebastiana: Diarista, passadeira...
Claudio: E trabalha até hoje?
Dona Sebastiana: Uhum... Até hoje.
Claudio: É aposentada?
Dona Sebastiana: Ainda não.
Claudio: É pensionista?
Dona Sebastiana: Ainda não. Tô brigando na justiça.
Claudio: Não recebe pensão?
Dona Sebastiana: Não!
Claudio: Então a senhora vive do seu sustento.
Dona Sebastiana: É, exatamente.
Claudio: A renda da senhora, estimada, quanto?
Dona Sebastiana: Na faixa de uns mil reais.
Claudio: E da família, mora com os filhos ou mora sozinha?
Dona Sebastiana: Tenho um filho que mora comigo, o mais velho, que é separado. Ele é separado e mora comigo na minha casa. E tem o caçula... que eu fiz uns quatinhos pra ele no meu lote, pra não pagar aluguel. O caçula, mora lá também. Então mora todo mundo lá.
Claudio: E eles ajudam financeiramente?

Dona Sebastiana: Só o mais véi.
Claudio: O Mais velho?
Dona Sebastiana. O mais velho. Minha mãe também mora comigo, que ela ficou doente, ficou cega e não anda, e ela mora comigo, e ela também tem a aposentadoria dela. Meu filho trabalha e faz as despesas de casa, o mais velho.
Claudio: Não tem como a senhora estimar a renda dos três juntos?
Dona Sebastiana: Dos três juntos vai dar uns R\$ 2.500,00, de todo mundo junto. Ele tem as despesa dele, né!? Com os filho dele.
Claudio: Claro. E tem alguém que depende financeiramente da senhora?
Dona Sebastiana: Tem a minha neta que mora comigo. O pai dela faleceu e ela mora comigo e eu é que tenho que bancá ela. Ela tem 15 anos. Quando ele morreu, ele não tava trabalhando, aí ela não recebe pensão dele.
Claudio: Entendi. E a senhora não depende de ninguém?
Dona Sebastiana: Não, só dependo de mim mesma e de Deus.
Claudio: A casa é própria?
Dona Sebastiana: Casa própria.
Claudio: Muito bem. A frequência que a senhora convive com outras pessoas aí? Qual que é? O dia-a-dia da senhora sempre convivendo com alguém?
Dona Sebastiana: É. Minha amiga, Dona Isabel, os vizins. Minhas irmã, né!? Meus irmão...
Claudio: Então tem a escola, a vizinhança..
Dona Sebastiana: Tem a escola, amigas, a vizinhança...
Claudio: Parentes... no dia-a-dia. Esqueci de pôr um outro negócio aqui. A senhora se considera assim, uma pessoa sociável? Que gosta de conviver com outras pessoas?
Dona Sebastiana: Sim.
Claudio: E por que razão que a senhora gosta?
Dona Sebastiana: É porque se a gente ficar muito isolado é ruim, né!? É mior a gente conversa com os outro. A gente fica mais feliz.
Claudio: Qual é a história da senhora em relação à escola, a educação? Desde pequena lá em Patos, a senhora...

Dona Sebastiana: Eu comecei a estudar quando cheguei aqui em Brasília. Mas eu não podia estudá porque eu tinha que trabalhar. Eu tinha que trabalha porque meu pai era desses que só gostava de boa vida, sabe? O negócio dele era só viajá... não tava nem aí pra família... então nós fazia assim... minha mãe ia trabalhá pras casa dos outro e dormia por lá. E nós, os menino..., era eu mais três irmã e os menino..., a gente trabalhava, juntava dinheiro, fazia almoço e voltava, trabalha de novo. Desde criança que eu trabalho. Desde criança... eu comecei trabalhar, eu tinha 6 anos. Eu trabalhava aqui no Plano Piloto. Era dama de companhia das mulher alí.

Claudio: E aí..., a senhora nesse período não foi pra escola. E se foi não ficava...

Dona Sebastiana: Não tinha como estudar, porque tinha que trabalhá. Aí como ficava, trabalhá e estudá? Não tinha como. Tinha que trabalhá pra ajudá minha mãe. Meu pai nunca foi assim... bom de casa. Ele só assim, botô 7 filho no mundo pra sofrê. Não fazia compra pra dentro de casa, não alugava casa pra nós morá, nada.

Claudio: E quando a senhora conseguiu ir pra escola?

Dona Sebastiana: Moço, de vez em quando... aí, eu estudo dois, três méis... aí. Agora que eu tô conseguindo mais.

Claudio: E quando foi a primeira vez que a senhora conseguiu ir pra ficar um pouco mais de tempo?

Dona Sebastiana: Deixa eu ver... Eu nem lembro Claudio. Acho que foi... tem mais de cinco ano que eu estudei.

Claudio: Já na EJA?

Dona Sebastiana: Não. Era uma escola mesmo normal. Na EJA é a primeira vez. Tem mais de 5 ano, tem uns 6 ano que eu parei de estudá.

Claudio: E aqui nessa escola, a senhora começou quando?

Dona Sebastiana: Comecei agora. Deve ter uns....

Claudio: Esse semestre, né!?

Dona Sebastiana: Acho que sim, Claudio.

Claudio: Neste ano.

Dona Sebastiana: Foi sim, neste ano, que eu comecei, nessa escola, aqui pela primeira vez. Agora eu vou até o final.

Claudio: Se Deus quiser. E a senhora né!?

Dona Sebastiana: É (risos)...



Claudio: E o que leva a senhora a retomar o estudo na EJA? E a continuar se motivando pra vir?
Dona Sebastiana: Sabe o que é Claudio... eu tenho um sonho na vida, sabe?. Meu sonho é tirar minha carteira de motorista. Por isso que eu estou estudando. Aí eu quero tirar minha carteira. Se eu não estudá, como é que fica? É difícil, né!?
Claudio: Entendi. Já dirige?
Dona Sebastiana: Já. Aí se não tirá a carteira, como é que vai dirigí o carro?
Claudio: Esse é o principal motivo que motiva a senhora, que trás a senhora pra escola...
Dona Sebastiana: E também eu..., eu também, eu acho a coisa mais linda do mundo a pessoa pegá a caneta e escrevê o que quer. Eu acho muito bonito. Eu acho lindo demais. A pessoa pegá a caneta e não tem medo de nada. Vai e faz tudo o que tivé pensando. Esse também é meu sonho. O dia que eu der conta de fazê isso, vai ser a benção do Senhor. A Julieta não vem hoje não!?
Claudio: Daqui a pouco ela chega. E como é que a senhora tomou conhecimento da EJA?
Dona Sebastiana: Foi uma amiga minha que falou, que tava tendo essas aulas...
Claudio: Daqui!?
Dona Sebastiana: Daqui. Ela disse que... lá tá pegando gente pra estudá à noite. Daí vim, fiz a matrícula e comecei a estudá.
Claudio: E o que significa a educação e a escola pra senhora?
Dona Sebastiana: Significa tudo, né Claudio? Significa tudo. Tudo na vida você tem que ter a escola. Qualquer coisa que você vai fazer na sua vida você não precisa ler e escreve? Né!? Significa tudo, a escola.
Claudio: O que é que a senhora mais gosta na escola?
Dona Sebastiana: Do que eu mais gosto...!? Das aulas de português. Das aulas de português, das aulas de, de computação...
Claudio: E o que é que a senhora menos gosta? Tem alguma coisa?
Dona Sebastiana: Do que eu menos gosto... é da aula de matemática. Mas não é mesmo por causa da aula de matemática. É porque a professora é muito, ela não é muito boa não. Ela só bota a lição lá pra nós. Senta lá e não fala mais nada.
Claudio: O que a escola muda na senhora, ou mudou na senhora?
Dona Sebastiana: Mudou. Que agora eu tô aprendendo, eu to aprendendo. Aprender é muito bom, né!? Tudo de bom é você aprender.

Claudio: A senhora percebe se a escola contribui na sua rotina, no dia-a-dia, no seu cotidiano?
Dona Sebastiana: É. Contribui pra melhora né, Claudio?
Claudio: O quê? A senhora pode me dar algum exemplo?
Dona Sebastiana: Pois é, a gente fica em casa, a gente fica assim, com depressão. Aí cê vem pra escola, você conversa com os amigo, aí fica alegre, né!? Então a escola contribui pra você não ficar deprimido. Cê fica mais alegre, animado, né!? Ficá em casa você fica deprimido, é ruim demais... É horrível, né!?
Claudio: Ajuda a saúde da senhora, então?
Dona Sebastiana: Ajuda. Ixê, muito, muito, muito mesmo.
Claudio: E em relação à independência da senhora, a senhora se sente, assim..., com mais liberdade, com mais independência para se virar. A senhora percebe isso?
Dona Sebastiana: É... Sim.
Claudio: Pode dar algum exemplo do que a senhora já aprendeu na escola, contribui?
Dona Sebastiana: Eu já tô assim, escrevendo melhor, lendo melhor, já tô bem mais desenvolvida.
Claudio: Tá certo. Tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar em relação à escola, em relação à educação, como é que contribui assim pra senhora mesmo? Se pode ter melhorado, ajudado a senhora?
Dona Sebastiana: Deixa a gente mais tranquilo, mais..., mais esperto, não fica muito deprimido, não!? Então vem pra escola, você conversa com o professora, conversa com um, com outro... Você não fica muito deprimido... A escola contribui nesse sentido.
Claudio: Tá bom Dona Dona Sebastiana. Obrigado pela ajuda da senhora. Vai ser de muita valia e depois eu falo de novo com vocês. A senhora vai pra aula?
Dona Sebastiana: Eu vou. Obrigada viu Claudio!
Claudio: Eu que agradeço.